

GRAMÁTICA

A Sintaxe do Período Simples – Parte I



Presidente: Gabriel Granjeiro

Vice-Presidente: Rodrigo Calado

Diretor Pedagógico: Erico Teixeira

Diretora de Produção Educacional: Vivian Higashi

Gerente de Produção Digital: Bárbara Guerra

Coordenadora Pedagógica: Élica Lopes

Todo o material desta apostila (incluindo textos e imagens) está protegido por direitos autorais do Gran. Será proibida toda forma de plágio, cópia, reprodução ou qualquer outra forma de uso, não autorizada expressamente, seja ela onerosa ou não, sujeitando-se o transgressor às penalidades previstas civil e criminalmente.

CÓDIGO:

240628594826



BRUNO PILASTRE

Doutor em Linguística pela Universidade de Brasília. É autor de obras didáticas de Língua Portuguesa (Gramática, Texto, Redação Oficial e Redação Discursiva). Pela Editora Gran Cursos, publicou o “Guia Prático de Língua Portuguesa” e o “Guia de Redação Discursiva para Concursos”. No Gran Cursos Online, atua na área de desenvolvimento de materiais didáticos (educação e popularização de C&T/CNPq: <http://lattes.cnpq.br/1396654209681297>).

GRAN
CONCURSOS

SUMÁRIO

Apresentação	4
A Sintaxe do Período Simples – Parte I	6
Frase: Conceito e Classificação	6
Oração: Conceito e Classificação	7
Ordem dos Constituintes	9
A Estrutura do Período	11
A Estrutura do Parágrafo	12
A Noção de Sintagma	13
Sujeito	14
O Sujeito Determinado Simples	17
O Sujeito Determinado Composto	17
O Sujeito Indeterminado	18
A Oração sem Sujeito	19
Predicado: Nominal, Verbal e Verbo-Nominal	23
Predicado Nominal	26
Predicado Verbal	27
Predicado Verbo-Nominal	28
Predicativo do Sujeito e Predicativo do Objeto	28
Aposto	32
Vocativo	33
Resumo	36
Glossário	37
Mapas Mentais	38
Questões de Concurso	39
Gabarito	74
Gabarito Comentado	75
Referências	122

APRESENTAÇÃO

Olá! Como está o andamento de nossos estudos? O volume de leitura de todas as disciplinas e o número de questões consomem muita energia, não é? Mas é assim mesmo. Apenas com esse esforço diário, que envolve família, trabalho e vida pessoal, é possível crescer. Desejo que você continue com a mesma força e determinação para continuar este curso de gramática, que agora entra em nova fase.

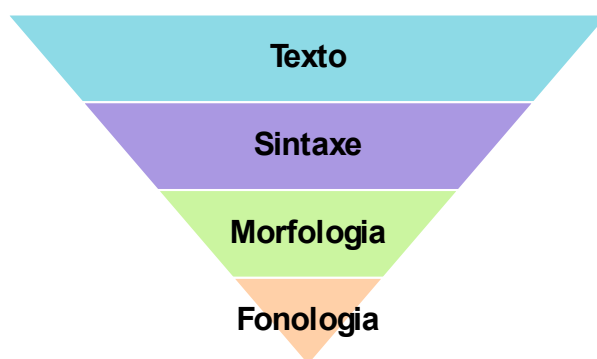
Nas aulas anteriores, vimos estes assuntos:

- o plano sonoro da linguagem: os sons da língua (**fonemas**), a nossa **ortografia** e os princípios que guiam a **acentuação gráfica**;
- a **estrutura da palavra** e os **processos de formação de palavras**;
- os princípios utilizados pela tradição gramatical para classificar as palavras;
- a diferença entre **classe morfológica** e **função sintática**;
- o emprego e o sentido das classes gramaticais: **substantivo**, **adjetivo**, **artigo**, **numeral**, **pronome**, **verbo**, **advérbio**, **interjeição**, **conjunção** e **preposição**.

A cada uma delas, apresentei diversas questões comentadas. Você deve ter percebido que, em muitos momentos, avançamos o conteúdo e trabalhamos com a sintaxe. Esse movimento de avanço é muito natural no ensino de análise linguística (gramática), porque os conteúdos estão inter-relacionados. Nas próximas aulas, esse movimento também estará presente, com o acréscimo do movimento de retorno aos conteúdos das primeiras aulas do curso.

Caso você perceba que alguma coisa não tenha ficado clara (ou longe na memória), volte ao tópico e o estude novamente, certo?

Para completar essa introdução, eu abordarei uma noção muito relevante em linguística: os níveis de análise. Como você notou, partimos dos sons da língua (fonemas), avançamos com os morfemas (na morfologia) e as classes de palavras, chegando agora à sintaxe. Essa sequência é tida como crescente em nível de articulação. Assim, a sintaxe comporta fenômenos fonológicos e morfológicos. O nível de análise acima da sintaxe é o texto (que você estuda no curso de **Interpretação de Textos**). A estruturação dos níveis de análise é semelhante a uma pirâmide invertida:



O que há de comum a todos esses níveis? A resposta é simples: todos os produtos de cada nível são produzidos linearmente (na fala e na escrita). Assim, quando eu digo “casa”, há duas sílabas: ca – sa. A primeira sílaba é uma sequência de uma CONSOANTE e de uma VOGAL (**ca**). O mesmo ocorre com a segunda sílaba, **sa**. Essa é uma sequência linear de fonemas (faz parte, portanto, da fonologia do português).

Na morfologia, os nomes são flexionados em gênero e número. Assim, a palavra “autoras” é resultado da combinação linear do radical “autor”, do morfema de gênero “-a” e do morfema de número “-s”.

Na sintaxe, a combinação linear de palavras forma itens maiores, como a oração “O cachorro mordeu o menino”.

Nas próximas aulas, estudaremos principalmente **o modo** como as palavras são combinadas (e os efeitos de sentido dessas combinações). Como eu já disse, essa combinação de palavras ocorre linearmente (isto é, uma palavra segue a outra em linha, tanto na oralidade quanto na escrita).

Pronto, já passei o recado! Agora é hora de abordar a sintaxe da língua portuguesa! Ao trabalho!

Ah, não se esqueça de PRATICAR MUITO, naquele mesmo esquema:

- estude o conteúdo teórico;
- resolva as **Questões de Concurso**;
- após a resolução, confira o **Gabarito**;
- se houver divergência entre a sua resposta e o gabarito, volte ao assunto da aula. Confira também os meus comentários na seção **Gabarito Comentado**.

A SINTAXE DO PERÍODO SIMPLES – PARTE I

FRASE: CONCEITO E CLASSIFICAÇÃO

Frase é a expressão linguística oral ou escrita com vistas à comunicação (HAUY, 2014). Há dois tipos básicos de frase:

- frase nominal;
- frase verbal.

A frase nominal é caracterizada pela **ausência de núcleo verbal predicator**. A frase verbal, por sua vez, é caracterizada pela **presença de um núcleo predicator verbal (em especial, um verbo flexionado)**.

Por não possuir um núcleo verbal predicator, as frases nominais precisam de informações sobre a situação contextual, como imagens, o local em que ocorrem (se uma placa, um anúncio publicitário etc.). As frases verbais são mais independentes em relação a essas informações sobre a situação contextual em que ocorrem.

A seguir, eu apresento exemplos de frases nominais e frases verbais:

Frases nominais	Frases verbais
Linda casa 4 quartos.	Eu comprei uma linda casa com 4 quartos.
Vidas Secas.	Eu já li o livro "Vidas Secas".
Nossa, que calor!	Naquele dia eu senti muito calor!
À sombra do Presidente.	Li a reportagem "À sombra do Presidente", publicada em uma revista semanal.

As frases nominais são utilizadas comumente em títulos de obras/notícias/reportagens ou em descrições de objetos/locais/seres.

Obs.: Ah, importante dizer: muitas **expressões interjetivas** também são analisadas como frases nominais.

Além de contextos mais particulares, em que ocorrem sozinhas, as frases nominais também são utilizadas internamente ao texto, de modo a trazer expressividade ao que está sendo escrito.

As frases verbais são utilizadas nos demais contextos, sendo mais abundantes porque possuem mais autonomia em relação ao contexto.

Uma boa definição de **frase** é dada por Othon M. Garcia:

Obs.: Frase é todo enunciado suficiente por si mesmo para estabelecer comunicação (GARCIA, 2013).

Nessa definição, então, vemos que as duas formas de frase estão contempladas: as nominais e as verbais.

As frases também são classificadas quanto ao tipo:

- frases **declarativas** ou **enunciativas**: expressam um juízo.

EXEMPLO

Eu fui aprovado no concurso.

- frases **interrogativas** (diretas ou indiretas): têm função de interpelar o ouvinte.

EXEMPLOS

Você viu o acidente?	[direta]
Quero saber onde a sua irmã mora	[indireta]

- frases **exclamativas**: exprimem diversos sentimentos.

EXEMPLO

Não acredito!

- frases **optativas**: manifestam votos, desejos.

EXEMPLO

Deus me ajude.

- frases **imperativas** (injuntivas): exprimem ordem, pedido, súplica.

EXEMPLO

Saia daqui.

Pronto, já estamos de posse da noção de **Frase**. Podemos seguir com a caracterização da **Oração**.

ORAÇÃO: CONCEITO E CLASSIFICAÇÃO

A oração é uma expressão que possui como termo central uma estrutura predicatora de natureza verbal. A importância de o verbo estar flexionado tem origem na seguinte comparação:

EXEMPLOS

(A) José **ler** o jornal.

(B) José **leu** o jornal.

Das duas expressões acima, apenas uma é natural em língua portuguesa (a registrada em (b)). Além disso, apenas na expressão em (b) podemos fazer um juízo de verdadeiro ou falso. Quero dizer o seguinte: quando produzimos a expressão em (a), não é possível dizer se o que está dito é verdadeiro ou falso. No caso de (b), diferentemente, isso é possível (José pode ou não ter lido o jornal).

Assim, podemos afirmar que a expressão em (b) é uma oração, pois comporta uma proposição (a qual é passível de um juízo de verdadeiro ou falso). Também podemos dizer que apenas proposições que comportam um verbo finito são proposições, pois apenas verbos finitos são passíveis de juízo.

As gramáticas do português são consensuais na caracterização de uma oração como a junção de um SUJEITO e um PREDICADO (são os chamados **termos essenciais**). O **predicado** pode ser caracterizado como “aquilo que se afirma ou nega em relação ao sujeito”. Por isso dizemos que **o predicado se refere a um sujeito**. Temos, então, o seguinte:

Obs.: Oração = Sujeito + Predicado

As orações podem ser **absolutas** ou **subordinadas**. No caso das absolutas, um único núcleo verbal é capaz de formar o predicado que será atribuído a um sujeito. Nas orações subordinadas, uma estrutura oracional funciona como um elemento hierarquicamente inferior (isto é, que na oração absoluta não possui o *status* de oração, como um adjunto adnominal ou um objeto direto). Veremos as subordinadas na próxima aula, mas é importante que essa ideia já fique ativa em sua lembrança.

Para terminar essa parte sobre as orações, observo que a ideia de núcleo verbal é diferente de **um único verbo**. Veja as frases a seguir:

EXEMPLOS

(A) A Joana **vai chegar** cedo.

(B) O rapaz **havia tido** uma grande dor de dente antes do tratamento.

Tanto a frase em (a) quanto a frase em (b) possuem apenas **uma oração**, pois a locução “vai chegar” funciona como um único núcleo verbal (chegará). O mesmo vale para “havia tido”, em (b), que equivale à forma “tivera”.

EXEMPLOS

(A) A Joana **chegará** cedo.

(B) O rapaz **tivera** uma grande dor de dente antes do tratamento.

DIRETO DO CONCURSO



001. (FGV/TJ-AP/TÉCNICO/2024) A opção em que o tipo da frase – declarativa, interrogativa, exclamativa, injuntiva – está corretamente indicado, é:

- a) Saia daqui e não volte mais! / injuntiva;
- b) Eu queria um sorvete de baunilha / exclamativa;
- c) Olhe só! Eles estão chegando / declarativa;
- d) Não faça barulho, por favor! / exclamativa;
- e) Por que você não aprende computação? / injuntiva.



Apenas a classificação em (A) está correta: a sentença “saia daqui e não volte mais” é injuntiva. Por injuntiva, a banca se refere às estruturas imperativas, as quais buscam mobilizar o interlocutor para a realização de alguma atividade. Nas demais alternativas, as classificações corretas seriam: (B) declarativa, (C) exclamativa, (D) injuntiva e (E) interrogativa.

Letra a.

ORDEM DOS CONSTITUINTES

Um conteúdo bem recorrente em concursos públicos, principalmente em questões de reescrita, é a ordem dos constituintes (termos) da oração. O examinador, muitas vezes, propõe a mudança na ordem de um termo e pergunta se há ou não alteração de sentido/correção gramatical. Imagine a oração a seguir:

EXEMPLOS

- (A) **Apenas** a Maria usou o uniforme.
- (B) A Maria **apenas** usou o uniforme.

E então, qual é o novo sentido resultante da alteração da posição da palavra “apenas”? Em (a), o sentido é de que somente a Maria usou o uniforme (e ninguém mais). Em (b), é dito que ela fez apenas uma ação: usar o uniforme (e não fez nada além disso). Veja como é importante perceber essas alterações de sentido, certo? Isso é muito relevante em provas de concurso – muito mesmo.

Bom, voltando à teoria: no começo desta aula, eu falei que as expressões linguísticas são produzidas linearmente. Isso acontece na fonologia, na morfologia, na sintaxe e no texto. Vamos aos exemplos:

EXEMPLOS

Fonologia: na sílaba “ca”, de “casa”, a consoante é seguida linearmente por uma vogal.

Morfologia: na palavra “casas”, a raiz “cas-” é seguida pela vogal temática “-a” e pelo morfema de plural “-s”.

Sintaxe: na oração “O rapaz assustou a colega”, o sujeito “O rapaz” é seguido pelo predicado “assustou a colega”.

Vamos agora olhar mais atentamente para essa sequência linear da oração.

Em português, a ordem canônica (padrão, direta) dos constituintes da oração é a seguinte:

Obs.: SUJEITO VERBO OBJETO

Essa ordem é chamada de “ordem **SVO**”. Na verdade, essa ordem poderia ser resumida em SP: SUJEITO E PREDICADO. Os predicados, como veremos, podem ser verbais, nominais e verbo-nominais. Quando verbais, podem selecionar um complemento (por exemplo, um objeto). É por isso que a ilustração padrão da ordem dos constituintes da oração é feita com **Verbo** e **Objeto** (termos que formam o predicado). Olhe o exemplo a seguir:

EXEMPLO

O rapaz assustou a colega.

Sujeito Verbo Objeto

A grande pergunta a ser feita é: por que é preciso conhecer essa ordem canônica? Agora há pouco eu falei nas alterações de sentido que a ordem de uma palavra pode ocasionar. Na oração acima (O rapaz assustou a colega), temos que o sujeito exerce a função semântica de agente (aquele que assusta) e o termo objeto exerce a função semântica de paciente (aquele que experiencia o susto). Se mudarmos a ordem dos termos, os papéis também são alterados:

EXEMPLO

No original:

O rapaz assustou a colega.

Sujeito Verbo Objeto

Agente Paciente

Mudando a ordem:

A colega assustou o rapaz.

Sujeito Verbo Objeto

Agente Paciente

Ficou claro? Bom, há outro fator importante na questão da ordem dos constituintes. Trata-se da pontuação do texto escrito. Veja, por exemplo, a regra mais importante no uso da vírgula:

Obs.: NÃO SE SEPARA COM VÍRGULA o sujeito de seu predicado

Outra regra de vírgula faz referência à relação entre o verbo e o seu complemento (quando existe): **não se separa com vírgula o verbo de seu complemento.**

Mais uma regra de vírgula relacionada à ordem dos constituintes da oração: se algum constituinte estiver **deslocado** de sua ordem natural, deve-se indicar tal deslocamento por meio de vírgula. Veja só:

EXEMPLO

A colega,	o rapaz	assustou.
Objeto,	Sujeito	Verbo

A vírgula está presente para marcar uma ordem não canônica (ordem indireta, inversa): o objeto está à frente do sujeito.

Fica claro, então, saber que conhecer a ordem dos termos é determinante para o domínio da sintaxe da Língua Portuguesa.

Na sequência do curso, estudaremos cada um dos constituintes da oração. À medida que eles forem surgindo, eu indico a posição canônica de cada um e as possíveis mudanças de ordem (marcadas por vírgula). Em nossa última aula, eu sistematizarei as regras de vírgula, ok?

Em nosso gabarito comentado, você observará exemplos de questões com o conteúdo relacionado à ordem canônica (e possíveis mudanças dessa ordem). Eu tentarei ser o mais explicativo e claro nesses comentários, certo?

Vamos seguir, agora, com a estrutura do período.

A ESTRUTURA DO PERÍODO

O período é uma unidade linguística que comporta uma ou mais orações. Na escrita, o período é marcado por letra maiúscula inicial e pontuação final (ponto final ou equivalente).

Os tipos de períodos são os seguintes:

- **Simples**, quando há uma única oração.
- **Composto**, quando há mais de uma oração:
 - por **coordenação**: orações que são sintaticamente equivalentes (exercem função semelhante).
 - por **subordinação**: quando uma oração exerce a função de constituinte sintático de uma oração principal.

A estrutura do período está vinculada a uma estrutura maior, a do parágrafo.

A ESTRUTURA DO PARÁGRAFO

Segundo Othon M. Garcia (2013), “o parágrafo é uma unidade de composição constituída por um ou mais de um período, em que se desenvolve determinada ideia *central*, *nuclear*, à qual se agregam outras, denominadas *secundárias*, as quais são intimamente relacionadas pelo sentido e logicamente decorrentes delas.

O parágrafo é a divisão do texto escrito, indicada pela mudança de linha, cuja função é mostrar que as frases aí contidas mantêm maior relação entre si do que com o restante do texto. Em textos jurídicos, o parágrafo é indicado pelo sinal (§), o qual é a junção de duas letras esse (ss), cada esse equivalendo às iniciais da expressão latina *Signum sectionis*, cujo significado é *senal de seção*. Nos textos não jurídicos, a indicação do parágrafo é feita pelo recuo da linha em relação à margem esquerda.”

Professor, como esses conhecimentos são exigidos nas provas?

Certamente você já viu a questão solicitar que você encontre um trecho do texto, certo? Por exemplo: “no terceiro período do quarto parágrafo, o termo X pode ser substituído por Y”. Para encontrar corretamente o trecho, é preciso **localizar** o quarto parágrafo e, depois, o terceiro período desse parágrafo. Essa habilidade de localizar informações no texto pela referência a parágrafos e períodos deve ser bem trabalhada por você na resolução de questões, ok? Fique bem atento(a)!

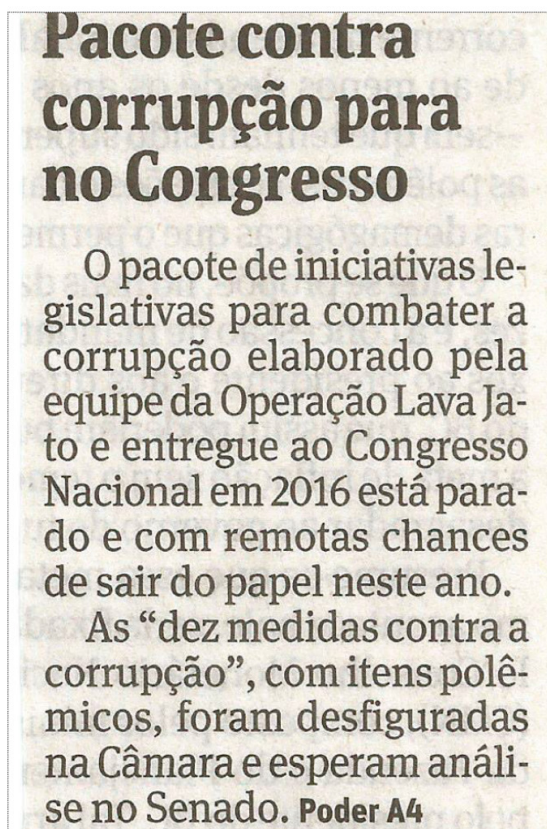
Em questões de interpretação de textos, também é comum a avaliação da **ideia central** do parágrafo. Portanto, não deixe de registrar o quão importante é esse conteúdo para a sua prova, hein!

Além dos termos **frase**, **oração**, **período** e **parágrafo**, os estudos linguísticos (e algumas provas de concurso) fazem referência a uma outra noção linguística, a de **sintagma**. Eu adotarei essa noção ao longo das aulas, por isso é importante trabalhá-la.

A NOÇÃO DE SINTAGMA

O **sintagma** é um conjunto de elementos que constituem uma unidade significativa dentro da oração e que mantêm entre si relações de dependência e de ordem. Os elementos organizam-se em torno de um elemento fundamental, denominado **núcleo**, o qual pode, por si só, constituir o sintagma.

Leia a oração a seguir, extraída do jornal Folha de São Paulo (26 de fevereiro de 2018). A transcrição segue a imagem:



Pacote contra corrupção para no Congresso

O pacote de iniciativas legislativas para combater a corrupção elaborado pela equipe da Operação Lava Jato e entregue ao Congresso Nacional em 2016 está parado e com remotas chances de sair do papel.

No corpo do texto (sem negrito), há apenas um (1) período simples. Você consegue identificar o sujeito da oração presente nesse período? Vamos lá:

Sujeito	Predicado
O pacote de iniciativas legislativas para combater a corrupção elaborado pela equipe da Operação Lava Jato e entregue ao Congresso Nacional em 2016	está parado e com remotas chances de sair do papel.

Estamos diante de um sujeito “grandão”, não é? Apesar desse sujeito ser grandão, é possível encontrar o núcleo: **pacote**. Em torno desse núcleo, há diversos elementos subordinados ao núcleo “pacote”. Todo o grupo **NÚCLEO + ELEMENTOS SUBORDINADOS** forma uma unidade significativa, denominada **sintagma**. Para mostrar que estamos diante de uma unidade significativa, basta verificar se esse sujeito da frase acima pode ser substituído pelo pronome reto “ele” (de terceira pessoa, masculino, singular – semelhante aos traços do termo “pacote”):

EXEMPLO

Ele está parado e com remotas chances de sair do papel.

O pronome “ele” substitui não apenas o núcleo, mas o grupo **NÚCLEO + ELEMENTOS SUBORDINADOS**. Com isso, comprovamos estar diante de um sintagma.

Tudo certo, então. Fechamos, aqui, as noções elementares de sintaxe. Podemos seguir com a caracterização do período simples. Começamos pelos termos essenciais (sujeito e predicado) e seguimos com os termos integrantes da oração.

SUJEITO

Talvez a noção de sujeito seja a mais importante em todo o conteúdo de gramática para concursos públicos. Há muitas, muitas questões sobre essa função sintática – e é quase certo que haverá uma questão sobre ela em sua prova.

Já disse que uma oração é formada pelo par [SUJEITO – PREDICADO]. Em termos informacionais, o predicado é tudo aquilo que se afirma ou nega a respeito do sujeito. Sintaticamente, o predicado estabelece uma relação de **concordância** com o seu sujeito. Essa concordância pode ser entendida como um processo de *harmonização* entre as propriedades gramaticais de número e pessoa do sujeito e de flexão verbal (que são manifestadas pelo morfema de número-pessoa).

Propriedades gramaticais do sujeito →	desencadeia concordância →	na flexão do verbo, a qual manifesta as propriedades do sujeito pelo morfema de número-pessoa.
Nós		chegamos
		

Podemos entender a relação entre o sujeito “Nós” e o predicado “chegamos” da seguinte maneira:

- Relação **informacional**: “chegar” é o que se afirma em relação a um grupo de indivíduos (“nós”).
- Relação de **concordância**: o sujeito possui as propriedades de número (plural) e pessoa (primeira). Essas propriedades são representadas pela flexão do verbo “chegar”: desinência “-mos”, que significa **primeira pessoa do plural**.

Há ainda uma última propriedade gramatical caracteriza o sujeito de uma oração. Vamos entendê-la a partir do contraste entre as frases a seguir:

EXEMPLOS

- (A) João encontrou um antigo professor.
- (B) **Ele** encontrou um antigo professor.
- (C) **Ele o** encontrou.

Na frase em (a), temos o sujeito “João” e o predicado “encontrou um antigo professor”. Se substituirmos o sujeito “João” por um pronome equivalente (isto é, de terceira pessoa do singular), temos a frase em (b): “Ele encontrou um antigo professor”.

Além de “João”, outro termo da frase em (1ª) pode ser substituído por um pronome: é o objeto (complemento direto do verbo) “um antigo professor”. A substituição transforma o objeto no pronome “o” (de terceira pessoa do singular), e temos a frase em (c).

Está claro até aqui? O que eu estou tentando dizer é o seguinte: o sujeito e o objeto de uma oração podem ser substituídos por formas pronominais. A frase em (c) é uma representação disso: o sujeito “João” foi substituído pelo pronome “Ele” e o objeto “um antigo professor” foi substituído pelo pronome “o”.

Essa substituição dos pronomes não é aleatória. Trocar o sujeito “João” pelo pronome “o” tornaria a oração incorreta:

EXEMPLO

- (D) **O** encontrou um antigo professor.

É por isso que a tradição gramatical afirma que **os pronomes pessoais retos** exercem a função de **sujeito da oração**. Relembrando os pronomes pessoais retos (que exercem a função de sujeito), temos:

- | | |
|-------------------------|------------------|
| • 1ª pessoa do singular | EU |
| • 2ª pessoa do singular | TU |
| • 3ª pessoa do singular | ELE/ELA |
| • 1ª pessoa do plural | NÓS |
| • 2ª pessoa do plural | VÓS |
| • 3ª pessoa do plural | ELES/ELAS |

Os pronomes que exercem as funções sintáticas de **objeto direto** e objeto indireto serão abordados na sequência.

Outros pronomes também podem exercer a função sintática de sujeito:

Pronomes que podem exercer a função sintática de sujeito		
Demonstrativos	Indefinidos	Relativo
este(s), esta(s), isto esse(s), essa(s), isso, aquele(s), aquela(s), aquilo	Algum(a)(s) Alguém Nenhum(a)(s) Ninguém Outro(a)(s) Outrem Muito(a)(s) Pouco(a)(s) Certo(a)(s) Vários(as) Tanto(a)(s) Quanto(a)(s) Qualquer Quaisquer Nada Cada Algo	Que O qual Os quais A qual Os quais

Os pronomes **possessivos** e **interrogativos** também podem funcionar como sujeitos sintáticos, mas são mais exigentes em relação à presença de um determinante.

Pronto, agora temos uma definição mais clara de sujeito:

- o sujeito é o termo da oração sobre o qual recai a predicação (sobre o qual se diz algo). É nessa noção que fazemos a pergunta para encontrar o sujeito de uma predicação: **quem é que [predicado]**? A resposta a essa pergunta dirigida ao predicado será o sujeito da oração;
- o sujeito é o termo com o qual o verbo concorda (isto é, o verbo concorda em número e pessoa com o seu sujeito); e
- o sujeito, quando em forma pronominal, manifesta-se sob a forma de um pronome pessoal reto.

Agora discutirei os tipos de sujeito, a saber:

- DETERMINADO (EXPLÍCITO):
 - Simples
 - Composto
- DETERMINADO: OCULTO, ELÍPTICO OU DESINENCIAL
- INDETERMINADO

Também consideraremos a **oração sem sujeito**.

O SUJEITO DETERMINADO SIMPLES

O sujeito simples é aquele cujo núcleo é formado por **um único elemento**. Esse elemento pode ser um substantivo ou um pronome.

EXEMPLOS

(A) O **rapaz** chegou cedo. [um único núcleo substantivo]

(B) **Nós** estamos de partida. [um único núcleo pronominal]

Lembrando que esse único elemento pode estar indicando pluralidade, ok? Nesse caso, o verbo concordará no plural. Simples, portanto, é o núcleo sintático do sujeito (isto é, apenas um núcleo). Se dissermos:

EXEMPLO

Os melhores **amigos** do Pedro chegaram.

O sujeito será determinado simples, com um único núcleo (plural): “amigos”.

O SUJEITO DETERMINADO COMPOSTO

O sujeito composto é aquele formado por dois ou mais núcleos (substantivos e/ou pronominais).

EXEMPLOS

(A) O **Ofélia**, o **Arnaldo** e o **Antenor** chegaram cedo.

(B) **Eu**, **ele** e **ela** participaremos da atividade.

O sujeito determinado simples e o sujeito determinado composto apresentados acima (2a-b e 3a-(B)) são **EXPLÍCITOS**. Isso quer dizer que a forma sintática do sujeito está representada foneticamente (estão presentes, explícitos).

A ideia de **DETERMINADO** é a seguinte: um sujeito é **determinado** se for possível identificá-lo na cadeia do discurso. No caso dos sujeitos explícitos, fica claro que é possível determinar (identificar) o sujeito. A questão é que nem sempre os sujeitos estão explícitos (representados foneticamente): esse é o caso dos sujeitos implícitos (chamados de **elípticos**, **ocultos** ou **desinenciais**).

Os sujeitos implícitos (elípticos, ocultos ou desinenciais) são aqueles em que é possível recuperar o sujeito na cadeia do discurso (isto é, são determinados). Para identificá-los, é preciso olhar para a flexão do verbo (desinência), como a seguir:

EXEMPLOS

(A) **Saí** mais cedo para poder assistir ao jogo.

[**EU** saí: 1ª pessoa do singular]

- ◇ (B) **Ficamos** esperando por muito tempo.
[**NÓS ficamos**: 1ª pessoa do plural]
- ◇ (C) A moça estava entediada. Toda vez **olhava** para o relógio.
[**ELA olhava**: 3ª pessoa do singular]
- ◇ (D) O vendedor e a cliente não se entenderam. **Ficaram** discutindo em voz alta.
[**ELES ficaram**: 3ª pessoa do plural]

As formas imperativas (de 2ª pessoa, singular ou plural) também possuem sujeito determinado implícito (porque é possível identificar o sujeito do verbo, que é de segunda pessoa: com quem se fala).

O SUJEITO INDETERMINADO

É possível que, em um texto, não se queira ou não se saiba referenciar o sujeito na cadeia do discurso. Só é possível indeterminar o sujeito com a 3ª pessoa: isso porque a 1ª pessoa e a 2ª pessoa SEMPRE estão presentes na cadeia do discurso (a 1ª pessoa é o enunciador; a 2ª pessoa é o receptor).

As duas estruturas de sujeito indeterminado são as seguintes:

- Verbos na 3ª pessoa do plural SEM referente anterior:

EXEMPLOS

- ◇ (A) **Disseram** que você se veste mal.
- ◇ (B) Se **quiserem** falar mal de mim, que **falem**.
- Verbo* na 3ª pessoa do singular (SEMPRE!) + **-se****.

Obs.: * Esse verbo deve ser **intransitivo** ou **transitivo indireto**. Se for transitivo direto, é preciso analisar se há ou não sujeito presente (se houver, estaremos diante de uma passiva sintética).

** A forma “-se”, nessa construção, é chamada de **índice de indeterminação do sujeito**.

EXEMPLOS

- ◇ (A) **Vive-se** bem quando há serviços públicos de qualidade.
[verbo intransitivo na 3ª pessoa do singular + “-se”]
- ◇ (B) **Lê-se** pouco nas escolas públicas.
[verbo intransitivo na 3ª pessoa do singular + “-se”]
- ◇ (C) **Precisa-se** de bons educadores nas escolas públicas.
[verbo transitivo indireto na 3ª pessoa do singular + “-se”]

Na sequência de nosso curso, compararemos as construções acima com as passivas sintéticas.

Vamos agora estudar a oração SEM sujeito.

A ORAÇÃO SEM SUJEITO

É possível que uma predicação não seja atribuída a nenhuma entidade. Por exemplo, veja a frase “Choveu muito ontem”. Não faz sentido algum realizar a pergunta “quem choveu?” – pergunta essa que poderia recuperar o sujeito da oração.

A oração sem sujeito possui como núcleo um **verbo impessoal**, o qual SEMPRE ocorre na forma da **terceira pessoa do singular**. São impessoais os seguintes verbos (seguidos dos exemplos):

- Verbos que exprimem **fenômenos meteorológicos**:

EXEMPLOS

- (A) Todos os dias choveu torrencialmente.
- (B) No Piauí faz muito calor.
- (C) Na Rússia faz muito frio.
- (D) Raramente neva no Brasil.

- Verbos que **denotam tempo** decorrido:

EXEMPLOS

- (A) Faz 10 minutos que estou esperando.
- (B) Faz 5 anos que não vou a Curitiba.

- Verbos **haver** no sentido de **existir***:

EXEMPLOS

- (A) Havia muitos feridos no incêndio.
- (B) Houve muitos manifestantes na Praça Cívica.

Obs.: *Quando for possível substituir “**haver**” por “**existir**”, estamos diante de um verbo “**haver**” impessoal. No entanto, quando a substituição for realizada, o verbo “**existir**” DEVE manifestar concordância (ou seja, “**existir**” não é impessoal):

- (A) Existiam muitos feridos no incêndio.
- (B) Existiam muitos manifestantes na Praça Cívica.

Quando o verbo “haver” estiver sendo usado em perífrases verbais (sem ter sentido existencial), a concordância deve ocorrer:

EXEMPLO

Eles **havam comprado** todo o equipamento.

- Verbos que denotam **suficiência** ou **sensação**:

EXEMPLOS

(A) Basta de guerras!

(B) Chega de lamúrias.

Ufa! Quanto detalhe nessa parte sobre a noção de sujeito..

PEGADINHA DA BANCA

Grande parte das bancas, principalmente a CEBRASPE, a FCC e a FGV, avalia a situação em que o **sujeito da oração ocorre APÓS O PREDICADO**. Como vimos na aula anterior, a ordem canônica da oração é SVO, mas em muitos textos o sujeito está posposto, como em “Disse o rapaz que nunca mais voltaria lá”. Nesse caso, vale a pena sempre perguntar ao predicado: “quem é que [predicado]?”. Fique atento(a)!

ATENÇÃO

Olha só, essa informação é muito importante: **NÃO EXISTE SUJEITO PREPOSICIONADO** (isto é, introduzido por preposição). Essa é uma lei em Língua Portuguesa. Assim, sempre que houver um termo preposicionado, certamente ele não será o sujeito da oração.

Para encerrar essa parte da aula sobre a função de sujeito, falo brevemente sobre o **sujeito oracional**. Observe as orações a seguir:

EXEMPLOS

(A) Comer frituras não é saudável.

(B) Importava descobrir e estudar o comportamento da COVID-19.

(C) Cumpre trabalharmos bastante

Nas orações acima, temos um sujeito nucleado por uma forma verbal (o infinitivo, flexionado ou não). Para encontrá-los, basta fazer a pergunta: “quem é que [predicado]?”, chegando às seguintes respostas:

EXEMPLOS

- (A) comer frituras
- (B) descobrir e estudar o comportamento da COVID-19
- (C) trabalharmos bastante

Todas essas formas são consideradas **sujeitos oracionais**.

Pronto, isso basta em relação à função sintática de sujeito. Podemos seguir com o trabalho de análise sintática. Estudaremos agora o predicado.

DIRETO DO CONCURSO



2. (CEBRASPE/MPE-TO/ANALISTA/2024)

Diversamente, Bergson, ao analisar o desenvolvimento do impulso vital na obra *Evolução criadora*, **observa** que “torpor vegetativo, instinto e inteligência” são os elementos comuns às plantas e aos animais. E, definindo a inteligência pela fabricação de objetos, fenômeno identificado como comum aos animais, **encontra** no ser humano a particularidade da fabricação de objetos artificiais, o que lhe permite avançar à seguinte conclusão: “Se pudéssemos nos despir de todo orgulho, se, para definir nossa espécie, nos ativéssemos estritamente ao que a história e a pré-história nos apresentam como a característica constante do ser humano e da inteligência, talvez não disséssemos *Homo sapiens*, mas *Homo faber*. Em conclusão, a inteligência, encarada no que parece ser o seu empenho original, é a faculdade de fabricar objetos artificiais, sobretudo ferramentas para fazer ferramentas, e de diversificar ao infinito a fabricação delas.”.

Demerval Saviani. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. Internet: (com adaptações).

Julgue o item subsequente, a respeito do modo de encadeamento e de retomada das ideias ao longo do texto precedente.

No último parágrafo do texto, o termo que funciona como sujeito das orações expressas pelas formas verbais “observa” (primeiro período) e “encontra” (segundo período) está elíptico.



Para o primeiro verbo, o sujeito é manifesto: Bergson observa que [...]. No segundo caso, o sujeito está elíptico. Como a banca afirma que o sujeito das duas orações está elíptico, devemos julgá-la como errada.

Errado.

QUESTÃO INÉDITA

No cenário de exclusão e violência, é preciso radicalizar a política de ampliação do acesso à justiça. Para tanto, não basta a inclusão no sistema da maioria excluída. Há consenso de que o acesso à justiça não se limita ao direito de acessar o Judiciário. Para que a promoção da justiça seja tarefa de todos, é necessário romper os limites das liturgias forenses e levar a justiça onde o conflito está, ou seja, na vida, na casa e na rua. Nesse sentido, a política de universalização do acesso à justiça deve contemplar dois eixos de atuação: o de proteção dos direitos violados (inclusive quando o órgão violador é o próprio Estado) e o de prevenção da violência, por meio do envolvimento da sociedade na formulação de uma política que assegure direitos e promova a paz.

Glaúcia Falsarella Foley. Nova política de acesso à justiça é possível. In: Correio Braziliense, 22/12/2014 (com adaptações).

002. (INÉDITA/2024) Com relação às ideias e aos aspectos linguísticos do texto anterior, julgue o item a seguir.

No trecho “Há consenso de que o acesso à justiça” (terceiro período do segundo parágrafo), o verbo é impessoal e, por isso, sempre se flexiona na terceira pessoa do singular.



Quando denota existência, o verbo “haver” é impessoal e sempre se flexiona na terceira pessoa do singular. É exatamente isso o que ocorre no trecho em análise (note que a forma verbal “Há” pode ser substituída por “Existe”).

Certo.

“Sete quedas por mim passaram,
E todas sete se esvaíram.
Cessa o estrondo das cachoeiras, e com ele
A memória dos índios, pulverizada,
Já não desperta o mínimo arrepio.
[...]
Sete quedas por nós passaram,
E não soubemos, ah, não soubemos amá-las”

(Adeus a Sete Quedas. Carlos Drummond de Andrade.)

003. (INÉDITA/2024) No texto precedente, a forma verbal que vem antes de seu sujeito é

- a) passaram
- b) esvaíram

- c) cessa
- d) desperta
- e) soubemos



O sujeito da forma verbal “cessa” é “o estrondo das cachoeiras” (alternativa C), o qual está posposto ao verbo. Nos demais casos (A, B, D e E), os sujeitos não estão pospostos: sete quedas passaram; todas as sete se esvaíram; a memória dos índios já não desperta; e [nós (elíptico)] não soubemos.

Letra c.

PREDICADO: NOMINAL, VERBAL E VERBO-NOMINAL

Na parte anterior dessa nossa aula, falamos da “parte à esquerda” do par **SUJEITO** - **PREDICADO**. Agora vamos voltar a nossa atenção para a “parte à direita”: os tipos de predicado.

Para compreender os tipos de predicado, precisamos conhecer alguns pré-requisitos:

- primeiramente, você deve saber (na verdade, lembrar-se d(E) que há dois tipos de verbos: os **lexicais** e os **funcionais**.
- em segundo lugar, você deve saber que, na oração, há termos **INTEGRANTES** e termos **ACESSÓRIOS**.

Os verbos lexicais são aqueles em que há conteúdo semântico relativo ao evento verbal: “cantar”, “beber”, “dormir”, “esperar”, “sorrir”, “entregar”, “doar”. Nesse grupo de verbos, é possível “imaginar” o evento – e, nesse evento, há participantes (alguém que entrega, alguém que canta etc.). Ficou claro?

Os verbos funcionais, por outro lado, são “fracos” em termos de conteúdo semântico. A função desses verbos funcionais é a de unir um sujeito a um predicado de natureza nominal (um adjetivo ou um substantivo) ou preposicional. Aqui, quando imaginamos o que é predicado ao sujeito, conseguimos apenas “visualizar” o predicado de natureza nominal (ou preposicional), e o verbo funcional fica apenas como um suporte das informações de modo-tempo e número-pessoa (além de aspecto). Vamos diferenciar a partir dos exemplos a seguir:

EXEMPLOS

(A) João **caminhou** lentamente até a amada.

(B) João **está** apaixonado.

Em (a), o predicado é formado por um verbo lexical (**caminhar**), e conseguimos imaginar o evento “João caminhando até alguém (a amada)”. Em (b), diferentemente, não é o verbo

“estar” que funciona como núcleo do predicado. Quem funciona como predicator é o adjetivo “apaixonado”: o verbo “estar” comporta as informações de modo-tempo e número-pessoa e denota uma noção aspectual de **estado** (transitório, passageiro). Fica claro, então, que em (a) temos um verbo lexical e em (b) temos um verbo funcional.

Mas é preciso tomar cuidado com os verbos funcionais. Esse grupo é formado por verbos que se diferenciam em termos aspectuais, como podemos ver na sequência a seguir:

EXEMPLOS

- (A) João **está** cansado.
- (B) João **parece** cansado.
- (C) João **continua** cansado.
- (D) João **ficou** cansado.
- (E) João **permanece** cansado.

Veja que, a cada verbo funcional (“estar”, “parecer”, “continuar”, “ficar”, “permanecer”), há mudança na interpretação aspectual em relação ao cansaço sentido por João. Portanto, temos que relativizar ao dizer que os verbos funcionais são vazios de semântica.

Esses verbos funcionais são comumente chamados de **verbos de ligação** (**cópula** ou **verbo predicativo**).

No caso dos verbos lexicais, precisamos diferenciar os **termos integrantes** dos **termos acessórios**. Vamos começar pelos exemplos:

EXEMPLOS

- (A) O síndico entregou a ata para os participantes antes de começar a reunião.
- (B) O marombeiro comeu os suplementos logo após o treino.

Para identificar os **termos integrantes** e os **termos acessórios**, dois recursos podem ser adotados:

Obs.: Semântico: a retirada de determinado termo faz “falta” na interpretação da oração?

Obs.: Gramatical: é possível substituir o termo por um pronome pessoal oblíquo?

Vamos tentar aplicar esses dois recursos:

EXEMPLOS

- (A) O síndico entregou [] para os participantes antes de começar a reunião.
- (A') O síndico entregou a ata [] antes de começar a reunião.
- (B) O marombeiro [] logo após o treino.

Você conseguiu perceber que, se retirarmos o termo “a ata” e “para os participantes” da frase (a), esses termos fazem “falta”. O mesmo acontece com o termo “os suplementos”, de (b).

Professor, não entendi essa ideia de um termo “fazer falta”.

É mais ou menos assim: imagine alguém que você nunca viu na vida aparecendo do nada e dizendo:

EXEMPLO

O síndico entregou a ata para os participantes antes de começar a reunião.

Você, mesmo que desconheça esse alguém, será capaz de compreender o que foi dito. Imagine a mesma situação: um desconhecido chegando do nada e dizendo

EXEMPLO

O síndico entregou para os participantes antes de começar a reunião.

Certamente você não entenderia a mensagem por completo. Isso porque falta um complemento da informação verbal: a **coisa** entregue pelo síndico.

É isso. Espero ter ficado um pouco mais claro agora.

Bom, falamos sobre os termos que “fazem falta”. Agora vamos falar dos termos que “não fazem falta”:

EXEMPLOS

(A) O síndico entregou a ata para os participantes [REDACTED].

(B) O marombeiro comeu os suplementos [REDACTED].

Em (a), o termo “antes de começar a reunião” foi retirado e não fez falta (no sentido de que podemos compreender a mensagem mesmo sem esse trecho). O mesmo acontece em (b): “logo após o treino” é dispensável.

Muito bem, agora podemos informar o seguinte: os termos “que fazem falta” (isto é, que não podem ser omitidos) são chamados de **termos integrantes**; os termos “que não fazem falta” (isto é, que pode ser omitidos) são chamados de **termos acessórios**. Esse é o resultado da aplicação do critério **semântico**.

Vamos, agora, falar sobre o critério sintático:

Obs.: Apenas termos integrantes poderão ser substituídos por pronomes pessoais oblíquos.

Lembrando a nossa aula sobre pronomes, estes são os pronomes pessoais oblíquos:

Oblíquos átonos (sem preposição)	Oblíquos tônicos (com preposição)
me te o, a, se nos vos os, as, se	mim ti ele/ela/si nós vós eles/elas/si

Os termos integrantes das sentenças em (a) e (b) podem ser substituídos pelos seguintes pronomes:

EXEMPLOS

(A) O síndico entregou a ata para os participantes antes de começar a reunião.

O síndico **a** entregou para **eles** (ou **lhes**, no lugar de “para eles”).

(B) O marombeiro comeu os suplementos logo após o treino.

O marombeiro **os** comeu.

Perceba que os termos acessórios (“antes de começar a reunião” e “logo após o treino”) não podem ser substituídos por pronomes pessoais oblíquos.

ATENÇÃO



No âmbito verbal, o pronome “lhe”, apesar de átono, é forma objetiva indireta, equivalendo a “a ele/ela”.

Bom, os pré-requisitos estão apresentados. Agora podemos partir para os tipos de predicado.

PREDICADO NOMINAL

Os predicados nominais podem ser nucleados por um adjetivo, um substantivo ou uma preposição:

EXEMPLOS

(A) O réu é **inocente**.

[adjetivo]

(B) Ele é **um marinheiro**.

[substantivo]

(C) Anápolis está **entre** Brasília e Goiânia.

[preposição]

No processo de predicação, será o adjetivo, o substantivo ou a preposição o centro informacional da predicação.

PREDICADO VERBAL

Os predicados verbais se diferenciam dos predicados nominais por aqueles terem um verbo lexical como núcleo predicativo. Os verbos que podem ser núcleo de predicado verbal são estes:

EXEMPLOS

[Transitividade]	[TIPO DE COMPLEMENTO (TERMO INTEGRANTE)]
Verbos intransitivos:	sem complemento
Verbos transitivos:	direto
	indireto
	direto e indireto (bitransitivo)

A diferença entre verbos intransitivos e transitivos é a seguinte:

- os verbos **intransitivos não exigem um termo que os complete** (e esse “completar” é semântico e categorial).
- os verbos **transitivos** são aqueles que **exigem um termo que os complete** (e essa complementação é semântica e categorial). Esse termo é o que estamos chamando de **termo integrante**. Na tradição gramatical, os termos integrantes de verbos são chamados de **complementos verbais**.

Vamos agora olhar alguns exemplos de verbos **intransitivos**:

EXEMPLOS

- (A) João **dormiu** bem.
- (B) A Ana **ri** alto.
- (C) O Pedro **morreu** cedo.

Nenhum desses verbos (“dormir”, “rir”, “morrer”) exige termo que os complete. As formas **“bem”**, **“alto”** e **“cedo”** são termos de outro tipo.

Nos exemplos a seguir, temos verbos **transitivos** (que selecionam/exigem complemento, destacados entre colchetes):

EXEMPLOS

- (A) Eu **tomei** [o café] ainda cedo.
- (B) Ele **obedecia** [aos superiores].
- (C) O professor **entregou** [a apostila] [aos alunos].

Como podemos ver, há uma diferença entre os complementos: alguns são preposicionados; outros, não.

Quando um verbo seleciona um termo sem preposição (como em (a): [**o café**]), esse verbo será transitivo direto. O nome do complemento verbal sem preposição é **objeto direto**. Tipicamente, os objetos diretos carregam o papel semântico de **paciente** (isto é, de afetado pela ação).

Quando um verbo seleciona um termo com preposição (como em (b): [**aos superiores**], com a preposição “a”), esse verbo será transitivo INdireto. O nome do complemento verbal com preposição é **objeto INdireto**. Assim, a preposição torna INDIRETA a relação entre o verbo e seu complemento.

Em (c), temos um verbo que seleciona um objeto direto e um objeto indireto (ambos são necessários, indispensáveis). Nesse caso, estamos diante de um verbo transitivo direto e indireto (bitransitivo).

E aí, ficou claro? Eu espero que sim. Na aula sobre regência, retomaremos essas noções, principalmente sobre os tipos de complementos preposicionados selecionados pelo mesmo verbo. Também voltaremos a esse assunto na aula sobre orações subordinadas.

PREDICADO VERBO-NOMINAL

O predicado verbo-nominal, como o nome sugere, é formado por um núcleo verbal (lexical) e um núcleo nominal (tipicamente, um adjetivo).

Veja o exemplo:

EXEMPLO

(A) A professora chegava sempre atrasada.

Na frase acima, há dois núcleos que predicam o sujeito “A professora”: o verbo “chegar” (predicador verbal) e o adjetivo “atrasada” (predicador nominal). É por isso que o predicado se chama verbo-nominal (porque há dois predicados, um verbal e um nominal).

PREDICATIVO DO SUJEITO E PREDICATIVO DO OBJETO

O predicativo do sujeito está presente nos predicados nominais. Assim, na frase “Ela está assustada”, o adjetivo “assustada” é o predicativo do sujeito. Em predicados verbo-nominais, também temos o predicativo do sujeito. Em “João estudou doente”, o sujeito “João” é predicado pelo verbo “estudar” e pelo adjetivo “doente”.

O predicativo do objeto, diferentemente, é uma forma adjetiva que predica um objeto (complemento) de um verbo transitivo. Veja este par de exemplos:

EXEMPLOS

(A) Eu encontrei a rua **silenciosa**.

(B) Eu devolvi a revista **rasgada**.

Percebeu que “silenciosa” é uma predicação direcionada ao termo “a rua”? Era a rua que era silenciosa.

Um ponto importante na descrição dos predicativos: sempre haverá concordância (de gênero e número) entre o predicativo (do sujeito ou do objeto) e o termo predicado. Esse é um fator que diferencia o predicativo de um advérbio, como em “A menina fala rápido”, em que “rápido” é um advérbio. Em frases como “O vizinho caminha preocupado”, não é possível definir se “preocupado” é um adjetivo ou um advérbio (equivalendo a “preocupadamente”), pois não há distinção morfológica. Apenas o contexto esclarecerá. Se a frase fosse “A vizinha caminha preocupada”, não haveria dúvida: apenas poderíamos classificar “preocupada” como predicativo do sujeito (porque existe concordância). Ficou claro?

Outra distinção importante existe entre adjunto adnominal e predicativo do objeto. Por exemplo, como diferenciar sintaticamente as duas interpretações da frase a seguir?

EXEMPLO

Eu devolvi a revista rasgada.

(i) quando eu peguei a revista emprestada, ela não estava rasgada. Ao lê-la, acabei rasgando uma página (sem querer!). Quando eu a devolvi, ela estava rasgada (diferentemente de quando eu a peguei).

(ii) quando eu peguei a revista emprestada, ela já estava rasgada. Quando eu a devolvi, ela manteve esse estado de “rasgada” (tal qual quando eu a peguei).

Para diferenciar as interpretações, temos a seguinte estratégia: transformar o objeto em um pronome (no caso, pelo pronome oblíquo átono “a”).

A interpretação apresentada em (i) acima possui a seguinte forma: “Eu **a** devolvi rasgada”. Nesse caso, o pronome “a” representa apenas o objeto direto “a revista”.

Já a interpretação apresentada em (ii) acima possui a seguinte forma: “Eu **a** devolvi”. Nesse caso, o pronome “a” representa toda a sequência “a revista rasgada”.

Por que isso é importante em sua preparação para concurso? Simplesmente porque a banca examinadora cobra esse tipo de distinção. Vou adiantar a nossa seção QUESTÕES DE CONCURSO. Lá você verá o seguinte trecho:

EXEMPLO

De que adiantaria, então, tornar a lei mais rigorosa

Desse trecho, a banca pergunta se o termo “mais rigorosa” funciona como um predicativo do termo “a lei”. E aí, como resolver a questão? Pois é, eu explico. Preste atenção!

Obs.: PREDICATIVO: não forma um constituinte com o objeto predicado.
ADJUNTO ADNOMINAL: forma um constituinte com o objeto.

Assim, temos que, na frase “Eu devolvi a revista rasgada”, a interpretação (i) leva em consideração que o termo “rasgada” é um predicativo do objeto, já que “rasgada” **NÃO** forma constituinte com o objeto “a revista” (e temos a forma “Eu a devolvi rasgada”).

A interpretação em (ii) leva em consideração que o termo “rasgada” é um adjunto adnominal, já que “rasgada” **FORMA** constituinte com o objeto “a revista” (e temos a forma “Eu a devolvi”).

Lembrando que substituir um termo nominal por um pronome é um teste para verificar se estamos ou não diante de um constituinte (de um sintagma).

Vamos voltar ao trecho da questão do concurso, aplicando a substituição pelo pronome “a”:

EXEMPLOS

(A) De que adiantaria, então, tornar a lei mais rigorosa

(A') De que adiantaria, então, torná-la mais rigorosa [-la = a lei]

(A') De que adiantaria, então, torná-la [-la = a lei mais rigorosa]. Essa forma está incorreta, porque não faz sentido.

Percebeu que o pronome “-la” equivale ao nome “a lei”. Isso significa que a forma “mais rigorosa” **NÃO** forma constituinte com o termo “a lei”: é por isso que devemos classificá-la como predicativo do objeto. A questão, então, deve ser considerada **certa**.

DIRETO DO CONCURSO



004. (FUNDATEC/PREF. VILA LÂNGARO-RS/NÍVEL MÉDIO/2024) Considerando o fragmento “A aranha já estava zozna”, assinale a alternativa correta.

- a) O predicado é classificado como verbal.
- b) A oração não possui adjunto adnominal do sujeito.
- c) O verbo “estava” é um verbo de ação.
- d) A oração apresenta predicativo do sujeito.
- e) A oração possui objeto direto.



A análise em (D) está correta, pois a forma “zoza” (um adjetivo) exerce a função de predicativo do sujeito (A aranha). Essa oração, portanto, é nominal, tendo como verbo de ligação a forma “está”, que não denota ação (mas estado). O artigo “a” é um adjunto adnominal (sim, eu sei que não havia explicado isso ainda, mas na próxima aula falaremos

sobre essa função sintática). Por fim, por não possuir verbo transitivo direto, a oração não possui objeto direto.

Letra d.

005. (IBADE/PREF. MANAUS-AM/ANALISTA/2024) “[...] quando você quer algo, todo o universo conspira para ajudá-lo a alcançá-lo.”

Os pronomes destacados nessa frase exercem a função sintática de:

- a) objeto direto.
- b) objeto indireto.
- c) complemento nominal.
- d) sujeito.
- e) predicativo.



As formas “lo” e “lo” são pronomes oblíquos átonos, os quais funcionam como objeto direto dos verbos “ajudar” e “alcançar”, ambos transitivos diretos (ajudar alguém | alcançar algo/ alguém). Uma vez realizada a classificação, descartamos as demais alternativas, pois não se trata de objeto indireto (o verbo é transitivo direto), complemento nominal (as formas são complementos de verbos, não de nomes), sujeito (observe a forma oblíqua do pronome) ou predicativo (o predicado é verbal, não nominal).

Letra a.

QUESTÃO INÉDITA



006. (INÉDITA/2024) A frase em que o verbo apresenta a mesma predicação que o verbo **ocorrer** em “**Ocorre**, porém, que a descarga elétrica gerada é suficiente para eletrocutar a vítima” é:

- a) A mudança climática em curso **equivale** a uma espécie de eletrocussão da biosfera.
- b) O aquecimento global não **resulta** de nenhuma intenção humana.
- c) E quem **assume** a culpa?
- d) Nos países em desenvolvimento, a população **aumentou** consideravelmente.
- e) O filósofo britânico Derek Parfit **concebeu** o experimento mental para ilustrar os efeitos da ação humana na mudança climática.



Apenas em (D) o verbo é intransitivo (como “Ocorre”, na frase em análise). Nas demais alternativas, os verbos são transitivos (diretos em (A), (C) e (E); e indireto em (B)).

Letra d.

Finalizamos, então essas funções sintáticas, ok? Vamos agora falar sobre outros termos: o aposto e o vocativo.

APOSTO

Para falarmos sobre o aposto, precisamos relembrar uma propriedade dos substantivos: eles possuem índice referencial (ou seja, podem ser referidos, retomados ao longo da cadeia do discurso). Um aposto é uma expressão linguística que compartilha o mesmo índice referencial de um substantivo (ou pronome) – são, por isso, quase equivalentes. Vejamos os exemplos:

EXEMPLOS

(A) Paulo ganhou dois presentes: um relógio e uma bicicleta.

(B) Ela – a aluna – saiu por último.

Em (a), o termo “dois presentes” possui a mesma referência de “um relógio e uma bicicleta”. Em (b), o pronome “Ela” e o substantivo “a aluna” também partilham a mesma referência.

É importante notar o seguinte: um aposto é uma expressão de natureza substantiva (alguns gramáticos analisam outros tipos de aposto, mas raramente isso é abordado em concursos). Por ser uma expressão de natureza substantiva (por padrão), são raros os casos de aposto preposicionado.

Outra coisa importante a ser notada: o aposto é tipicamente marcado por pontuação (os casos de aposto não demarcado por pontuação também são menos frequentes e raramente são cobrados em concursos públicos). Em meio de oração, será isolado por vírgulas, travessão ou parênteses. O uso de dois-pontos também é muito comum para indicar o aposto.

A tradição gramatical (Bechara, 1999, por exemplo) classifica três tipos de aposto:

i. Explicativo ou identificativo:

EXEMPLO

Pedro II, **imperador do Brasil**, desejava ser professor.

ii. Enumerativo:

EXEMPLO

Tudo – alegrias, tristezas e preocupações – ficava evidente.

iii. Distributivo:

EXEMPLO

Gonçalves Dias e José de Alencar são grandes escritores brasileiros, **este na prosa e aquele na poesia**.

Nas Questões de Concurso, você verá que a noção de aposto é sempre avaliada em processos seletivos. Lembre-se: praticando, você fixa muito mais o conteúdo teórico.

DIRETO DO CONCURSO



8. (CEBRASPE/PREF. CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM/PROFESSOR/2024)

O que se quer aqui destacar é que, tanto na França quanto nos EUA, os dois problemas — **o domínio precário de competências de leitura e de escrita necessárias para a participação em práticas sociais letradas e as dificuldades no processo de aprendizagem do sistema de escrita, ou da tecnologia da escrita** — são tratados de forma independente, o que revela o reconhecimento de suas especificidades e uma relação de não causalidade entre eles.

Magda Soares. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. Internet: www.scielo.br (com adaptações).

Com base na estrutura e no vocabulário do texto precedente, julgue o item que se segue. No último parágrafo, o trecho entre travessões exerce a função sintática de aposto.



A estrutura “o domínio precário de competências de leitura e de escrita necessárias para a participação em práticas sociais letradas e as dificuldades no processo de aprendizagem do sistema de escrita, ou da tecnologia da escrita” possui o mesmo referente de “os dois problemas”. O trecho em parágrafo, um aposto, é uma especificação do que são os problemas. **Certo.**

Na parte final dessa aula, trabalharemos um termo não oracional: o vocativo. É bem rapidinho (mas muito importante!).

VOCATIVO

Podemos definir o vocativo da seguinte maneira:

O vocativo é uma expressão de natureza exclamativa por meio da qual chamamos ou pomos em evidência a pessoa a quem nos dirigimos (Bechara, 1999).

Assim, você pode traduzir a ideia de vocativo como um **chamamento**, uma evocação do interlocutor (ou interlocutores). É uma forma linguística utilizada para se dirigir à segunda pessoa do discurso (singular ou plural).

Sintaticamente, o vocativo é um termo que está à parte tanto do sujeito quanto do predicado (ou seja, O VOCATIVO NÃO FAZ PARTE DA ORAÇÃO). Por isso, o vocativo É SEPARADO POR PONTUAÇÃO, SEMPRE! Em especial, a vírgula é empregada para isolar este termo. Vamos aos exemplos:

EXEMPLOS

- (A) José, precisamos de você agora.
- (B) Olá, meninos!
- (C) Vamos, Antônio, estamos te esperando há muito tempo!
- (D) Marcelo! Eu já não falei para não mexer no armário!

DIRETO DO CONCURSO



9. (FUNDATEC/PREF. ARRIIOO DO SAL/TÉCNICO/2024)

O amor é um sopro de coragem, um beijo cálido, jamais arrancará o último suspiro de uma vítima indefesa. Não o pronuncie levemente. Senão estará alegando que o amor que há no berço, na maternidade, com uma mãe segurando seu filho no colo, é o mesmo amor que a põe estendida, fria e inerte na cama de metal do necrotério, a ser identificada por um bebê que sequer fala. Não confunda o amor com o ódio. Muito menos blasfeme que o ódio é a sua nascente ou a sua extensão. Os dois jamais coexistem — escolha a qual senhor vai servir. O amor prevalece na hora derradeira, não é derrotado pela cólera. O amor vence no meio da história, antes de o fim ser fim. O amor não é um pacto diabólico, mas livre-arbítrio. **Queridos advogados, queridos defensores**, não chamem de amor o que foi o contrário do amor, o oposto do amor, o antagonista do amor, para sensibilizar ou comover o júri. Quem ama não mata. Não justifique o inominável. Réus matam por um desamor que já consumia seus dias, muito anterior ao desenlace. Não eram gentis antes, não eram cordatos antes. Não foram possuídos de repente por uma sede sanguinária, por uma força justiceira. Deram de comer secretamente, gradualmente, em seu interior, ao monstro da desconfiança. Alimentaram-no com as suas próprias almas.

Assinale a alternativa que indica a correta função sintática dos termos destacados no trecho “**Queridos advogados, queridos defensores**, não chamem de amor”, extraído do texto.

- a) Sujeito.
- b) Objeto Direto.
- c) Objeto Indireto.
- d) Vocativo.
- e) Adjunto Adverbial.



O autor do texto claramente evoca interlocutores específicos (para efeitos estilísticos): advogados e defensores. Note que as duas formas estão isoladas por pontuação (vírgula). Logo, estamos diante de vocativos. Não se trata de sujeito (não há predicado a eles vinculado), objeto direto ou indireto (não são complementos de verbos transitivos diretos ou indiretos) ou adjuntos (não estão preposicionados e não possuem natureza adverbial).

Letra d.

QUESTÃO INÉDITA



Memórias do cárcere

Graciliano Ramos

Chegávamos à cancela. E experimentei de chofre a necessidade imperiosa de expandir-me numa clara ameaça. A desarrazoada tentação era tão forte que naquele instante não me ocorreu nenhuma ideia de perigo.

– Levo recordações excelentes, doutor. E hei de pagar um dia a hospitalidade que os senhores me deram.

– Pagar como? exclamou a personagem.

– Contando lá fora o que existe na Ilha Grande.

– Contando?

– Sim, doutor, escrevendo. Ponho tudo isso no papel. O diretor suplente recuou, esbugalhou os olhos e inquiriu carrancudo:

– O senhor é jornalista?

– Não senhor. Faço livros. Vou fazer um sobre a Colônia Correcional. Duzentas páginas ou mais. Os senhores me deram assunto magnífico. Uma história curiosa, sem dúvida. O médico enterrou-me os olhos duros, o rosto cortante cheio de sombras. Deu-me as costas e saiu resmungando:

– A culpa é desses cavalos que mandam para aqui gente que sabe escrever.

Graciliano Ramos. Memórias do cárcere, capítulo II, p. 158. 1956.

007. (INÉDITA/2024) Em “Sim, doutor, escrevendo.”, a vírgula foi empregada para

- a) isolar apostrofo
- b) isolar vocativo
- c) isolar uma explicação
- d) isolar um termo adjunto



A vírgula está sendo empregada para isolar um vocativo, tendo em vista o termo “doutor” constituir um chamamento (o narrador do texto evoca o interlocutor). Por isso a alternativa (B) está correta.

Letra b.

Bom, agora encerramos essa primeira parte sobre a sintaxe do período simples. Faça os exercícios e revise o que for necessário, certo? Bons estudos!

RESUMO

Em nossa aula, vimos que uma **frase** é a expressão que exerce função comunicativa. Há dois tipos de frase, a **nominal**, que NÃO possui verbo flexionado; e a **verbal**, que POSSUI verbo flexionado. As frases podem ser: declarativas (ou enunciativas), interrogativas, optativas e imperativas.

Já a **oração** é a expressão que possui como termo central um **verbo flexionado**. É formada pelo par Sujeito – Predicado.

Sobre a **ordem dos constituintes da oração, temos a formação canônica como SVO** (Sujeito, Verbo, Objeto). Mudanças nessa ordem podem gerar alteração de sentido, sendo muitas vezes pertinente o uso de pontuação.

O **período**, por sua vez, é unidade linguística formada por uma ou mais orações. Inicia-se por maiúscula e encerra-se por ponto-final ou equivalente. O período pode ser simples ou composto (por coordenação ou por subordinação).

Também mostramos a natureza do parágrafo, caracterizando-o como uma unidade de composição (textual).

Em relação aos termos essenciais da oração, trabalhamos o **sujeito** e o **predicado**. O **sujeito** é caracterizado por desencadear concordância no verbo e por ser alvo da predicação, além de poder ocorrer sob a forma de um pronome pessoal reto. O **predicado**, por sua vez, pode ser verbal, nominal ou verbo-nominal, a depender do(s) núcleo(s) predicator(es). No nominal, pode ter como núcleo um adjetivo, um substantivo ou uma preposição. No verbal, pode ter como núcleo um verbo intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto ou transitivo direto e indireto. Os termos que complementam um verbo (em um predicado nominal) são denominados **complementos nominais** (podendo ser expressos por pronomes pessoais oblíquos).

Estudamos os termos predicativos. Observamos que: (i) tanto o predicativo do sujeito quanto o do objeto manifestam concordância de gênero e número com o termo predicado; (ii) o predicativo do sujeito está situado em um predicado nominal (verbo auxiliar + forma adjetiva); (iii) que o predicativo do objeto não forma constituinte sintático com o objeto (e, desse modo, a estrutura [OBJETO – PREDICATIVO DO OBJETO] não pode ser substituída por forma pronominal oblíqua única).

Sobre o **aposto**, destacamos que é um termo que possui o mesmo índice referencial do nome e é separado por pontuação. O aposto nunca ocorre preposicionado e não possui forma verbal flexionada.

Por fim, fechamos a aula falando sobre o **vocativo**, termo não oracional que exerce função de chamamento, sendo dirigido à segunda pessoa. Destacamos que, na pontuação, o vocativo é isolado por vírgula(s).

GLOSSÁRIO

Aposto: substantivo ou locução substantiva que, colocados ao lado de outro ou de um pronome e sem auxílio de preposição, explicam, precisam ou qualificam o antecedente. O aposto não tem função sintática por si mesmo e adquire o valor do termo a que se refere.

Frase: construção que encerra um sentido completo, podendo ser formada por uma ou mais palavras, com ou sem verbo; pode ser afirmativa, negativa, interrogativa, exclamativa ou imperativa.

Objeto direto: complemento de verbo transitivo direto introduzido sem preposição, representado por um sintagma nominal ou por pronome oblíquo átono ou por uma oração completiva; complemento direto.

Objeto indireto: complemento de verbo transitivo indireto, a ele ligado por uma preposição. O objeto indireto pode ser representado pelos pronomes pessoais oblíquos átonos – neste caso, sem preposição.

Oração: frase, ou membro de frase, que contém um núcleo predicator de natureza verbal.

Ordem direta: sequência das palavras na frase que não é marcada estilisticamente (no português, a ordem direta na frase é sujeito — verbo — objeto direto — objeto indireto)

Ordem indireta: sequência das palavras na frase que não é a direta (canônica) e, por isso, é marcada estilisticamente (via entonação ou pontuação).

Parágrafo: divisão de um texto escrito, indicada pela mudança de linha, cuja função é mostrar que as frases aí contidas mantêm maior relação entre si do que com o restante do texto.

Período: frase que contém uma ou mais orações.

Predicado: o que se afirma ou se nega a respeito do sujeito da oração.

Predicativo do objeto: aquele que expressa um atributo ou circunstância do objeto direto.

Predicativo: que predica; que serve para predicar.

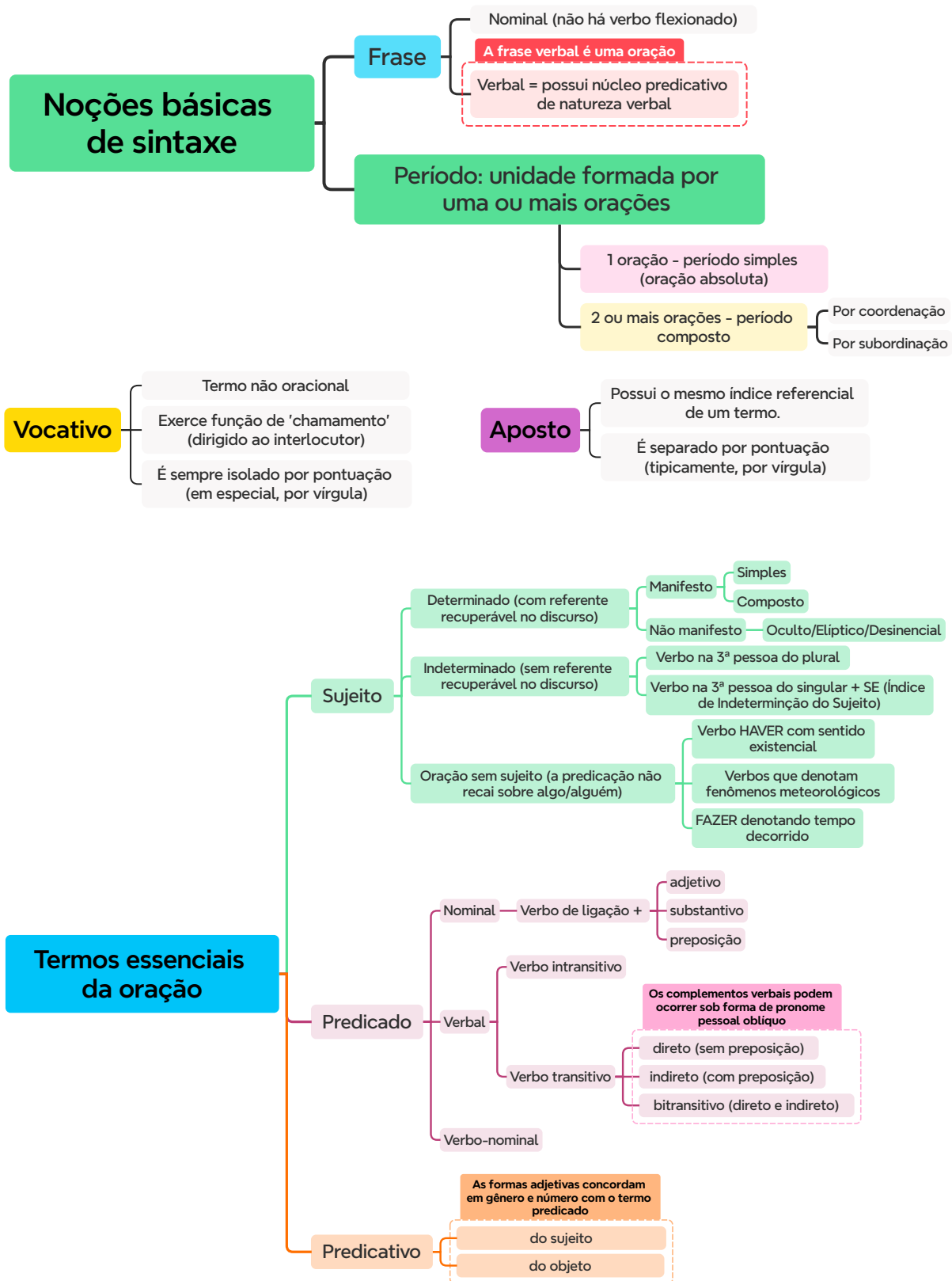
Proposição: expressão linguística de uma operação mental (o juízo), composta de sujeito, verbo (sempre redutível ao verbo ser) e atributo, e passível de ser verdadeira ou falsa; enunciado.

Sintagma: unidade linguística composta de um núcleo (por exemplo, um verbo, um nome, um adjetivo etc.) e de outros termos que a ele se unem, formando uma locução que entrará na formação da oração.

Sujeito: termo da oração sobre o qual recai a predicação da oração e com o qual o verbo concorda.

Vocativo: diz-se de ou forma linguística usada para chamamento ou interpelação ao interlocutor no discurso direto.

MAPAS MENTAIS



QUESTÕES DE CONCURSO

QUESTÕES DO TIPO MÚLTIPLA ESCOLHA

001. (CEBRASPE/MPE-AP/ANALISTA/2021) Texto CG1A1-II:

À área da linguística que se ocupa em contribuir para a solução de problemas judiciais e que auxilia também na compreensão de discursos e interações produzidos em ambiente jurídico chamamos de linguística forense. Pouco ainda se fala e se conhece sobre a aplicação da linguística à esfera forense, apesar de muitos crimes serem cometidos unicamente ou parcialmente por meio da língua, como a calúnia, a injúria, a difamação, a ameaça, o estelionato e a extorsão.

Ao produzir um texto, oral ou escrito, o sujeito lança mão de um vasto repertório lexical e regras de ordenação sintática pertencentes à gramática de seu idioma. Entretanto, esse arranjo não é feito da mesma forma por diferentes pessoas. Ao falarmos ou ao escrevermos, organizamos o material linguístico que está disponível em nosso acervo mental de uma forma única, afinal cada indivíduo constituiu seu vocabulário a partir de experiências também únicas. Isso significa que imprimimos nosso estilo em nossos textos, deixando nele nossa “assinatura”. Esse uso individual do idioma é chamado de idioleto, ou seja, é como se fosse um dialeto pessoal, uma marca identitária daquele indivíduo. Embasada nisso, a linguística forense procura desenvolver metodologias que auxiliem no processo de atribuição de autoria de um determinado texto.

Welton Pereira e Silva. Linguística forense: como o linguista pode contribuir em uma demanda judicial? In: Roseta, v. 2, n. 2, 2019 (com adaptações).

No primeiro período do texto CG1A1-II, o sujeito da oração principal

- a) está indeterminado, haja vista o emprego do vocábulo “se”.
- b) é o termo “área da linguística”.
- c) é o termo “linguística forense”.
- d) está elíptico e corresponde à primeira pessoa do plural.
- e) é composto.

002. (CEBRASPE/PREFEITURA DA BARRA DOS COQUEIROS-SE/AJUDANTE DE PEDREIRO/2020) Texto CG3A1-I:

1 No século 21, eu acredito que a missão da Organização das Nações Unidas (ONU) será definida por uma consciência nova e mais profunda da santidade e da dignidade de cada vida humana, independentemente de raça ou religião. Isso irá requerer que levemos o nosso olhar para além da estrutura dos Estados, ou da simples superfície de nações ou 7

comunidades. Devemos enfocar, como nunca, a melhoria das condições de vida de homens e mulheres, individualmente, que dão ao Estado ou à nação a sua riqueza e o seu caráter.

10 Neste novo século, devemos começar pela compreensão de que a paz pertence não somente aos Estados ou povos, mas também a cada um e a todos os membros dessas 13 comunidades. A soberania dos Estados não mais deverá ser utilizada como um escudo contra grandes violações aos direitos humanos. A paz deve ser real e tangível no dia a dia de cada 16 indivíduo que dela necessite. Devemos buscá-la, acima de tudo, pelo fato de ser a condição para que cada membro da família humana possa levar uma vida de dignidade e segurança.

19 A lição do século passado nos fez entender que ameaçar ou atropelar a dignidade do indivíduo — como naqueles países onde o cidadão não desfruta do direito básico 22 de escolher o seu governo, ou do direito de o escolher regularmente — resultou em conflitos, perdas de civis inocentes, vidas abreviadas e comunidades destruídas.

25 Com efeito, os obstáculos à democracia têm muito pouco a ver com cultura ou religião, e muito mais com o desejo daqueles que se encontram no poder e querem manter sua 28 posição a qualquer custo. Não se trata de um fenômeno novo nem restrito a uma parte específica do mundo. As pessoas de todas as culturas prezam por sua liberdade de escolha e sentem 31 a necessidade de ter direito de voz nas decisões que afetam suas vidas.

Kofi Annan [secretário-geral das Nações Unidas], 10 dez. 2000 51 In: Jerzy Szeremeta. *Participação genuína na era da tecnologia de informação e comunicação (TIC)*. Fundação Luís Eduardo Magalhães. *Gestão pública e participação*. Cadernos da FLEM. 20.^a ed. Salvador: FLEM, 2005, cap. III, p. 105-6 (com adaptações).

No texto CG3A1-I, o sujeito elíptico das formas verbais “levemos” (l.5) e “Devemos” (l.7) corresponde a

- a) eu.
- b) você.
- c) eles.
- d) nós.
- e) vós.

003. (CEBRASPE/MPC-PA/CARGO DE NÍVEL SUPERIOR/2019) Texto CG1A1-I:

1 Atitudes para um desenvolvimento sustentável tornaram-se uma urgência e estão inseridas de forma definitiva na agenda da sociedade. Até no mundo dos negócios a 4 sustentabilidade está em pauta. Empresas que antes pensavam só em lucro agora otimizam seus processos por meio da sustentabilidade empresarial. Outro campo de estudos voltado 7 para o consumo consciente e equilibrado com o meio ambiente é a bioeconomia, ou economia sustentável, cujo objetivo é promover a utilização de recursos de base biológica, recicláveis 10 e renováveis, e consequentemente mais sustentáveis.

Hoje, a sustentabilidade é um imperativo para o sucesso das empresas, que precisam cada vez mais entregar ao cliente valor agregado e estilo de vida, e não somente mercadorias. A preocupação com o meio ambiente converte-se, portanto, em vantagem competitiva, notadamente em mercados cada vez mais exigentes e desafiadores. Isso amplia a perenidade da marca, em virtude do fortalecimento de sua reputação e credibilidade.

Para o desenvolvimento sustentável, os negócios devem estar amparados em boas práticas de governança, com benefícios sociais e ambientais. Essa metodologia influencia os ganhos econômicos, a competitividade e o sucesso das organizações.

Qual é o motivo de a sustentabilidade ser tão importante para a economia? A população cresce em número e em capacidade de consumo; com isso, a demanda pela utilização de recursos naturais recrudescer de forma quase insustentável. A utilização de matrizes não renováveis tende ao esgotamento e à poluição progressiva do meio ambiente. Para quebrar esse paradigma, mobilizam-se conceitos econômicos que propõem um novo modo de gestão da sociedade, como a economia circular e a bioeconomia.

A bioeconomia está ligada à melhoria de nosso desenvolvimento e à busca por novas tecnologias que priorizem a qualidade de vida da sociedade e do meio ambiente em seu eixo de elaboração. Ela, agora, reúne todos os setores da economia que utilizam recursos biológicos. Assim, a bioeconomia surgiu para possibilitar soluções eficazes e coerentes para os problemas socioambientais contemporâneos: mudanças climáticas, crise econômica mundial, substituição do uso de energias fósseis, saúde, qualidade de vida da população, entre outros.

O objetivo é criar uma economia inovadora com baixas emissões de poluentes, que concilie as exigências para a agricultura sustentável e a pesca, a segurança alimentar e o uso sustentável dos recursos biológicos renováveis para fins industriais, e que assegure, ao mesmo tempo, a biodiversidade e a proteção ambiental. A bioeconomia contempla não apenas setores tradicionais como agricultura, silvicultura e pesca, mas também setores como as biotecnologias e bioenergias. Ao que tudo indica, o futuro será definitivamente *bio*.

Marina Santos Chiapetta. Internet: (com adaptações).

No texto CG1A1-I, o termo “conceitos econômicos” (l.30) é

- a) sujeito sintático de “propõem” (l.30)
- b) complemento de “mobilizam-se” (l.30)
- c) agente da ação expressa por “mobilizam-se” (l.30)
- d) sujeito sintático de “mobilizam-se” (l.30)
- e) sujeito sintático tanto de “mobilizam-se” (l.30) quanto de “propõem” (l.31)

004. (CEBRASPE/CGE-CE/AUDITOR/2019) Texto CB1A1-I:

1 Candeia era quase nada. Não tinha mais que vinte casas mortas, uma igreja velha, um resto de praça. Algumas construções nem sequer tinham telhado; outras, 4 invadidas pelo mato, incompletas, sem paredes. Nem o ar tinha esperança de ser vento. Era custoso acreditar que morasse alguém naquele cemitério de gigantes.

7 O único sinal de vida vinha de um bar aberto. Duas mesas de madeira na frente, um caminhão, um homem e uma mulher na boleia ouvindo música, entre abraços, 10 beijos e carícias ousadas. Mais desolado e triste que Juazeiro do Norte aquele povoado, muito mais. Em Juazeiro tinha gente, a cidade era viva. E no meio daquele povo todo 13 sempre se encontrava uma alma boa como a de sua mãe, uma moça bonita, um amigo animado. Candeia era morta.

Samuel ao menos ficou um pouco feliz por ouvir 16 a música do caminhoneiro. Quase sorriu. O esboço de alegria durou até aparecer pela porta mal pintada de azul uma mulher assombrosa, praguejando com uma vassoura na mão 19 e mandando desligar aquela música maldita. O caminhoneiro a chamou pelo nome:

— Cadê o café, Helenice? Deixa de praguejar, 22 coisa-ruim!

Pela mesma porta saiu uma moça, bem jovem, com uma garrafa térmica vermelha e duas canecas. Foi 25 e voltou com rapidez, agora trazendo dois pratos, quatro pães pequenos, duas bananas cozidas e um pote de margarina.

— Cinco reais — ordenou Helenice, com a mão 28 na garrafa térmica.

— Só come se pagar.

O homem pagou, sempre rindo da cara de Helenice, visivelmente bêbado.

31 Samuel invejou o caminhoneiro. Não tinha tanto dinheiro para comer naquele fim de tarde, fim de vida.

Socorro Acioli. A cabeça do santo. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 17-8 (com adaptações).

No texto CB1A1-I, o sujeito da oração “Era custoso” (l.5) é

- a) o segmento “acreditar que morasse alguém naquele cemitério de gigantes” (l.5 e 6).
- b) o trecho “alguém naquele cemitério de gigantes” (l.6).
- c) o termo “custoso” (l.5).
- d) classificado como indeterminado.
- e) oculto e se refere ao período “Nem o ar tinha esperança de ser vento” (l.4 e 5).

005. (INS. ACCESS/PREF. DOMINGOS MARTINS-ES/PROFESSOR/2024) Num mundo onde o silêncio se tornou um artigo de luxo, uma viagem de autocarro – como se designa um ônibus em Portugal – pode transformar-se numa sinfonia de desconfortos, desafios à nossa paciência e epifania para o tempo presente.

O segmento entre travessões indica, no texto, uma

- a) enumeração.
- b) explicitação.
- c) especificação.
- d) explicação.

006. (INS. ACCESS/PREF. DOMINGOS MARTINS-ES/AUDITOR/2024) Esses documentos foram revelados pelo INPI (Instituto Nacional da Propriedade Industrial) em dezembro do ano passado, quando o órgão do governo federal tornou públicas cerca de 3.200 patentes históricas, que datam de 1895 a 1929, cujo conteúdo foi descoberto em 2020 e digitalizado a partir do ano seguinte.

O termo sublinhado no período acima desempenha função sintática de

- a) objeto direto.
- b) predicativo do sujeito.
- c) adjunto adnominal.
- d) predicativo do objeto.

007. (INS. ACCESS/PREF. PASSOS-MG/OFICIAL/2023) Mas ainda não está claro se esse efeito negativo em potencial é de curto ou longo prazo”, explica Ranganathan.

O termo sublinhado no período acima desempenha função sintática de

- a) sujeito
- b) objeto direto.
- c) aposto.
- d) adjunto adnominal.

008. (IDIB/CÂMARA DE PLANALTINA/TÉCNICO ADMINISTRATIVO/2021)



Disponível em <https://www.folhadaregiao.com.br/2019/07/24/charge-do-dia-24-07-2019-tiens/>. Acesso em 06/03/2021

Na frase “*Tô com fome mãe!*”, deveria ter tido uma vírgula

- a) depois do verbo “tô”, porque há orações coordenadas assindéticas.
- b) depois do verbo “tô”, porque há um adjunto adverbial deslocado.
- c) depois de “fome”, porque há um vocativo.
- d) depois de “fome”, porque há um aposto.

009. (IDIB/CRECI 20ª REGIÃO/TÉCNICO ADMINISTRATIVO/2021) No trecho: “A Terra, o terceiro planeta mais próximo do Sol, apresenta cerca de 71% da sua superfície coberta por oceanos de água salgada”. No excerto, a vírgula tem a função de isolar o

- a) Adjetivo.
- b) Aposto.
- c) Vocativo.
- d) Substantivo.

010. (IDIB/CÂMARA DE PLANALTINA/TÉCNICO EM INFORMÁTICA/2021)



Em “*Flecha, você é machista?*”, a vírgula foi empregada por qual razão?

- a) Para isolar o aposto.
- b) Para isolar o vocativo.
- c) Para isolar o adjunto adverbial deslocado.
- d) Para separar orações coordenadas assindéticas.

011. (CS-UFG/UFG/ASSISTENTE EM ADMINISTRAÇÃO/2019) Em “Para isso, ele tem como foco questões fundamentais relacionadas ao que chama de ‘três origens’”, o sujeito gramatical do verbo “chamar”:

- a) está realizado e explícito na sentença na forma da palavra “que”.
- b) apresenta-se como sujeito nulo, porque o verbo na terceira pessoa, nesse caso, constitui uma indeterminação.
- c) está elíptico na sentença, mas pode ser inferido, porque foi enunciado anteriormente por meio da palavra “ele”.
- d) mostra-se posposto ao verbo por meio do sintagma “três origens”.

012. (CESGRANRIO/UNIRIO/ASSISTENTE EM ADMINISTRAÇÃO/2019) A substituição da expressão destacada pelo que se encontra entre colchetes está de acordo com a norma-padrão em:

- a) Jorge Amado **tomava a bebida** sem açúcar. [tomava-lhe]
- b) Diolino gostava de **mostrar a receita**. [mostrá-la]
- c) Pelé **bebia no carro** porque era discreto. [bebia-lhe]
- d) Wando e Rô Rô também **frequentavam o bar**. [frequentavam-nos]
- e) O MiniBar **produzia 6.000 litros** por mês. [produzia-se]

013. (AOC/P/CODEM-PA/ANALISTA/2017) Analise o seguinte trecho e assinale a alternativa INCORRETA.

“Novos estudos estão mostrando que o uso frequente do Facebook nos torna mais impulsivos, mais narcisistas, mais desatentos e menos preocupados com os sentimentos dos outros.”

- a) Trata-se de um período composto por duas orações.
- b) Os sujeitos das orações são, respectivamente, “novos estudos” e “o uso frequente do Facebook”.
- c) Existe uma oração principal, não iniciada por conjunção, e uma oração subordinada, iniciada por conjunção integrante.
- d) Existem duas orações e, em uma delas, o sujeito está oculto para evitar repetições desnecessárias.
- e) A locução verbal “estão mostrando” poderia ser substituída por “mostram” sem prejuízo de entendimento à oração em questão.

014. (FGV/PREF. MUN. PAULÍNIA-SP/PROFESSOR/2021) Em todos os pensamentos abaixo, o enunciador teve a preocupação de construir frases com paralelismo sintático.

Assinale a opção que apresenta a frase em que essa preocupação acaba por gerar um **erro gramatical**.

- a) Eu pego as lendas e as transformo em coisas comuns; Mozart pega as coisas comuns e as transforma em lendas.
- b) Sucesso é conseguir o que você quer e felicidade é gostar do que você conseguiu.
- c) As grandes épocas dizem: a arte. As épocas medíocres dizem: as artes.
- d) A crítica é fácil e a arte é difícil.
- e) Felicidade é alguém para amar, algo para fazer e algo para aspirar.

015. (FGV/CÂM.SALVADOR-BA/ASSISTENTE LEGISLATIVO/2018) “Ou seja, foi usada para criar uma desigualdade social sem a qual, acreditam alguns teóricos, a sociedade não se desenvolveria nem se complexificaria”.

Sobre um componente desse segmento do texto 2, é correto afirmar que:

- a) o sujeito da forma verbal “foi usada” está posposto;
- b) a frase “para criar uma desigualdade” indica uma concessão;
- c) o relativo “a qual” se refere a um termo seguinte;
- d) o termo “alguns teóricos” funciona como objeto direto;
- e) a forma verbal no futuro do pretérito – desenvolveria – indica uma possibilidade.

016. (VUNESP/TJ-SP/ASSISTENTE/2017)

É urgente

A decisão de Nicolás Maduro de elevar a meio milhão os milicianos armados com fuzil na Venezuela é a pior de suas ideias ruins.

Sugere que Maduro prevê a decisão da discórdia venezuelana por meio das armas. Caso não o seja, nem por isso se extinguirá o mal do armamentismo: vai prolongar-se na criminalidade típica de uma população armada e, em grande parte, indesarmável. Ainda por motivos mais econômicos, os venezuelanos fogem em massa. Seu número cresce. O Brasil está atrasado, como se indiferente, nas providências para essa emergência social.

(Jânio de Freitas, “É urgente”. Folha de S.Paulo, 10.04.2017)

Assinale a alternativa em que o verbo destacado tem sujeito elíptico.

- a) A decisão de Nicolás Maduro [...] **é** a pior de suas ideias ruins.
- b) ... os venezuelanos **fogem** em massa
- c) ... nem por isso se **extinguirá** o mal do armamentismo...
- d) Seu número **cresce**.
- e) **Sugere** que Maduro prevê a decisão da discórdia venezuelana por meio das armas.

017. (IADES/CFM/ANALISTA/2018/ADAPTADA) [...] Essa influência se fez sentir em maior grau em Monteiro Lobato. Seu contato com as pesquisas de Manguinhos levaram o criador de Emília, integrante da célebre turma do Sítio do Picapau Amarelo, a alterar completamente a concepção de um de seus famosos personagens, o Jeca Tatu [...].

No trecho acima, as vírgulas isolam uma expressão que exerce a função sintática de:

- a) adjunto adverbial.
- b) aposto.
- c) complemento nominal.
- d) adjunto adnominal.
- e) vocativo.



(Disponível em: <http://admmudacomomundo.blogspot.com/p/pagina-3.html>.)

018. (CONSULPLAN/CFC/BACHAREL/2021-1) Considerando as falas dos personagens da charge anterior, assinale a alternativa correta.

- a) A resposta de Adelaide ao chefe demonstra ironia em seu enunciado formado por duas orações complementares.
- b) O emprego do vocábulo “coisa” por Adelaide demonstra que a personagem não domina as regras gramaticais da língua portuguesa.
- c) Na fala do chefe, é possível observar o emprego de um verbo transitivo indireto acrescido de um verbo na forma nominal gerúndio.
- d) O humor da tira baseia-se na interpretação incorreta de um dos interlocutores, ainda que propositadamente, acerca do sentido estabelecido pela locução verbal “*andei pensando*”.

019. (CONSULPLAN/CFC/BACHAREL/2021-2)

O futebol é uma das principais práticas desportivas e, inclusive, atração cultural para o povo brasileiro, o que, conseqüentemente, provoca reflexos na economia do país ao gerar empregos diretos e indiretos no mercado, por seu potencial econômico. A notoriedade do futebol, como modalidade esportiva, foi um dos principais fatores a fazer com que o esporte se consolidasse também como uma área de negócio. A importância social e econômica do esporte tornou praticamente necessário que os clubes de futebol utilizassem a contabilidade, aliada às ferramentas de gestão, no processo de geração de informações para a tomada de decisão.

Embora o futebol movimente grandes volumes de recursos, é destacado por Silva, Teixeira e Niyama (2009, p. 1) que “as discussões recentes a imprensa esportiva sobre a viabilidade financeira de alguns clubes, o elevado endividamento, a falta de controle financeiro e os problemas de governança corporativa alertam para a relevância da contabilidade para estas entidades”. Por isso, o estudo da contabilidade alocada às entidades desportivas é

considerado relevante e, nesse sentido, normas contábeis foram instituídas para orientar o processo de contabilização dos fatos relevantes às transações de entidades desportivas profissionais, de tal modo que atribui à contabilidade um papel imprescindível para a transparência econômico-financeira dessas entidades, bem como no auxílio à sua gestão.

(Christiane Maria Arantes Vieira Bragato, Marli Auxiliadora da Silva. RBC n. 243. Ano XLIX. Maio/Junho de 2020. Disponível em: <http://rbc.cfc.org.br/index.php/rbc/article/view/1860/1292/>. Fragmento com adaptações.)

Dentre os variados aspectos linguísticos que foram empregados no texto, destaca-se a flexão de algumas palavras mediante a necessidade de acréscimo de morfemas desinenciais. Assim, leia e analise as afirmativas a seguir sobre o aspecto mencionado e assinale a correta.

- O emprego do adjetivo “necessário”, conforme visto no 1º§ ou como parte integrante de uma expressão, será sempre invariável.
- A forma verbal “tornou” em “*tornou praticamente necessário*” não apresenta flexão de número por tratar-se de verbo impessoal.
- Sendo a expressão “*uma das principais práticas desportivas*” sujeito de uma oração hipotética, ocorrerá a exigência do verbo apenas no plural.
- A expressão “a fazer” em “*foi um dos principais fatores a fazer*” pode ser substituída por “que fizeram” ou “que fez”, de acordo com a intenção discursiva, mantendo-se a correção gramatical.

020. (INSTITUTO AOCP/PC-ES/PERITO/2019)



Quanto às escolhas lexicais no texto, assinale a alternativa correta.

- O pronome demonstrativo “esta” está inadequado por ter função anafórica.
- No segundo quadrinho, “obrigado” deveria estar flexionado no feminino para concordar com “artificialidade das soluções rápidas”.
- O termo “poderoso da mídia de massa” classifica-se como um apostro.
- Por se tratar de um gênero textual informal, a linguagem utilizada por Calvin é inadequada.
- O pronome demonstrativo “esta” é adequado por fazer referência espacial a um objeto próximo do falante.

021. (INSTITUTO AOCP/UFPB/ADMINISTRADOR/2019) Assinale a alternativa em que as vírgulas empregadas em destaque estão demarcando um aposto.

- a) “[...] quando ela disse que estava com saudades da Atlântida, o reino submerso por Deus, em resposta aos desafios e à soberba de seu soberano [...]”.
- b) “[...] talvez, seja por isso que o mundo minta tanto, hoje em dia.”.
- c) “Os japoneses, por exemplo, contam que um velhinho, na véspera do ano-novo, não conseguiu vender os chapéus que fabricava [...]”.
- d) “[...] algumas cabeludas, outras mais inocentes, sempre invenções da mente, fruto da criatividade [...]”.
- e) “[...] mas poucos sabem que esta é uma tradição recente, de pouco mais de 50 anos, e que veio do candomblé [...]”.

022. (VUNESP/TJ-SP/ASSISTENTE/2017) A regra de pontuação que determina o emprego da vírgula em “Muita gente não gosta de Floriano Peixoto, o ‘Marechal de Ferro.’” também se aplica ao trecho adaptado do editorial “Nem tão livres” (Folha de S. Paulo, 04.04.2017):

- a) Passou o tempo, diz o ativista Joel Simon, em que se acreditava ser impossível censurar ou controlar a informação na internet.
- b) Notícias falsas e quantidade nauseante de calúnias e ofensas circulam pelas redes sociais – tornando-as, ainda que livres, inconfiáveis em larga medida.
- c) Todavia, a própria sensação de que exista uma tão ampla liberdade se vê passível de contestações.
- d) A guerra da informação e da contrainformação, se não ameaça diretamente a vida de jornalistas, não deixa, entretanto, de pôr em risco a verdade dos fatos.
- e) O diretor do Comitê de Proteção aos Jornalistas, ONG com sede em Nova York, talvez surpreenda quem comemora as facilidades dos meios eletrônicos.

023. (IBGP/PREF.SARZEDO-MG/TÉCNICO ADMINISTRATIVO/2018) O uso da vírgula, nos trechos em destaque, está adequadamente justificado, **EXCETO** em:

- a) Trata-se de Oligada ao direito constitucional, uma vez que a nossa constituição apresenta, **no seu art. 5º**, como direitos fundamentais de um lado o direito à imagem e de outro à liberdade de informação. **[P2] - ISOLAR APOSTO.**
- b) Logo, **na atualidade**, os Tribunais têm uma função de destaque na fixação de balizas acerca desse tema. **[P4] - ISOLAR ADJUNTO ADVERBIAL DE TEMPO.**
- c) Um aspecto nocivo vem sendo vivenciado por todos nós, que é a proliferação das chamadas fake news, **ou seja**, notícias falsas. **[P7] - ISOLAR EXPRESSÃO EXPLICATIVA.**
- d) Nesses casos, no afã de dar a notícia em primeiro lugar, isto é, obter “um furo de reportagem”, alguns veículos de comunicação não apuram, **minimamente**, a veracidade do fato, levando ao público uma notícia em dissonância com a realidade. **[P7] - ISOLAR ADJUNTO ADVERBIAL DE MODO.**

024. (CETREDE/PREF.ARQUIRAZ-CE/GUARDA MUN./2017) Na oração: “Vi muita gente chorando depois, **homens feitos, mulheres maduras**”, qual a função sintática do termo destacado?

- a) Aposto.
- b) Adjunto adnominal.
- c) Adjunto adverbial.
- d) Objeto direto.
- e) Complemento nominal.

025. (FGR/PREF.CABECEIRA GRANDE-MG/PROCURADOR/2018) Leia o trecho transcrito de uma obra de Monteiro Lobato e atente para sua pontuação.

“Pedrinho não podia compreender férias passadas em outro lugar que não fosse no Sítio do Picapau Amarelo, em companhia de Narizinho, do Marquês de Rabicó, do Visconde de Sabugosa e da Emília. E tinha de ser assim mesmo, porque Dona Benta era a melhor das vovós; Narizinho, a mais galante das primas; Emília, a mais maluquinha de todas as bonecas; o Marquês de Rabicó, o mais rabicó de todos os marqueses; e o Visconde de Sabugosa, o mais ‘cômodo’ de todos os viscondes. E havia ainda a tia Nastácia, a melhor quituteira deste e de todos os mundos que EXISTEM.”

Veja outras possibilidades de pontuação nas seguintes passagens.

I – E tinha de ser assim mesmo; porque Dona Benta era a melhor das vovós.

II – O Marquês de Rabicó; o mais rabicó de todos os marqueses.

III – Emília – a mais maluquinha de todas as bonecas.

IV – E havia ainda a tia Nastácia: a melhor quituteira deste e de todos os mundos que existem.

V – Marque a alternativa que apresenta as passagens onde a pontuação foi substituída

CORRETAMENTE.

- a) I e III.
- b) III e IV.
- c) II e IV.
- d) I e II.

026. (VUNESP/CÂM.COTIA-SP/CONTADOR/2017) Leia a charge:



O motivo pelo qual se separa entre vírgulas o termo “Baiano” também está presente na seguinte frase:

- a) Era um lugar estranho, ou melhor, onde coisas sem explicação aconteciam.
- b) Foi em Curitiba, capital do Paraná, que seu coração ganhou companhia.
- c) A jovem Veridiana, que estava em viagem, acabou sem saber da tragédia.
- d) Eu lhe disse, meu amigo, que esta cidade tem belezas e encantamentos.
- e) Ficava a pensar em coisas absurdas, por exemplo, nos sonhos das formigas.

027. (CETREDE/EMATERCE/AGENTE/2018) “- Um doce, moça, compra um doce para mim.” Sobre o sujeito dessa oração, marque a opção correta.

- a) Está representado pelo substantivo moça.
- b) Trata-se de um sujeito oculto.
- c) Classifica-se como indeterminado.
- d) É sujeito simples representado pelo pronome mim.
- e) É uma oração sem sujeito.

028. (QUADRIX/CRP 2ª REGIÃO/PSICÓLOGO/2018)



No terceiro quadrinho, em “ele morreu aquecido e seguro”, as palavras “aquecido” e “seguro”, juntamente com a forma verbal “morreu”,

- a) causam ambiguidade.
- b) geram obscuridade.
- c) constituem um predicado verbal.
- d) constituem um predicado nominal.
- e) constituem um predicado verbo-nominal.

029. (IADES/CORREIOS/TÉCNICO EM SEGURANÇA DO TRABALHO JÚNIOR/2017) A respeito das relações sintáticas que constituem o período “Bill, que tinha 20 anos de idade na época, lutava na II Guerra Mundial e redigiu a carta em janeiro de 1945.”, assinale a alternativa correta.

- a) O pronome “que”, utilizado para retomar o termo “Bill”, desempenha a função de sujeito da oração.
- b) Por exigirem termos que lhes completem o sentido, todos os verbos classificam-se como transitivos.
- c) Os termos “na época” e “em janeiro de 1945” indicam circunstâncias referentes às ações expressas, respectivamente, pelos verbos “tinha” e “redigiu”; portanto, funcionam como complementos verbais.
- d) Os verbos “lutava” e “redigiu” referem-se a um sujeito indeterminado.
- e) A função desempenhada pelo termo “a carta” seria mantida na seguinte redação: **A carta foi redigida em janeiro de 1945.**

030. (IBFC/PREF.ANDRADAS-MG/AGENTE/2017) Leia:

“Precisamos de melhores projetos de transporte, adequados para cada **realidade**, porque não adianta uma cidade querer colocar BRT e não ter passageiros suficientes pra isso” [...] Acerca do sujeito da oração destacada, pode-se dizer que:

- a) É desinencial (nós).
- b) É indeterminado.
- c) Não possui sujeito.
- d) É composto (nós).

031. (INSTITUTO AOCP/UFPB/ADMINISTRADOR/2019)

Mundo de mentira

Paulo Pestana

Tem muita gente que implica com mentira, esquecendo-se de que as melhores histórias do mundo nascem delas: algumas cabeludas, outras mais inocentes, sempre invenções da mente, fruto da criatividade — ou do aperto, dependendo da situação.

Ademais, se fosse tão ruim estaria na lista das pedras que Moisés recebeu aos pés do monte Sinai, entre as 10 coisas mais feias da humanidade, todas proibidas e que levam ao inferno; ficou de fora.

A mentira não está nem entre os pecados capitais, que aliás eram ofensas bem antes de Cristo nascer, formando um rol de virtudes avessas, para controlar os instintos básicos da patuleia. Eram leis. E é preciso lembrar também que ninguém colocou a mentira entre os pecados veniais; talvez, seja por isso que o mundo minta tanto, hoje em dia.

E tudo nasceu na forma mais poética possível, com os mitos — e não vamos falar de presidentes aqui — às lendas, narrativas fantásticas que serviam para educar ou entreter. Entre tantas notícias falsas, há muitas lendas que, inclusive, explicam por que fazemos tanta festa para o ano que começa.

Os japoneses, por exemplo, contam que um velhinho, na véspera do ano-novo, não conseguiu vender os chapéus que fabricava e colocou-os na cabeça de seis estátuas de pedra; chegou em casa coberto de neve e sem um tostão. No dia seguinte, recebeu comida farta e dinheiro das próprias estátuas, para mostrar que a bondade é sempre reconhecida e recompensada.

Os brasileiros vestem roupas brancas na passagem do ano, mas poucos sabem que esta é uma tradição recente, de pouco mais de 50 anos, e que veio do candomblé, mais precisamente da cultura Yorubá, com os irúnmolés's funfun — as divindades do branco. E atenção: para eles, o regente de 2019 é Ogum, o guerreiro, orixá associado às forças armadas, ao mesmo tempo impiedoso, impaciente e amável. Ogunhê!

Mas na minha profunda ignorância eu não conhecia a lenda da Noite de São Silvestre, que marca a passagem do ano. E assim foi-me contada pelo Doutor João, culto advogado, entre suaves goles de vinho — um Quinta do Crasto Douro (sorry, periferia, diria o Ibrahim Sued).

Disse-me ele: ao ver a Virgem Maria desolada contemplando o Oceano Atlântico, São Silvestre se aproximou para consolá-la, quando ela disse que estava com saudades da Atlântida, o reino submerso por Deus, em resposta aos desafios e à soberba de seu soberano e dos pecados de seu povo.

As lágrimas da Virgem Maria — transformadas em pérolas — caíram no oceano; e uma delas deu origem à Ilha da Madeira — chamada Pérola do Atlântico, na modesta visão dos locais — ao mesmo tempo em que surgiram misteriosas luzes no céu, que se repetiriam por anos a fio; e é por isso que festejamos a chegada do ano-novo com fogos de artifício.

Aliás, agora inventaram fogo de artifício sem barulho para não incomodar os cachorros. A próxima jogada politicamente correta será lançar fogos sem luz para não perturbar as corujas buraqueiras. E isso está longe de ser lenda: é só um mundo mais chato.

Análise os trechos a seguir retirados do texto e assinale a alternativa que apresenta uma oração com sujeito oculto.

- a) “Os brasileiros vestem roupas brancas na passagem do ano [...]”.
- b) “Aliás, agora inventaram fogo de artifício sem barulho [...]”.
- c) “E isso está longe de ser lenda [...]”
- d) “[...] chegou em casa coberto de neve e sem um tostão.”.
- e) “E tudo nasceu na forma mais poética possível [...]”.

032. (FCC/DPE-AM/ANALISTA/2018) Será que lhes faltam **características**.

O segmento que exerce a mesma função sintática do destacado acima está também destacado em:

- a) As ideias estão **no** ar.
- b) A mimese adiciona **uma dimensão representativa** à imitação.
- c) que **as** reorganize em algo pessoal.
- d) Há **ecos, imitações, paráfrases** de Rossini.
- e) **A criatividade** envolve não só anos de preparação e treinamento.

033. (FCC/TRE-SP/ANALISTA JUDICIÁRIO/2017) As formas verbais estão adequadamente empregadas e há presença da voz passiva em:

- a) Os argumentos dos contendores, numa discussão, só serão aceitos caso se venha a considerá-los com isenção.
- b) Fossem sempre vencedores os argumentos de quem mais paixão demonstram, a irracionalidade acabará por imperar.
- c) Se não fizéssemos questão de demonstrar nossa arrogância, mais simplesmente poderá o outro conciliar-se conosco.
- d) São de se esperar que os melhores argumentos acabem por sobrepujar os mais fracos, para que a justiça acabe imperando.
- e) Quando for o caso de se fazerem confrontar argumentos inteiramente contrários, melhor seria se houvesse a ação de um bom mediador.

034. (CETREDE/EMATERCE/AGENTE/2018) Em qual das opções a seguir temos um sujeito oracional?

- a) Havia poucos ingressos à venda.
- b) Era primavera.
- c) Roubaram minha carteira.
- d) Cumpre trabalharmos bastante.
- e) Mande-as entrar.

035. (FCC/TRE-SP/TÉCNICO JUDICIÁRIO/2017)

Quando confrontada a duas teorias – uma simples e outra complexa – para explicar um problema, a maior parte das pessoas não hesita em favorecer a primeira, também qualificada como elegante. “Em muitos casos, porém, a complexa pode ser mais interessante”, lembra

o filósofo Marco Zingano, da Universidade de São Paulo. Segundo ele, a escolha é natural na cultura ocidental contemporânea porque o pensamento dessas civilizações foi moldado por Aristóteles e Platão, os filósofos de maior destaque na Grécia Antiga, para quem a metafísica da unidade tinha como paradigma a simplicidade.

Levado ao pé da letra, o resgate puramente historiográfico das contribuições da Antiguidade pode parecer folclórico diante do conhecimento atual. Mas, mesmo que oculta, a influência de Aristóteles e de Platão está presente na forma como o pensamento governa os hábitos intelectuais da civilização atual.

Um dos problemas que ocuparam Platão e Aristóteles foi a acrasia, que leva uma pessoa a tomar uma atitude contrária à que sabe ser a correta. Se está claro, por exemplo, que uma moderada dose diária de exercícios é suficiente para prevenir uma série de doenças graves e trazer benefícios à saúde, por que alguém optaria por passar horas deitado no sofá e se locomover apenas de carro? Para Sócrates, a resposta era simples: guiado pela razão, o ser humano só deixa de fazer o que é melhor se lhe faltar o conhecimento.

Platão discordava, e resolveu o dilema dividindo a alma em três partes: um par de cavalos alados conduzidos por um cocheiro que representa uma delas, a razão. Um dos cavalos, arreado, só pode ser controlado a chicotadas e representa os apetites. O outro é a porção irascível da alma. É o impulso, em geral obediente à razão, mas que pode levar a decisões impetuosas em determinadas situações. “O que determina as ações seriam fontes distintas de motivação”, observa Zingano. Platão pensou o conflito como interno à alma, dando lugar à acrasia. Já Aristóteles dedicou um livro de sua Ética ao fenômeno.

Aristóteles e Platão tiveram um papel importante – e persistente – porque foram grandes sistematizadores do conhecimento. Eles procuraram domar conceitos diversos do Universo, do corpo e da mente, entender seu funcionamento e deixar registrado para uso futuro. Resgatar esses textos, explica Zingano, é uma busca da compreensão de como a cultura ocidental descreve o mundo e enxerga a si mesma ainda hoje.

revistapesquisa.fapesp.br

Um dos problemas que ocuparam Platão e Aristóteles foi **a acrasia...** (3º parágrafo)

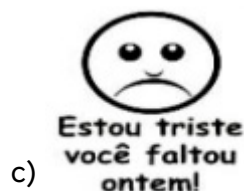
O segmento destacado exerce, na frase acima, a mesma função sintática que o segmento também grifado em:

- a)... guiado pela razão, **o ser humano** só deixa de fazer o que é melhor se...
- b)... o pensamento dessas civilizações foi moldado **por Aristóteles e Platão**.
- c) Eles procuraram domar **conceitos diversos do Universo...**
- d)... conduzidos por um cocheiro que representa uma delas, **a razão**.
- e)... só pode ser controlado **a chicotadas** e representa os apetites...

036. (CETREDE/EMATERCE/AGENTE/2018) Nas afirmativas a seguir, marque a opção cujo termo destacado funciona como objeto indireto.

- a) A sala está cheia **de gente**.
- b) A crença **em Deus** é necessária.
- c) O ministro disse **uma besteira**.
- d) O mundo é filho **da desobediência**.
- e) Edite desconfia **de tudo**.

037. (FGR/PREF.CABECEIRA GRANDE-MG/AUXILIAR/2018) Marque a alternativa abaixo cujo enunciado exemplifica uma frase nominal.



038. (VUNESP/PC-SP/INVESTIGADOR/2018)

Derivada do latim, língua portuguesa é a sétima mais falada no mundo

O português é a língua oficial de nove países e tem mais de 260 milhões de falantes. De acordo com o instituto americano SIL International, há mais de 7000 idiomas no mundo, e o português é o sétimo mais falado.

Parte do grupo das línguas românicas, que inclui o espanhol e o italiano, entre outras, o português é derivado do latim – idioma que teve origem na Itália, na pequena região do Lácio, onde está Roma.

O latim disseminou-se na Europa juntamente com a expansão do domínio do Império Romano.

Foi com as tropas romanas que o latim chegou à face sul do continente europeu (onde hoje estão os territórios de Portugal e Espanha), entre os séculos 3º e 2º a.C.

Devido a ocupações anteriores, a Península Ibérica já tinha a presença de outros povos (e suas línguas, por consequência), como os celtas. Ao longo do tempo, o latim falado foi incorporando elementos linguísticos dessas e de outras populações.

Quando o Império Romano ruiu, no século 5º d.C., a Península Ibérica já estava totalmente latinizada, e o idioma manteve-se em uso por seus habitantes.

No século 15, com a expansão marítima de Portugal, a língua foi espalhada por suas colônias. O uso de outros idiomas ou dialetos locais era, muitas vezes, proibido.

Hoje há muito mais falantes de português fora de Portugal, que tem apenas 10 milhões de habitantes.

<https://www1.folha.uol.com.br>. Adaptado

O substantivo funciona como núcleo do sintagma em que ocorre. Esse sintagma pode ser nominal e, quando não preposicionado, desempenhar a função de sujeito, entre outras. (Maria Helena de Moura Neves, Gramática de usos do português. Adaptado)

No trecho do 4º parágrafo – Foi com as tropas romanas que o latim chegou à face sul do continente europeu... –, o termo que exemplifica a definição, sendo um substantivo como núcleo do sujeito da oração, é

- a) tropas.
- b) face.
- c) continente.
- d) latim.
- e) romanas.

039. (IDECAN/IF-AM/ASSISTENTE/2019)

Grandes questões. Respostas indígenas.

Esta semana, no Rio de Janeiro, o povo Kuikuro do Alto Xingu vai dizer HEKITE KUATSANGE EGEI ENHÜGÜ (Seja bem-vindo!) para pesquisadores indígenas de todo o mundo. De Papua-Nova Guiné, Kiribati, Sudão, Dominica, Uganda, Índia, Quênia e Colômbia, assim como das comunidades Guarani-Kaiowá, Tuxa, Baniwa e Tupinambá do Brasil, povos indígenas se reúnem no Museu do Índio para refletir criticamente sobre como métodos indígenas de pesquisa são essenciais para entender os principais problemas que o mundo enfrenta no século XXI.

Seja para abordar os desafios da mudança climática ou o racismo, a sustentabilidade ambiental ou a violência de gênero, a seca ou patrimônios culturais ameaçados, os

pesquisadores questionam como o conhecimento indígena pode ser ativado de forma efetiva como um recurso para desenvolvimento no futuro. Pesquisadores do Sudão mostram como o conhecimento tradicional núbio pode informar decisões sobre agricultura sustentável. Uma pesquisadora do povo Emberá-Chami demonstra a importância do conhecimento indígena para a resolução de questões de deslocamento forçado na Colômbia ao lado de um pesquisador Acholi, que examina soluções para a seca em Uganda.

Grandes questões. Respostas indígenas. Apesar de todos os impactos positivos dessas colaborações para pesquisas até agora, sabemos que o Brasil enfrenta questões urgentes relacionadas à sua herança indígena e seu futuro. Esse seminário é uma chance para que o povo Kuikuro peça aos colegas indígenas que reflitam juntos sobre como a pesquisa acadêmica pode proteger, preservar e promover o desenvolvimento sustentável para os povos indígenas do Brasil.

Pesquisadores foram convidados a vir ao país para perguntar e entender como esforços de pesquisa colaborativa podem promover a resiliência às atuais ameaças a identidades, terras, águas e culturas indígenas.

Precisamos de metodologias indígenas de pesquisa para compreender a relação entre o desmatamento, a mudança climática, os ciclos de colheita e os rituais dos calendários indígenas. Para resistir à municipalização da assistência médica indígena, é preciso haver pesquisas para examinar como manter um cuidadoso equilíbrio entre conhecimentos indígenas e não indígenas. Já que os Kuikuro não podem mais beber a água do Rio Xingu, precisamos questionar: por quanto tempo seus peixes continuarão a alimentar as aldeias, à medida que toxinas agrícolas e industriais poluem seus afluentes ou o próprio rio é bloqueado por barragens hidrelétricas?

Os debates começam sob os milhares de estrelas do céu do Xingu, no Planetário do Rio, enquanto se contemplam as cosmologias indígenas nas constelações de cada um de nossos visitantes. Na sequência, haverá a busca de respostas para perguntas significativas. Como criar pesquisas equitativas, específicas a um contexto e sensíveis em termos históricos, culturais e linguísticos? Como a coprodução de conhecimento entre pesquisadores indígenas e não indígenas pode superar desequilíbrios de poder arraigados, sobre os quais nossos sistemas universitários de ensino e pesquisa são construídos?

Os conselhos de pesquisa do Reino Unido reuniram colaboradores de doze projetos conduzidos por acadêmicos britânicos em parceria com pesquisadores indígenas de várias partes do mundo para criar um novo conjunto de diretrizes para pesquisa em universidades britânicas. Financiado pelo Global Challenges Research Fund (GCRF) –um investimento de 1,5 bilhão de libras por parte do governo do Reino Unido para criar parcerias que apoiem pesquisas de ponta para lidar com os principais desafios enfrentados por países em desenvolvimento –, o seminário examina em que medida a pesquisa financiada pelo Reino

Unido está sendo conduzida a partir do ponto de vista indígena e busca propor como as universidades podem garantir uma estrutura ética para pesquisas que tragam benefícios diretos a povos indígenas. Acima de tudo, vai questionar que tipo de pesquisa vale a pena conduzir e qual a melhor forma de realizá-la.

O povo Kuikuro e a Universidade Queen Mary de Londres colaboram em projetos de pesquisa financiados pelo GCRF desde 2016. Isso resultou em um programa de residências artísticas organizado pelo povo Kuikuro na Aldeia Ipatse no Alto Xingu, que reuniu mais de 20 artistas de Londres, Madri e Rio de Janeiro.

Em contrapartida, Takumã fez um documentário que oferece uma reflexão crítica sobre modelos britânicos de multiculturalismo, e os Kuikuro colaboraram com o Museu Hornimam, em Londres, para criar uma experiência imersiva da cultura do Xingu com o uso de tecnologias de realidade virtual e aumentada.

Ao dar boas-vindas a nossos colegas de várias partes do mundo, vamos compartilhar muitas questões e esperamos ter algumas respostas. Vamos também contar histórias e refletir sobre como as narrativas que precisamos contar e ouvir estão cada vez mais ameaçadas de extinção. Estamos nos reunindo para criar e mobilizar conhecimentos.

(Takumã Kuikuro e Paul Heritage. Le Monde Diplomatique Brasil. 21 de março de 2019, com adaptações.)

Assinale a alternativa em que a inversão da ordem dos termos provoque alteração gramatical e semântica.

- a) principais problemas (linha 5) / problemas principais
- b) conhecimento tradicional (linha 9) / tradicional conhecimento
- c) atuais ameaças (linha 18) / ameaças atuais
- d) várias partes (linha 31) / partes várias
- e) experiência imersiva (linha 42) / imersiva experiência

040. (FGV/SEPOG-RO/TÉCNICO/2017)

Temos uma notícia triste: o coração não é o órgão do amor! Ao contrário do que dizem, não é ali que moram os sentimentos. Puxa, para que serve ele, afinal? Calma, não jogue o coração para escanteio, ele é superimportante. “É um órgão vital. É dele a função de bombear sangue para todas as células de nosso corpo”, explica Sérgio Jardim, cardiologista do Hospital do Coração.

O coração é um músculo oco, por onde passa o sangue, e tem dois sistemas de bombeamento independentes. Com essas “bombas” ele recebe o sangue das veias e lança para as artérias. Para isso contrai e relaxa, diminuindo e aumentando de tamanho. E o que tem a ver com o amor? “Ele realmente bate mais rápido quando uma pessoa está apaixonada. O corpo libera adrenalina, aumentando os batimentos cardíacos e a pressão arterial”.

(O Estado de São Paulo, 09/06/2012, caderno suplementar, p. 6)

Assinale a opção que apresenta o segmento do texto cuja modificação na ordem dos termos **altera** o significado original.

- a) Puxa, para que ele serve, afinal? / Puxa, afinal, ele serve para quê?
- b)...ele recebe o sangue das veias e lança para as artérias / ele passa para as artérias o sangue que recebe das veias.
- c) O corpo libera adrenalina / a adrenalina é liberada pelo corpo.
- d)...aumentando os batimentos cardíacos e a pressão arterial / aumentando a pressão arterial e os batimentos cardíacos.
- e)...não é ali que moram os sentimentos / não são os sentimentos que moram ali.

QUESTÕES DO TIPO CERTO/ERRADO

041. (CEBRASPE/SEDUC-AL/PROFESSOR/2018)

1| Deixei-o nessa reticência, e fui descalçar as botas, que
estavam apertadas. Uma vez aliviado, respirei à larga, e
deitei-me a fio comprido, enquanto os pés, e todo eu atrás
4| deles, entrávamos numa relativa bem-aventurança. Então
considereei que as botas apertadas são uma das maiores venturas
da Terra, porque, fazendo doer os pés, dão azo ao prazer de as
7|descalçar. Mortifica os pés, desgraçado, desmortifica-os
depois, e aí tens a felicidade barata, ao sabor dos sapateiros e
de Epicuro. (...) Daqui inferi eu que a vida é o mais engenhoso
10| dos fenômenos, porque só aguça a fome, com o fim de deparar
a ocasião de comer, e não inventou os calos, senão porque eles
aperfeiçoam a felicidade terrestre. Em verdade vos digo que
13| toda a sabedoria humana não vale um par de botas curtas.

Machado de Assis. Memórias póstumas de Brás Cubas. In: Obra Completa, v. 1, p. 555-6.

Dados os sentidos do texto, subentende-se que o agente da forma verbal “Mortifica” (l.7) é “botas” (l.5).

042. (CEBRASPE/STJ/TÉCNICO/2018)

10| Autores importantes do campo
da ciência política e da filosofia política e moral se debruçaram
intensamente em torno dessa Oao longo do século XX,
13| e chegaram a conclusões diversas uns dos outros. Embora a
perspectiva analítica de cada um desses autores divirja entre si,
eles estão preocupados em desenvolver formas de promoção de

16| situações de justiça social e têm hipóteses concretas para se chegar a esse estado de coisas.

O sujeito da forma verbal “têm” (l.16) está elíptico e retoma “cada um desses autores” (l.14).

043. (CEBRASPE/SEFAZ-RS/AUDITOR/2018)

26| Por outro lado, a substituição dos tributos indiretos, que atingem o fluxo econômico, por tributos que incidam
28| sobre o estoque da riqueza tem o mérito de criar maior desenvolvimento econômico, pois gera mais consumo, produção e lucros que compensam a tributação sobre a riqueza.

O sujeito da forma verbal “incidam”, na linha 27 do texto é corretamente classificado como simples.

044. (CEBRASPE/TRE-BA/TÉCNICO/2017)

1| Em sua definição, o voto em branco é aquele que não se dirige a nenhum candidato entre os que disputam as eleições. São considerados, portanto, votos estéreis, porque
4| não produzem frutos. Os votos nulos, por sua vez, são aqueles que, somados aos votos em branco, compõem a categoria dos votos estéreis, inválidos ou, como denominou o Tribunal
7| Superior Eleitoral, votos apolíticos. Logo, os votos em branco e os nulos são votos que, a princípio, não produzem resultado nem influenciam no resultado do pleito.
10| Ao comparecer às urnas no dia das eleições, o eleitor que apresentar voto em branco ou nulo pode fazê-lo por diversas razões. Esses motivos podem embasar tanto a postura
13| dos que votam em branco quanto a dos que votam nulo, pois o resultado final é o mesmo: invalidar o voto. Assim sendo, não é razoável diferenciar o voto em branco do voto nulo.
16| Deve-se considerar a essência do ato, a sua real motivação, que é a invalidação. É evidente que não se sabe, ao certo, a razão que motiva cada eleitor a votar em branco ou nulo; entretanto,
19| em ambos os casos, não há dúvida quanto à invalidade do voto por ele dado.

Renata Dias. Os votos brancos e nulos no estado democrático de direito: a legitimidade das eleições majoritárias no Brasil. In: Estudos eleitorais, v. 8, n. 1, jan./abr. 2013, p. 36-8 (com adaptações).

O termo “o Tribunal Superior Eleitoral” (l.6 e 7) desempenha a mesma função sintática que “a razão” (l.17).

045. (CEBRASPE/TRT 21ª REGIÃO/ANALISTA/2017)

Vejo pela manhã os escolares caminhando rumo aos estabelecimentos de ensino. Uma boa percentagem carrega o malote nas costas, preso pelas correias passando pelos ombros. Assim usam meus netos. Meus filhos imitaram os pais, conduzindo os livros numa bolsa, levada na mão esquerda. A recomendação clássica é ter sempre a mão direita livre, desocupada, pronta para a defesa.

Esse transporte da bolsa estudantil parece pormenor sem importância. Mesmo assim foi anotado há mais de vinte séculos em versos latinos. O poeta Quinto Horácio Flaco faleceu oito anos antes de Jesus Cristo nascer. No primeiro livro das Sátiras, a sexta inclui essa referência, recordação do menino Horácio, filho de liberto, indo para a aula do brutal Orbílio Pupilo, ex-soldado em Benavente: *Laevo suspensi locutos tabulamque lacerto*. Antônio Luís Seabra (1799-1895), tradutor de Horácio, divulgou o “No braço esquerdo com tabela e bolsa”. Essas “tabelas” eram as placas de madeira encerada onde escreviam. Valiam os livros contemporâneos. A figura do escolar atravessando as ruas da tumultuosa Roma no ano 55 e que seria o eternamente vivo Horácio, volta aos meus olhos, nessa janela provinciana e brasileira, aos seis graus ao sul da Equinocial.

(CASCUDO, Câmara, “Indo para a Escola”, em *História dos Nossos Gestos*. Edição digital. Rio de Janeiro: Global, 2012)

O segmento destacado em “Assim usam **meus netos**” (1º parágrafo) exerce, no contexto, a mesma função sintática que o termo destacado em “**Uma boa percentagem** carrega o malote nas costas...” (1º parágrafo).

046. (CEBRASPE/TJ-AM/ANALISTA/2019) Texto CB1A1-I:

16| compre um automóvel com um
crédito bancário, mas deixe de pagar suas prestações. Uma
manhã, introduz sua chave digital no veículo, e a porta não
19| abre. Foi bloqueada por falta de cumprimento do contrato.
Minutos depois, chega o funcionário do banco com outra chave
digital. Abre a porta, liga o motor e parte com o veículo.
22| O contrato inteligente bloqueou, de maneira automática, o uso
do dispositivo digital por Alice, porque ela não cumpriu o
contrato. O banco recupera o veículo, sem perder tempo com
25| advogados.

Federico Ast. *Como faremos justiça? – A chegada dos contratos inteligentes*. In: *ÉPOCA negócios*. 9/12/2018. Internet: <<https://epocanegocios.globo.com>> (com adaptações).

No trecho “Abre a porta, liga o motor e parte com o veículo” (l.21), o termo “o veículo” é sujeito das formas verbais “Abre”, “liga” e “parte”.

047. (CEBRASPE/IHBASE/MÉDICO/2018) Texto CG1A1AAA:

1| Nasci no Brás, durante a Segunda Guerra. Da rua
em que morávamos até a Praça da Sé, são vinte minutos
de caminhada.

4| Quando estava com sete anos, acordei com
os olhos inchados, e meu pai me levou ao pediatra.

Ao voltarmos, o futebol ininterrupto que jogávamos com

7| bola de borracha na porta da fábrica em frente parou e
a molecada correu até nós. Queriam saber se era verdade que
os médicos davam injeções enormes na bunda das crianças.

10| Nenhum daqueles filhos de operários, meus irmãos
ou eu havia ido ao pediatra; só os fortes sobreviviam, a morte
de crianças era aceita com resignação. Em várias regiões

13| do país, a mortalidade infantil ultrapassava uma centena
para cada mil nascidos.

Se a assistência médica não chegava efetivamente

16| ao Brás fabril, o primeiro bairro da zona leste, encostado
no centro da cidade que mais crescia na América Latina,
que cuidados recebiam aqueles da zona rural, que constituíam
19| mais de 70% da população?

Sarampo, caxumba, catapora, difteria e tosse
comprida eram doenças da infância, tão inevitáveis quanto
22| a noite e o dia. Qualquer episódio de febre que deixasse
a criança apática enlouquecia as mães, apavoradas pelo
fantasma onipresente da poliomielite. O som metálico das
25| próteses que acompanhava os passos de meninas e meninos
era ouvido em toda parte

No pronto-socorro de pediatria, os bebês com

28| diarreia e desidratação eram atendidos em uma sala com
trinta berços, ao lado dos quais as mães passavam os dias
e as noites em vigília. Morriam quatro ou cinco em cada
31| plantão de 12 horas.

Em 1988, o SUS passou a fazer parte da

Constituição Federal. Nós nos tornamos o único país com
34| mais de 100 milhões de habitantes que ousou oferecer
saúde para todos. Apesar de termos nos esquecido de onde
sairiam os recursos para tamanho desafio, dos descasos,

37| das interferências políticas, hoje são raras as crianças sem acesso a pediatria.

Em contraste com as imagens de unidades de saúde

40| caindo aos pedaços e prontos-socorros com doentes no chão, as equipes do Saúde da Família atendem, de casa em casa,

a maior parte do país continental. Temos o maior programa

43| gratuito de vacinações e de transplante de órgãos do mundo.

A distribuição universal de medicamentos contra HIV

não só impediu que a epidemia se transformasse em catástrofe

46| nacional, como serviu de base para o combate em países da África e da Ásia.

Se pensarmos que, nos tempos desassistidos de

49| minha infância, o Brasil tinha 50 milhões de habitantes,

enquanto hoje somos 200 milhões, a assistência médica deu

um salto quantitativo e de qualidade muito superior ao de

52| outras áreas sociais, apesar de todas as deficiências gerenciais.

Drauzio Varella. Os visionários do SUS. 14/12/2015. Internet: <<https://drauziovarella.com.br>> (com adaptações)

O sujeito da forma verbal “parou” (l.7) é “fábrica” (l.7).

048. (CEBRASPE/PGE-PE/ANALISTA/2019)

1| A própria palavra “crise” é bem mais a expressão de um movimento do espírito que de um juízo fundado em argumentos extraídos da razão ou da experiência. Não há

4| período histórico que não tenha sido julgado, de uma parte ou de outra, como um período em crise. Ouvi falar de crise em

todas as fases da minha vida: depois da Primeira Guerra

7| Mundial, durante o fascismo e o nazismo, durante a Segunda Guerra Mundial, no pós-guerra, bem como naqueles que foram

chamados de anos de chumbo. Sempre duvidei que o conceito

10| de crise tivesse qualquer utilidade para definir uma sociedade ou uma época.

Que fique claro: não tenho nenhuma intenção de

13| difamar ou condenar o passado para absolver o presente, nem de deplorar o presente para louvar os bons tempos antigos.

Desejo apenas ajudar a que se compreenda que todo juízo

16| excessivamente resoluto nesse campo corre o risco de parecer

leviano. Certamente, existem épocas mais turbulentas e outras menos. Mas é difícil dizer se a maior turbulência depende de 19| uma crise moral (de uma diminuição da crença em princípios fundamentais) ou de outras causas, econômicas, sociais, políticas, culturais ou até mesmo biológicas.

Norberto Bobbio. Elogio da serenidade e outros escritos morais. Trad. Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Editora UNESP, 2002, p. 160-1 (com adaptações).

Todo o trecho subsequente ao termo “difícil” (l.18) funciona como complemento desse termo.

049. (CEBRASPE/PRF/POLICIAL/2019)

Se prestarmos atenção à nossa volta, perceberemos que quase tudo que vemos existe em razão de atividades do 10| trabalho humano. Os processos de produção dos objetos que nos cercam movimentam relações diversas entre os indivíduos, assim como a organização do trabalho 13| alterou-se bastante entre diferentes sociedades e momentos da história.

Thiago de Mello. Trabalho. Internet: <educacao.globo.com> (com adaptações).

No trecho “Os processos de produção dos objetos que nos cercam movimentam relações diversas entre os indivíduos” (l.10 a 12), o sujeito da forma verbal “cercam” é “Os processos de produção dos objetos”.

050. (CEBRASPE/PC-SE/DELEGADO/2018)

10| Para que a atuação policial ocorra dentro dos parâmetros democráticos, é essencial que haja a implementação de um modelo de policiamento que 13| corresponda aos preceitos constitucionais, promovendo-se o equilíbrio entre os pressupostos de liberdade e segurança.

Almir de Oliveira Junior (Org.) Instituições participativas no âmbito da segurança pública: programas impulsionados por instituições policiais. Rio de Janeiro: IPEA, 2016, p. 13 (com adaptações)

A oração “que haja a implementação de um modelo de policiamento” (l.11 e 12) tem a função de qualificar o adjetivo que a antecede: “essencial” (l.11).

051. (CEBRASPE/PC-SE/DELEGADO/2018) Texto CB1A4-I:

1| — Tinha vinte e cinco anos, era pobre, e acabava de ser nomeado alferes da Guarda Nacional. Não imaginam o acontecimento que isto foi em nossa casa. Minha mãe ficou tão

4| orgulhosa! Vai então uma das minhas tias, D. Marcolina, que morava a muitas léguas da vila, num sítio escuso e solitário, desejou ver-me, e pediu que fosse ter com ela e levasse a farda.

7| Chamava-me também o seu alferes. E sempre alferes; era alferes para cá, alferes para lá, alferes a toda a hora. Na mesa tinha eu o melhor lugar, e era o primeiro servido. Não

10| imaginam. Se lhes disser que o entusiasmo da tia Marcolina chegou ao ponto de mandar pôr no meu quarto um grande espelho, naturalmente muito velho; mas via-se-lhe ainda

13| o ouro.

— Espelho grande?

— Grande. E foi, como digo, uma enorme fineza,

16| porque o espelho estava na sala; era a melhor peça da casa.

Mas não houve forças que a demovessem do propósito; respondia que não fazia falta, que era só por algumas semanas,

19| e finalmente que o “senhor alferes” merecia muito mais. O certo é que todas essas coisas, carinhos, atenções, obséquios, fizeram em mim uma transformação, que o natural sentimento

22| da mocidade ajudou e completou. Imaginam, creio eu?

— Não.

— O alferes eliminou o homem. Durante alguns dias

25| as duas naturezas equilibraram-se; mas não tardou que a primitiva cedesse à outra; ficou-me uma parte mínima de humanidade. Aconteceu então que a alma exterior, que era

28| dantes o sol, o ar, o campo, os olhos das moças, mudou de natureza, e passou a ser a cortesia e os rapapés da casa, tudo o que me falava do posto, nada do que me falava do homem. A

31| única parte do cidadão que ficou comigo foi aquela que entendia com o exercício da patente; a outra dispersou-se no ar e no passado. Vamos aos fatos. Vamos ver como, ao tempo em

34| que a consciência do homem se obliterava, a do alferes tornava-se viva e intensa. No fim de três semanas, era outro, totalmente outro.

Machado de Assis. O espelho. In: John Gladson (Org.). 50 contos de Machado de Assis. Cia. das Letras. Edição eletrônica. Internet: <<https://lelivros.org>> (com adaptações).

Na linha 18, os sujeitos das formas verbais “respondia” e “fazia” estão elípticos e referem-se, respectivamente, a “tia Marcolina” e “espelho”, mencionados anteriormente no texto.

052. (CEBRASPE/MPE-PI/NÍVEL SUPERIOR/2018) Texto CB1A1-I:

1| Escrita, secreta e submetida, para construir as suas
provas, a regras rigorosas, a investigação penal é uma
máquina que pode produzir a verdade na ausência do réu.
4| E, por isso mesmo, esse procedimento tende necessariamente
para a confissão, embora em direito estrito não a exija.
Por duas razões: em primeiro lugar, porque constitui uma
7| prova tão forte que não há necessidade de acrescentar outras,
nem de entrar na difícil e duvidosa combinatória dos indícios;
a confissão, desde que seja devidamente feita, quase
10| exime o acusador de fornecer outras provas (em todo o caso,
as mais difíceis); em segundo, a única maneira para
que esse procedimento perca toda a sua autoridade unívoca
13| e para que se torne uma vitória efetivamente obtida sobre
o acusado, a única maneira para que a verdade exerça todo
o seu poder, é que o criminoso assuma o seu próprio
16| crime e assine aquilo que foi sábia e obscuramente
construído pela investigação.
No interior do crime reconstituído por escrito,
19| o criminoso confesso desempenha o papel de verdade viva.
Ato do sujeito criminoso, responsável e falante, a confissão
é a peça complementar de uma investigação escrita e secreta.
22| Daí a importância que todo processo de tipo inquisitorial
atribui à confissão. Por um lado, tenta-se fazê-la entrar no cálculo geral
25| das provas, como se fosse apenas mais uma: não é a *evidentia*
rei; tal como a mais forte das provas, não pode por si só
implicar a condenação e tem de ser acompanhada por indícios
28| anexos e presunções, pois já houve acusados que se declararam
culpados de crimes que não cometeram; se não tiver em sua
posse mais do que a confissão regular do culpado, o juiz deverá
31| então fazer investigações complementares. Mas, por outro lado,
a confissão triunfa sobre quaisquer outras provas. Até certo
ponto, transcende-as; elemento no cálculo da verdade, a
34| confissão é também o ato pelo qual o réu aceita a acusação e
reconhece os seus bons fundamentos; transforma uma
investigação feita sem a sua participação em uma afirmação
37| voluntária.

Michel Foucault. Vigiar e punir – nascimento da prisão. Trad. Pedro Elói Duarte. Ed. 70: 2013 (com adaptações).

O sujeito da forma verbal “cometeram” (l.29) é indeterminado.

053. (CEBRASPE/INSTITUTO RIO BRANCO/DIPLOMATA/2018) Texto XI:

1| Até meados do século XIX, a classe que trafica
adquire bens para convertê-los em lucro e benefício. Daí em
diante, ela será outra. Um traço para distinguir as duas fases já
4| foi lembrado: o despertar do entorpecimento que lhe causava
a predominância social da classe proprietária, por sua vez, na
cúpula, recoberta pelo estamento dos que mandam, governam
7| e dirigem a política. Mas que não haja equívoco: o arrastar na
sombra denunciava-lhe prestígio negativo, oriundo da
composição de estrangeiros entre seus membros e do tipo de
10| negócios a que se dedicava, sobretudo no comércio negreiro.
Não que vivesse alheia à importância econômica ou à
eficiência no trato do sistema. Era ela a categoria dinâmica da
13| economia, a que lhe dava impulso à energia, financiando a
produção, com o fornecimento de crédito e escravos.
Sobretudo, armava o elo que ligava o café ao comércio
16| mundial, polo diretor, em última instância, da economia
nacional, dependente de flutuação de centros de decisões fora
do país. De outro lado, comunicava às cidades e ao campo a
19| modernização, de nível europeu, de mercadorias, e, por via
delas, de costumes, modas e hábitos de consumo. Estava na
sombra, mas não lhe faltava atividade, vibração nervosa e
22| energia. Por via desse subterrâneo pulsar, ligava-se ao estrato
dirigente, o estamento, com repulsa e, não raro, em oposição
de estilos de vida, mas em íntima compreensão, além da zona
25| dos salões e dos palácios, aos interesses materiais. Assim é
que, antes de 1850, a arquitetura política, caracterizada no
centralismo, servia mais ao grupo dos negociantes,
28| comissários, traficantes de escravos, importadores e
exportadores, do que aos isolados produtores e fazendeiros.
Servia-a, também, a estabilidade monetária, quebrada de
31| maneira grave com a agitação de fazendeiros e especuladores
industriais no fim do império. Houve um momento em que ela
— a classe lucrativa — se emancipou, passou a viver de seu
34| próprio impulso, sem se disfarçar ou mascarar-se em traços
secundários de outra classe, detentora de maior expressão
social, ou do estrato monopolizador do prestígio político. Sobe

37| uma classe e dentro dela elevam-se muitos aspirantes a essa
camada. Individualmente, é o momento da crise — o homem
escolhe o seu caminho, desdenhando o curso batido e
40| frequentado. Socialmente, toda uma camada quer os bens da
vida, materiais e ideais, sem arrimos ou auxílios, agora vistos
como ilegítimos. O empresário faz-se na cidade, conquista
43| títulos de nobreza e cadeiras no parlamento. Foi neste
momento que a surpreendeu Machado de Assis, mal inclinado
a ela por força de seu preconceito, nutrido de tradição. No seu
46| sarcasmo, ferindo-a de zombarias e riso, ele vê um mundo que
cresce a sua frente, transformando a sociedade — ele tudo vê,
com escândalo, repugnância e indignação. O dinheiro,
49| avassalando os negócios, invade as consciências,
infundindo torpeza em toda parte, na queda de escrúpulos,
virtudes e valores.

Raymundo Faoro. Lucro e negócios — classe lucrativa. In: Machado de Assis — a pirâmide e o trapézio. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974. p. 226 (com adaptações).

No período “Sobe uma classe e dentro dela elevam-se muitos aspirantes a essa camada” (l.36 a 38), os termos “uma classe” e “muitos aspirantes a essa camada” exercem função de sujeito nas orações em que se inserem.

054. (CEBRASPE/IPHAN/NÍVEL MÉDIO/2018) Texto CB2A1AAA:

10| Certa produção historiográfica e sociológica, em
debate pelo menos desde os anos 70 do século passado e já
clássica na atualidade, trouxe novos ingredientes para a
13| reflexão sobre essa ambiguidade do papel do historiador e
do intelectual de um modo geral. Essa literatura aponta os
numerosos constrangimentos a que estavam submetidos, na
16| sua produção intelectual, em função de um processo de
formação, enquadramento e disciplinarização que
delineava um lugar de fala, limitado por regras de diversas
19| naturezas. Dentre elas, podem ser destacadas as de
financiamento de estudos, postos a julgamentos sobre suas
finalidades e objetivos por comissões de alto nível, bem
22| como as regras que regem a oferta de trabalho. O perfil e a
política das instituições em que estão inseridos, entre
outros aspectos, impõem a agenda dos estudos do
25| momento.

Márcia Chuva. História e patrimônio. In: Revista do patrimônio histórico e artístico nacional, n. 34, 2012, p. 11 (com adaptações).

O sujeito da locução verbal “estavam submetidos” (l.15) está elíptico e se refere a “historiador” (l.13) e “intelectual de um modo geral” (l.14).

055. (CEBRASPE/EMAP/NÍVEL MÉDIO/2018)

1| A crescente internacionalização da economia,
decorrente, principalmente, da redução de barreiras ao
comércio mundial, da maior velocidade das inovações
4| tecnológicas e dos grandes avanços nas comunicações,
tem exigido mudanças efetivas na atuação do comércio
internacional.
7| A abordagem desse tipo de comércio, inevitavelmente,
passa pela concorrência, visto que é por meio da garantia
e da possibilidade de entrar no mercado internacional,
10| de estabelecer permanência ou de engendrar saída, que
se consubstancia a plena expansão das atividades comerciais
e se alcança o resultado último dessa interatuação: o preço
13| eficiente dos bens e serviços.

Defesa da concorrência e defesa comercial são
instrumentos à disposição dos Estados para lidar com distintos
16| cenários que afetem a economia. Destaca-se como a principal
diferença o efeito que cada instrumento busca neutralizar.

A política de defesa da concorrência busca
19| preservar o ambiente competitivo e coibir condutas desleais
advindas do exercício de poder de mercado. A política
de defesa comercial busca proteger a indústria nacional
22| de práticas desleais de comércio internacional.

Elaine Maria Octaviano Martins Curso de direito marítimo Barueri: Manoele, v 1, 2013, p 65 (com adaptações)

Acerca de aspectos linguísticos do texto precedente e das ideias nele contidas, julgue o item a seguir.

O sujeito da oração iniciada por “Destaca-se” (l.16) é indeterminado, portanto não está expresso.

056. (CEBRASPE/EBSERH/NÍVEL SUPERIOR/2018) Texto CB1A1AAA:

1| Já houve quem dissesse por aí que o Rio de Janeiro é
a cidade das explosões. Na verdade, não há semana em que os
jornais não registrem uma aqui e ali, na parte rural.
A ideia que se faz do Rio é a de que é ele um vasto

paio! e que vivemos sempre ameaçados de ir pelos ares, como se estivéssemos a bordo de um navio de guerra, ou habitando 7| uma fortaleza cheia de explosivos terríveis.

Certamente que essa pólvora terá toda ela emprego útil; mas, se ela é indispensável para certos fins industriais, 10| convinha que se averiguassem bem as causas das explosões, se são acidentais ou propositais, a fim de que fossem removidas na medida do possível. Isso, porém, é que não se tem dado e 13| creio que até hoje não têm as autoridades chegado a resultados positivos.

Entretanto, é sabido que certas pólvoras, submetidas 16| a dadas condições, explodem espontaneamente, e tem sido essa a explicação para uma série de acidentes bastante dolorosos, a começar pelo do Maine, na baía de Havana, sem esquecer 19| também o do Aquidabã.

Noticiam os jornais que o governo vende, quando avariada, grande quantidade dessas pólvoras.

22| Tudo indica que o primeiro cuidado do governo devia ser não entregar a particulares tão perigosas pólvoras, que explodem assim sem mais nem menos, pondo pacíficas vida 25| sem constante perigo.

Creio que o governo não é assim um negociante ganancioso que vende gêneros que possam trazer a destruição 28| de vidas preciosas; e creio que não é, porquanto anda sempre zangado com os farmacêuticos que vendem cocaína aos suicidas. Há sempre no Estado curiosas contradições.

Lima Barreto Pólvora e cocaína In: Vida urbana, 5/1/1915 Internet: <www.dominiopublico.gov.br> (com adaptações)

No que se refere às estruturas linguísticas do texto CB1A1AAA, julgue o item seguinte. O sujeito elíptico da forma verbal “anda” (l.28) retoma a expressão “um negociante ganancioso” (l. 26 e 27)

057. (CEBRASPE/SEDF/PROFESSOR/2017)

1| Quando indaguei a alguns escritores de sucesso que manuais de estilo tinham consultado durante seu aprendizado, a resposta mais comum foi “nenhum”. Disseram que escrever, 4| para eles, aconteceu naturalmente.

Eu seria o último dos mortais a duvidar que os bons escritores foram abençoados com uma dose inata de fluência 7| mais sintaxe e memória para as palavras. Ninguém nasceu com competência para redigir. Essa competência pode não se ter originado nos manuais de estilo, mas deve ter vindo de algum 10| lugar.

O sentido original da oração “Essa competência pode não se ter originado nos manuais de estilo” (l.8 e 9) seria alterado caso a palavra “não” fosse deslocada para antes da forma verbal “pode”.

058. (CEBRASPE/SEDF/PROFESSOR/2017) O sujeito da oração iniciada pela forma verbal “Disseram” (l.3) é indeterminado.

059. (CEBRASPE/SEDF/PROFESSOR/2017) Em “Disseram que escrever, para eles, aconteceu naturalmente” (l.3 e 4), a supressão das vírgulas preservaria a correção gramatical do período, mas prejudicaria seu sentido original.

060. (CEBRASPE/TRF 1ª REGIÃO/ANALISTA/2017) Texto 4A4AAA:

1| A linguagem — seja ela oral ou escrita, seja mímica ou semafórica — é um sistema de símbolos, signos ou signos-símbolos, voluntariamente produzidos e 4| convencionalmente aceitos, mediante o qual o ser humano se comunica com seus semelhantes, expressando suas ideias, sentimentos ou desejos.

7| A linguagem ideal seria aquela em que cada palavra designasse apenas uma coisa, correspondesse a uma só ideia ou conceito, tivesse um só sentido. Como tal não ocorre em 10| nenhuma língua conhecida, as palavras são, por natureza, enganosas, porque polissêmicas ou plurivalentes.

Isoladas de contexto ou situação, as palavras quase 13| nada significam de maneira precisa, inequívoca (Ogden e Richards são radicais: “as palavras nada significam por si mesmas”): “...o que determina o valor da palavra é o contexto, 16| o qual, a despeito da variedade de sentidos de que a palavra seja suscetível, lhe impõe um valor ‘singular’; é o contexto também que a liberta de todas as representações passadas, nela 19| acumuladas pela memória, e que lhe atribui um valor ‘atual’”. Assim, por mais condicionada que esteja a significação de uma

palavra ao seu contexto, sempre subsiste nela, palavra, um
22| núcleo significativo mais ou menos estável e constante, além de
outros traços semânticos potenciais em condições de se
evidenciarem nos contextos em que ela apareça. Se, como
25| entendem Ogden e Richards, as palavras por si mesmas nada
significassem, a cada novo contexto elas adquiririam
significação diferente, o que tornaria praticamente impossível
28| a própria intercomunicação linguística.

Othon M. Garcia. Comunicação em Prosa Moderna. 21.ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002, p. 175-6 (com adaptações).

Na linha 21, o termo “palavra”, entre vírgulas, foi empregado para deixar claro o referente do vocábulo “nela”, evitando-se, assim, uma interpretação ambígua do período.

GABARITO

- | | |
|-------|-------|
| 1. d | 35. a |
| 2. d | 36. e |
| 3. d | 37. b |
| 4. a | 38. d |
| 5. d | 39. d |
| 6. d | 40. e |
| 7. a | 41. E |
| 8. c | 42. E |
| 9. b | 43. C |
| 10. b | 44. C |
| 11. c | 45. C |
| 12. b | 46. E |
| 13. d | 47. E |
| 14. e | 48. E |
| 15. e | 49. E |
| 16. e | 50. E |
| 17. b | 51. C |
| 18. d | 52. E |
| 19. a | 53. C |
| 20. e | 54. C |
| 21. a | 55. E |
| 22. e | 56. E |
| 23. a | 57. C |
| 24. a | 58. E |
| 25. b | 59. C |
| 26. d | 60. C |
| 27. b | |
| 28. e | |
| 29. a | |
| 30. a | |
| 31. d | |
| 32. e | |
| 33. a | |
| 34. d | |

GABARITO COMENTADO

QUESTÕES DO TIPO MÚLTIPLA ESCOLHA

001. (CEBRASPE/MPE-AP/ANALISTA/2021) Texto CG1A1-II:

À área da linguística que se ocupa em contribuir para a solução de problemas judiciais e que auxilia também na compreensão de discursos e interações produzidos em ambiente jurídico chamamos de linguística forense. Pouco ainda se fala e se conhece sobre a aplicação da linguística à esfera forense, apesar de muitos crimes serem cometidos unicamente ou parcialmente por meio da língua, como a calúnia, a injúria, a difamação, a ameaça, o estelionato e a extorsão.

Ao produzir um texto, oral ou escrito, o sujeito lança mão de um vasto repertório lexical e regras de ordenação sintática pertencentes à gramática de seu idioma. Entretanto, esse arranjo não é feito da mesma forma por diferentes pessoas. Ao falarmos ou ao escrevermos, organizamos o material linguístico que está disponível em nosso acervo mental de uma forma única, afinal cada indivíduo constituiu seu vocabulário a partir de experiências também únicas. Isso significa que imprimimos nosso estilo em nossos textos, deixando nele nossa “assinatura”. Esse uso individual do idioma é chamado de idioleto, ou seja, é como se fosse um dialeto pessoal, uma marca identitária daquele indivíduo. Embasada nisso, a linguística forense procura desenvolver metodologias que auxiliem no processo de atribuição de autoria de um determinado texto.

Welton Pereira e Silva. Linguística forense: como o linguista pode contribuir em uma demanda judicial? In:

Roseta, v. 2, n. 2, 2019 (com adaptações).

No primeiro período do texto CG1A1-II, o sujeito da oração principal

- a) está indeterminado, haja vista o emprego do vocábulo “se”.
- b) é o termo “área da linguística”.
- c) é o termo “linguística forense”.
- d) está elíptico e corresponde à primeira pessoa do plural.
- e) é composto.



Vamos ao primeiro período do texto: “À área da linguística que se ocupa em contribuir para a solução de problemas judiciais e que auxilia também na compreensão de discursos e interações produzidos em ambiente jurídico **chamamos** de linguística forense.” O verbo da oração principal está flexionado na primeira pessoa do plural: “chamamos”. Como não há sintagma sujeito explícito (apenas a flexão marca o sujeito do verbo) e o referente está identificado (a primeira pessoa do plural), a alternativa (D) é adequada.

Letra d.

002. (CEBRASPE/PREFEITURA DA BARRA DOS COQUEIROS-SE/AJUDANTE DE PEDREIRO/2020)

Texto CG3A1-I:

1 No século 21, eu acredito que a missão da Organização das Nações Unidas (ONU) será definida por uma consciência nova e mais profunda da santidade e da dignidade 4 de cada vida humana, independentemente de raça ou religião. Isso irá requerer que levemos o nosso olhar para além da estrutura dos Estados, ou da simples superfície de nações ou 7 comunidades. Devemos enfocar, como nunca, a melhoria das condições de vida de homens e mulheres, individualmente, que dão ao Estado ou à nação a sua riqueza e o seu caráter.

10 Neste novo século, devemos começar pela compreensão de que a paz pertence não somente aos Estados ou povos, mas também a cada um e a todos os membros dessas 13 comunidades. A soberania dos Estados não mais deverá ser utilizada como um escudo contra grandes violações aos direitos humanos. A paz deve ser real e tangível no dia a dia de cada 16 indivíduo que dela necessite. Devemos buscá-la, acima de tudo, pelo fato de ser a condição para que cada membro da família humana possa levar uma vida de dignidade e segurança.

19 A lição do século passado nos fez entender que ameaçar ou atropelar a dignidade do indivíduo — como naqueles países onde o cidadão não desfruta do direito básico 22 de escolher o seu governo, ou do direito de o escolher regularmente — resultou em conflitos, perdas de civis inocentes, vidas abreviadas e comunidades destruídas.

25 Com efeito, os obstáculos à democracia têm muito pouco a ver com cultura ou religião, e muito mais com o desejo daqueles que se encontram no poder e querem manter sua 28 posição a qualquer custo. Não se trata de um fenômeno novo nem restrito a uma parte específica do mundo. As pessoas de todas as culturas prezam por sua liberdade de escolha e sentem 31 a necessidade de ter direito de voz nas decisões que afetam suas vidas.

Kofi Annan [secretário-geral das Nações Unidas], 10 dez. 2000 51 In: Jerzy Szeremeta. *Participação genuína na era da tecnologia de informação e comunicação (TIC)*. Fundação Luís Eduardo Magalhães. *Gestão pública e participação*. Cadernos da FLEM. 20.^a ed. Salvador: FLEM, 2005, cap. III, p. 105-6 (com adaptações).

No texto CG3A1-I, o sujeito elíptico das formas verbais “levemos” (l.5) e “Devemos” (l.7) corresponde a

- a) eu.
- b) você.
- c) eles.
- d) nós.
- e) vós.



As formas verbais “levemos” e “devemos” têm como sujeito a forma pronominal reta “nós”: primeira pessoa do plural.

Letra d.

003. (CEBRASPE/MPC-PA/CARGO DE NÍVEL SUPERIOR/2019) Texto CG1A1-I:

1 Atitudes para um desenvolvimento sustentável tornaram-se uma urgência e estão inseridas de forma definitiva na agenda da sociedade. Até no mundo dos negócios a 4 sustentabilidade está em pauta. Empresas que antes pensavam só em lucro agora otimizam seus processos por meio da sustentabilidade empresarial. Outro campo de estudos voltado 7 para o consumo consciente e equilibrado com o meio ambiente é a bioeconomia, ou economia sustentável, cujo objetivo é promover a utilização de recursos de base biológica, recicláveis 10 e renováveis, e consequentemente mais sustentáveis.

Hoje, a sustentabilidade é um imperativo para o sucesso das empresas, que precisam cada vez mais entregar ao 13 cliente valor agregado e estilo de vida, e não somente mercadorias. A preocupação com o meio ambiente converte-se, portanto, em vantagem competitiva, notadamente em mercados 16 cada vez mais exigentes e desafiadores. Isso amplia a perenidade da marca, em virtude do fortalecimento de sua reputação e credibilidade.

19 Para o desenvolvimento sustentável, os negócios devem estar amparados em boas práticas de governança, com benefícios sociais e ambientais. Essa metodologia influencia os 22 ganhos econômicos, a competitividade e o sucesso das organizações.

Qual é o motivo de a sustentabilidade ser tão 25 importante para a economia? A população cresce em número e em capacidade de consumo; com isso, a demanda pela utilização de recursos naturais recrudescer de forma quase 28 insustentável. A utilização de matrizes não renováveis tende ao esgotamento e à poluição progressiva do meio ambiente. Para quebrar esse paradigma, mobilizam-se conceitos econômicos 31 que propõem um novo modo de gestão da sociedade, como a economia circular e a bioeconomia.

A bioeconomia está ligada à melhoria de nosso 34 desenvolvimento e à busca por novas tecnologias que priorizem a qualidade de vida da sociedade e do meio ambiente em seu eixo de elaboração. Ela, agora, reúne todos os setores 37 da economia que utilizam recursos biológicos. Assim, a bioeconomia surgiu para possibilitar soluções eficazes e coerentes para os problemas socioambientais contemporâneos: 40 mudanças climáticas, crise econômica mundial, substituição do uso de energias fósseis, saúde, qualidade de vida da população, entre outros.

43 O objetivo é criar uma economia inovadora com baixas emissões de poluentes, que concilie as exigências para a agricultura sustentável e a pesca, a segurança alimentar e o

46 uso sustentável dos recursos biológicos renováveis para fins industriais, e que assegure, ao mesmo tempo, a biodiversidade e a proteção ambiental. A bioeconomia contempla não apenas 49 setores tradicionais como agricultura, silvicultura e pesca, mas também setores como as biotecnologias e bioenergias. Ao que tudo indica, o futuro será definitivamente *bio*.

Marina Santos Chiapetta. Internet: (com adaptações).

No texto CG1A1-I, o termo “conceitos econômicos” (l.30) é

- a) sujeito sintático de “propõem” (l.30)
- b) complemento de “mobilizam-se” (l.30)
- c) agente da ação expressa por “mobilizam-se” (l.30)
- d) sujeito sintático de “mobilizam-se” (l.30)
- e) sujeito sintático tanto de “mobilizam-se” (l.30) quanto de “propõem” (l.31)



Observe o trecho original: “Para quebrar esse paradigma, **mobilizam-se conceitos econômicos** que propõem um novo modo de gestão da sociedade, como a economia circular e a bioeconomia.” A pergunta para encontrar o sujeito é feita ao predicado: “quem/o que **se mobilizam**?”. A resposta será “conceitos econômicos” (e, assim, esse é o sujeito de “mobilizam-se”). Lembro que o “se” é partícula apassivadora e a passiva é sintética. Logo, a alternativa (D) está correta.

Letra d.

004. (CEBRASPE/CGE-CE/AUDITOR/2019) Texto CB1A1-I:

1 Candeia era quase nada. Não tinha mais que vinte casas mortas, uma igrejinha velha, um resto de praça. Algumas construções nem sequer tinham telhado; outras, 4 invadidas pelo mato, incompletas, sem paredes. Nem o ar tinha esperança de ser vento. Era custoso acreditar que morasse alguém naquele cemitério de gigantes.

7 O único sinal de vida vinha de um bar aberto. Duas mesas de madeira na frente, um caminhão, um homem e uma mulher na boleia ouvindo música, entre abraços, 10 beijos e carícias ousadas. Mais desolado e triste que Juazeiro do Norte aquele povoado, muito mais. Em Juazeiro tinha gente, a cidade era viva. E no meio daquele povo todo 13 sempre se encontrava uma alma boa como a de sua mãe, uma moça bonita, um amigo animado. Candeia era morta.

Samuel ao menos ficou um pouco feliz por ouvir 16 a música do caminhoneiro. Quase sorriu. O esboço de alegria durou até aparecer pela porta mal pintada de azul uma mulher assombrosa, praguejando com uma vassoura na mão 19 e mandando desligar aquela música maldita. O caminhoneiro a chamou pelo nome:

— Cadê o café, Helenice? Deixa de praguejar, 22 coisa-ruim!

Pela mesma porta saiu uma moça, bem jovem, com uma garrafa térmica vermelha e duas canecas. Foi 25 e voltou com rapidez, agora trazendo dois pratos, quatro pães pequenos, duas bananas cozidas e um pote de margarina.

— Cinco reais — ordenou Helenice, com a mão 28 na garrafa térmica.

— Só come se pagar.

O homem pagou, sempre rindo da cara de Helenice, visivelmente bêbado.

31 Samuel invejou o caminhoneiro. Não tinha tanto dinheiro para comer naquele fim de tarde, fim de vida.

Socorro Acioli. A cabeça do santo. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 17-8 (com adaptações).

No texto CB1A1-I, o sujeito da oração “Era custoso” (l.5) é

- a) o segmento “acreditar que morasse alguém naquele cemitério de gigantes” (l.5 e 6).
- b) o trecho “alguém naquele cemitério de gigantes” (l.6).
- c) o termo “custoso” (l.5).
- d) classificado como indeterminado.
- e) oculto e se refere ao período “Nem o ar tinha esperança de ser vento” (l.4 e 5).



Sempre é bom voltar ao trecho original: “Era custoso acreditar que morasse alguém naquele cemitério de gigantes.” A pergunta para encontrar o sujeito é feita ao predicado: “quem/o que **era custoso**?” A resposta será o sujeito oracional “acreditar que morasse alguém naquele cemitério de gigantes”. Por isso a alternativa (A) é a correta.

Letra a.

005. (INS. ACCESS/PREF. DOMINGOS MARTINS-ES/PROFESSOR/2024) Num mundo onde o silêncio se tornou um artigo de luxo, uma viagem de autocarro – como se designa um ônibus em Portugal – pode transformar-se numa sinfonia de desconfortos, desafios à nossa paciência e epifania para o tempo presente.

O segmento entre travessões indica, no texto, uma

- a) enumeração.
- b) explicitação.
- c) especificação.
- d) explicação.



A expressão “como se designa um ônibus em Portugal” explica o significado de “autocarro”. A expressão não enumera, especifica ou explicita (torna evidente) algo do texto.

Letra d.

006. (INS. ACCESS/PREF. DOMINGOS MARTINS-ES/AUDITOR/2024) Esses documentos foram revelados pelo INPI (Instituto Nacional da Propriedade Industrial) em dezembro do ano passado, quando o órgão do governo federal tornou públicas cerca de 3.200 patentes históricas, que datam de 1895 a 1929, cujo conteúdo foi descoberto em 2020 e digitalizado a partir do ano seguinte.

O termo sublinhado no período acima desempenha função sintática de

- a) objeto direto.
- b) predicativo do sujeito.
- c) adjunto adnominal.
- d) predicativo do objeto.



A análise deve ser feita da seguinte forma: o núcleo do predicado verbal é “tornou”. O sujeito é “o órgão do governo federal”. Esse verbo é transitivo direto. Em ordem direta, temos: o órgão do governo federal tornou cerca de 3.200 patentes históricas públicas. Com isso, o “públicas” qualifica (predica) o objeto (o que se tornou pública? As 3.200 patentes históricas). Logo, temos um predicativo do objeto. Uma vez feita a classificação, descartamos as outras alternativas: não é objeto direto, não é predicativo do sujeito e não é adjunto adnominal.

Letra d.

007. (INS. ACCESS/PREF. PASSOS-MG/OFICIAL/2023) Mas ainda não está claro se esse efeito negativo em potencial é de curto ou longo prazo”, explica Ranganathan.

O termo sublinhado no período acima desempenha função sintática de

- a) sujeito
- b) objeto direto.
- c) aposto.
- d) adjunto adnominal.



O termo “Ranganathan” é sujeito do verbo “explica”. Se perguntarmos ao verbo “quem é que explica?”, a resposta será justamente “Ranganathan”. Esse sujeito está posposto ao verbo, por isso pode gerar uma confusão. Não se trata, então, de um objeto direto, de um aposto ou de um adjunto adnominal.

Letra a.

008. (IDIB/CÂMARA DE PLANALTINA/TÉCNICO ADMINISTRATIVO/2021)



Disponível em <https://www.folhadaregiaio.com.br/2019/07/24/charge-do-dia-24-07-2019-tiens/>. Acesso em 06/03/2021

Na frase “Tô com fome mãe!”, deveria ter tido uma vírgula

- a) depois do verbo “tô”, porque há orações coordenadas assindéticas.
- b) depois do verbo “tô”, porque há um adjunto adverbial deslocado.
- c) depois de “fome”, porque há um vocativo.
- d) depois de “fome”, porque há um aposto.



A vírgula é necessária para isolar o vocativo “Mãe” (um chamamento, o qual evoca o interlocutor). O adequado, então, seria registrar a vírgula após o termo “fome”: Tô com fome, mãe! A alternativa (C) está correta, portanto.

Letra c.

009. (IDIB/CRECI 20ª REGIÃO/TÉCNICO ADMINISTRATIVO/2021) No trecho: “A Terra, o terceiro planeta mais próximo do Sol, apresenta cerca de 71% da sua superfície coberta por oceanos de água salgada”. No excerto, a vírgula tem a função de isolar o

- a) Adjetivo.
- b) Aposto.
- c) Vocativo.
- d) Substantivo.



Os termos “A terra” e “o terceiro planeta mais próximo do Sol” partilham o mesmo referente no mundo. Ambos possuem natureza nominal. Isso indica que o segundo termo é aposto do primeiro. Logo, o par de vírgulas é utilizado para isolar um aposto.

Letra b.

010. (IDIB/CÂMARA DE PLANALTINA/TÉCNICO EM INFORMÁTICA/2021)



Em “*Flecha, você é machista?*”, a vírgula foi empregada por qual razão?

- a) Para isolar o aposto.
- b) Para isolar o vocativo.
- c) Para isolar o adjunto adverbial deslocado.
- d) Para separar orações coordenadas assindéticas.



O termo “*Flecha*” é um chamado (a forma como um interlocutor evoca o outro). Trata-se, então, de um vocativo, um termo não sintático (quer dizer, um termo que não se relaciona sintaticamente com outros termos da oração). É por isso que o vocativo deve ser isolado por vírgula. A alternativa (B) é a correta: a vírgula foi empregada para isolar o vocativo.

Letra b.

011. (CS-UFG/UFG/ASSISTENTE EM ADMINISTRAÇÃO/2019) Em “Para isso, ele tem como foco questões fundamentais relacionadas ao que chama de ‘três origens’”, o sujeito gramatical do verbo “chamar”:

- a) está realizado e explícito na sentença na forma da palavra “que”.
- b) apresenta-se como sujeito nulo, porque o verbo na terceira pessoa, nesse caso, constitui uma indeterminação.
- c) está elíptico na sentença, mas pode ser inferido, porque foi enunciado anteriormente por meio da palavra “ele”.
- d) mostra-se posposto ao verbo por meio do sintagma “três origens”.



A forma verbal **chama** está flexionada na terceira pessoa do singular, sem índice de indeterminação do sujeito (“se”). Por isso, ou o sujeito está elíptico, ou é algum termo explícito na frase. Como podemos perceber, a forma **que** não é sujeito, pois está preposicionada. Assim, resta-nos a alternativa de sujeito elíptico, isto é, indicado pela flexão.

Letra c.

012. (CESGRANRIO/UNIRIO/ASSISTENTE EM ADMINISTRAÇÃO/2019) A substituição da expressão destacada pelo que se encontra entre colchetes está de acordo com a norma-padrão em:

- a) Jorge Amado **tomava a bebida** sem açúcar. [tomava-lhe]
- b) Diolino gostava de **mostrar a receita**. [mostrá-la]
- c) Pelé **bebia no carro** porque era discreto. [bebia-lhe]
- d) Wando e Rô Rô também **frequentavam o bar**. [frequentavam-nos]
- e) O MiniBar **produzia 6.000 litros** por mês. [produzia-se]



Em (A) e (C), a forma pronominal “lhe” (com função de complemento indireto no âmbito verbal) não pode ocorrer porque o verbo “tomar” é transitivo direto e o verbo “beber” é intransitivo (“no carro” é adjunto adverbial). Em (D), a forma pronominal não pode ser “nos”, porque originalmente o termo é singular “o bar”. Em (E), o pronome “se” não pode substituir a forma “6.000 litros”. Em (B), a forma pronominal “la” pode substituir o objeto direto “a receita” (note que ambos estão no singular e são de gênero feminino).

Letra b.

013. (AOC/P/CODEM-PA/ANALISTA/2017) Analise o seguinte trecho e assinale a alternativa INCORRETA.

“Novos estudos estão mostrando que o uso frequente do Facebook nos torna mais impulsivos, mais narcisistas, mais desatentos e menos preocupados com os sentimentos dos outros.”

- a) Trata-se de um período composto por duas orações.
- b) Os sujeitos das orações são, respectivamente, “novos estudos” e “o uso frequente do Facebook”.
- c) Existe uma oração principal, não iniciada por conjunção, e uma oração subordinada, iniciada por conjunção integrante.
- d) Existem duas orações e, em uma delas, o sujeito está oculto para evitar repetições desnecessárias.
- e) A locução verbal “estão mostrando” poderia ser substituída por “mostram” sem prejuízo de entendimento à oração em questão.



As duas orações do trecho destacado são nucleadas por “estão mostrando” e “torna”. O sujeito de “estão mostrando” é “Novos estudos” e o sujeito de “TORNA” é “o uso frequente do Facebook”. Por isso, não há sujeito oculto, como incorretamente afirma a alternativa (d).

Letra d.

014. (FGV/PREF. MUN. PAULÍNIA-SP/PROFESSOR/2021) Em todos os pensamentos abaixo, o enunciador teve a preocupação de construir frases com paralelismo sintático. Assinale a opção que apresenta a frase em que essa preocupação acaba por gerar um **erro gramatical**.

- a) Eu pego as lendas e as transformo em coisas comuns; Mozart pega as coisas comuns e as transforma em lendas.
- b) Sucesso é conseguir o que você quer e felicidade é gostar do que você conseguiu.
- c) As grandes épocas dizem: a arte. As épocas medíocres dizem: as artes.
- d) A crítica é fácil e a arte é difícil.
- e) Felicidade é alguém para amar, algo para fazer e algo para aspirar.



Em (E), o paralelismo com o verbo “aspirar” (transitivo indireto no sentido de “almejar”) é inadequado, pois falta-lhe a preposição. As formas verbais “amar” e “fazer”, diferentemente, são transitivas diretas e não necessitam de preposição.

Letra e.

015. (FGV/CÂM.SALVADOR-BA/ASSISTENTE LEGISLATIVO/2018) “Ou seja, foi usada para criar uma desigualdade social sem a qual, acreditam alguns teóricos, a sociedade não se desenvolveria nem se complexificaria”.

Sobre um componente desse segmento do texto 2, é correto afirmar que:

- a) o sujeito da forma verbal “foi usada” está posposto;
- b) a frase “para criar uma desigualdade” indica uma concessão;
- c) o relativo “a qual” se refere a um termo seguinte;
- d) o termo “alguns teóricos” funciona como objeto direto;
- e) a forma verbal no futuro do pretérito – desenvolveria – indica uma possibilidade.



Na alternativa (a), afirma-se que o sujeito da forma verbal “foi usada” está posposto. Isso está errado, porque o sujeito nem ao menos está manifesto. A alternativa (e) analisa corretamente o valor semântico-discursivo do futuro do pretérito: hipótese, possibilidade.

Letra e.

016. (VUNESP/TJ-SP/ASSISTENTE/2017)

É urgente

A decisão de Nicolás Maduro de elevar a meio milhão os milicianos armados com fuzil na Venezuela é a pior de suas ideias ruins.

Sugere que Maduro prevê a decisão da discórdia venezuelana por meio das armas. Caso não o seja, nem por isso se extinguirá o mal do armamentismo: vai prolongar-se na criminalidade típica de uma população armada e, em grande parte, indesarmável. Ainda por motivos mais econômicos, os venezuelanos fogem em massa. Seu número cresce. O Brasil está atrasado, como se indiferente, nas providências para essa emergência social.

(Jânio de Freitas, "É urgente". Folha de S.Paulo, 10.04.2017)

Assinale a alternativa em que o verbo destacado tem sujeito elíptico.

- a) A decisão de Nicolás Maduro [...] **é** a pior de suas ideias ruins.
- b)... os venezuelanos **fogem** em massa
- c)... nem por isso se **extinguirá** o mal do armamentismo...
- d) Seu número **cresce**.
- e) **Sugere** que Maduro prevê a decisão da discórdia venezuelana por meio das armas.



O sujeito elíptico é marcado **apenas** na flexão verbal. É isso o que ocorre em (e): **[ALGUÉM – 3ª pessoa do singular]** Sugere que Maduro...

Letra e.

017. (IADES/CFM/ANALISTA/2018/ADAPTADA) [...] Essa influência se fez sentir em maior grau em Monteiro Lobato. Seu contato com as pesquisas de Manguinhos levaram o criador de Emília, integrante da célebre turma do Sítio do Picapau Amarelo, a alterar completamente a concepção de um de seus famosos personagens, o Jeca Tatu [...].

No trecho acima, as vírgulas isolam uma expressão que exerce a função sintática de:

- a) adjunto adverbial.
- b) aposto.
- c) complemento nominal.
- d) adjunto adnominal.
- e) vocativo.



As vírgulas isolam um **aposto**. Isso porque os termos possuem a mesma natureza categorial (substantiva) e referem-se à mesma entidade:

[Emília = integrante da célebre turma do Sítio do Picapau Amarelo]

Letra b.



(Disponível em: <http://admmudacomomundo.blogspot.com/p/pagina-3.html>.)

018. (CONSULPLAN/CFC/BACHAREL/2021-1) Considerando as falas dos personagens da charge anterior, assinale a alternativa correta.

- a) A resposta de Adelaide ao chefe demonstra ironia em seu enunciado formado por duas orações complementares.
- b) O emprego do vocábulo “coisa” por Adelaide demonstra que a personagem não domina as regras gramaticais da língua portuguesa.
- c) Na fala do chefe, é possível observar o emprego de um verbo transitivo indireto acrescido de um verbo na forma nominal gerúndio.
- d) O humor da tira baseia-se na interpretação incorreta de um dos interlocutores, ainda que propositamente, acerca do sentido estabelecido pela locução verbal “*andei pensando*”.



Nessa questão, a banca CONSULPLAN avalia os seus conhecimentos de compreensão textual e de gramática. A alternativa correta é a (D), pois há uma espécie de “interpretação incorreta” sobre a expressão “andei pensando”. A interlocutora analisa cada forma verbal como semanticamente independente: 1º ele andou; 2º ele pensou. Na interpretação “correta”, a expressão “andei pensando” denota o evento progressivo (e ainda válido para o presente enunciativo) de **pensar**, introduzindo discursivamente uma fala (que ainda não foi enunciada). Nas demais alternativas, os erros são estes: (A) o enunciado de Adelaide não é formado por duas orações (há apenas frases nominais); (B) o emprego do vocábulo “coisa” é adequado ao contexto discursivo da charge, não havendo desvios da norma gramatical da língua portuguesa; (C) o verbo é intransitivo.

Letra d.

019. (CONSULPLAN/CFC/BACHAREL/2021-2)

O futebol é uma das principais práticas desportivas e, inclusive, atração cultural para o povo brasileiro, o que, conseqüentemente, provoca reflexos na economia do país ao gerar empregos diretos e indiretos no mercado, por seu potencial econômico. A notoriedade do futebol, como modalidade esportiva, foi um dos principais fatores a fazer com que o esporte se consolidasse também como uma área de negócio. A importância social e econômica do esporte tornou praticamente necessário que os clubes de futebol utilizassem a contabilidade, aliada às ferramentas de gestão, no processo de geração de informações para a tomada de decisão.

Embora o futebol movimente grandes volumes de recursos, é destacado por Silva, Teixeira e Niyama (2009, p. 1) que “as discussões recentes a imprensa esportiva sobre a viabilidade financeira de alguns clubes, o elevado endividamento, a falta de controle financeiro e os problemas de governança corporativa alertam para a relevância da contabilidade para estas entidades”. Por isso, o estudo da contabilidade alocada às entidades desportivas é considerado relevante e, nesse sentido, normas contábeis foram instituídas para orientar o processo de contabilização dos fatos relevantes às transações de entidades desportivas profissionais, de tal modo que atribui à contabilidade um papel imprescindível para a transparência econômico-financeira dessas entidades, bem como no auxílio à sua gestão.

(Christiane Maria Arantes Vieira Bragato, Marli Auxiliadora da Silva. RBC n. 243. Ano XLIX. Maio/Junho de 2020. Disponível em: <http://rbc.cfc.org.br/index.php/rbc/article/view/1860/1292/>. Fragmento com adaptações.)

Dentre os variados aspectos linguísticos que foram empregados no texto, destaca-se a flexão de algumas palavras mediante a necessidade de acréscimo de morfemas desinenciais. Assim, leia e analise as afirmativas a seguir sobre o aspecto mencionado e assinale a correta.

- O emprego do adjetivo “necessário”, conforme visto no 1º§ ou como parte integrante de uma expressão, será sempre invariável.
- A forma verbal “tornou” em “*tornou praticamente necessário*” não apresenta flexão de número por tratar-se de verbo impessoal.
- Sendo a expressão “*uma das principais práticas desportivas*” sujeito de uma oração hipotética, ocorrerá a exigência do verbo apenas no plural.
- A expressão “a fazer” em “*foi um dos principais fatores a fazer*” pode ser substituída por “que fizeram” ou “que fez”, de acordo com a intenção discursiva, mantendo-se a correção gramatical.



- Certa. No contexto de ocorrência do adjetivo “necessário”, observamos a forma verbal “tornar(-se)”, empregada no sentido de “fazer passar ou passar de um estado a outro”. Nesse sentido, o verbo é transitivo direto predicativo. O objeto direto do verbo “tornar” é

oracional: “que os clubes de futebol utilizassem a contabilidade”. Essa estrutura é predicada pelo predicativo “necessário” (um predicativo do objeto). Como se trata de uma estrutura oracional, o adjetivo permanece invariável. O problema da afirmativa em (A) está no trecho “como parte integrante de uma expressão”, o qual confunde o candidato em relação à terminologia “termos integrantes da oração”.

b) Errada. Há sujeito explícito (“A importância social e econômica do esporte”).

c) Errada. Observamos uma inadequação na classificação da expressão “uma das principais práticas desportivas”, a qual deve ser corretamente classificada como predicativo do sujeito.

d) Errada. A substituição é inadequada, pois originalmente o sentido da expressão é de finalidade (não compatível com a estrutura adjetiva proposta).

Letra a.

020. (INSTITUTO AOCP/PC-ES/PERITO/2019)



Quanto às escolhas lexicais no texto, assinale a alternativa correta.

- a) O pronome demonstrativo “esta” está inadequado por ter função anafórica.
- b) No segundo quadrinho, “obrigado” deveria estar flexionado no feminino para concordar com “artificialidade das soluções rápidas”.
- c) O termo “poderoso da mídia de massa” classifica-se como um aposto.
- d) Por se tratar de um gênero textual informal, a linguagem utilizada por Calvin é inadequada.
- e) O pronome demonstrativo “esta” é adequado por fazer referência espacial a um objeto próximo do falante.



a) Errada. É incorreto afirmar que o pronome tem função anafórica. Na verdade, a forma pronominal aponta para algo em relação ao enunciador, não em relação a algum termo do texto.

b) Errada. A forma “obrigado” concorda com o gênero do enunciador (no caso, masculino).

- c) Errada. O termo destacado (“poderoso da mídia de massa”) não é um aposto. Na verdade, o correto é classificar a expressão como um VOCATIVO, pois se trata de um **chamamento**.
- d) Errada. A alternativa faz uma análise inadequada sobre o nível de registro do quadrinho. Na verdade, a linguagem utilizada por Calvin é adequada ao conteúdo (de humor) da história.
- e) Certa. O “esta” indica que o objeto apontado está próximo do enunciador.

Letra e.

021. (INSTITUTO AOCP/UFPB/ADMINISTRADOR/2019) Assinale a alternativa em que as vírgulas empregadas em destaque estão demarcando um aposto.

- a) “[...] quando ela disse que estava com saudades da Atlântida, o reino submerso por Deus, em resposta aos desafios e à soberba de seu soberano [...]”.
- b) “[...] talvez, seja por isso que o mundo minta tanto, hoje em dia.”.
- c) “Os japoneses, por exemplo, contam que um velhinho, na véspera do ano-novo, não conseguiu vender os chapéus que fabricava [...]”.
- d) “[...] algumas cabeludas, outras mais inocentes, sempre invenções da mente, fruto da criatividade [...]”.
- e) “[...] mas poucos sabem que esta é uma tradição recente, de pouco mais de 50 anos, e que veio do candomblé [...]”.



Como havíamos trabalhado na aula teórica, o aposto é caracterizado pelas propriedades de: (i) ter natureza substantiva; (ii) possuir equivalência referencial com outro termo substantivo. Isso acontece apenas em (a):

Atlântida = o reino submerso por Deus
substantivo = substantivo

Letra a.

022. (VUNESP/TJ-SP/ASSISTENTE/2017) A regra de pontuação que determina o emprego da vírgula em “Muita gente não gosta de Floriano Peixoto, o ‘Marechal de Ferro.’” também se aplica ao trecho adaptado do editorial “Nem tão livres” (Folha de S. Paulo, 04.04.2017):

- a) Passou o tempo, diz o ativista Joel Simon, em que se acreditava ser impossível censurar ou controlar a informação na internet.
- b) Notícias falsas e quantidade nauseante de calúnias e ofensas circulam pelas redes sociais – tornando-as, ainda que livres, inconfiáveis em larga medida.
- c) Todavia, a própria sensação de que exista uma tão ampla liberdade se vê passível de contestações.
- d) A guerra da informação e da contrainformação, se não ameaça diretamente a vida de jornalistas, não deixa, entretanto, de pôr em risco a verdade dos fatos.

e) O diretor do Comitê de Proteção aos Jornalistas, ONG com sede em Nova York, talvez surpreenda quem comemora as facilidades dos meios eletrônicos.



A regra em O é a de isolar **aposto** por vírgula. A única alternativa em que ocorre aposto é a letra (e). Nela, “Comitê de Proteção aos Jornalistas” e “ONG com sede em Nova York” constituem o mesmo referente e possuem natureza substantiva.

Letra e.

023. (IBGP/PREF.SARZEDO-MG/TÉCNICO ADMINISTRATIVO/2018) O uso da vírgula, nos trechos em destaque, está adequadamente justificado, **EXCETO** em:

- a) Trata-se de Oligada ao direito constitucional, uma vez que a nossa constituição apresenta, **no seu art. 5º**, como direitos fundamentais de um lado o direito à imagem e de outro à liberdade de informação. **[P2] - ISOLAR APOSTO.**
- b) Logo, **na atualidade**, os Tribunais têm uma função de destaque na fixação de balizas acerca desse tema. **[P4] - ISOLAR ADJUNTO ADVERBIAL DE TEMPO.**
- c) Um aspecto nocivo vem sendo vivenciado por todos nós, que é a proliferação das chamadas fake news, **ou seja**, notícias falsas. **[P7] - ISOLAR EXPRESSÃO EXPLICATIVA.**
- d) Nesses casos, no afã de dar a notícia em primeiro lugar, isto é, obter “um furo de reportagem”, alguns veículos de comunicação não apuram, **minimamente**, a veracidade do fato, levando ao público uma notícia em dissonância com a realidade. **[P7] - ISOLAR ADJUNTO ADVERBIAL DE MODO.**



No trecho em (a), a expressão isolada não pode ser um aposto, pois não possui natureza substantiva (nominal). Observe que a expressão está preposicionada: “**no seu artigo 5º**”.

Letra a.

024. (CETREDE/PREF.ARQUIRAZ-CE/GUARDA MUN./2017) Na oração: “Vi muita gente chorando depois, **homens feitos, mulheres maduras**”, qual a função sintática do termo destacado?

- a) Aposto.
- b) Adjunto adnominal.
- c) Adjunto adverbial.
- d) Objeto direto.
- e) Complemento nominal.



O termo destacado equivale, semanticamente, a “muita gente”. Essa equivalência semântica é a seguinte: ambos os termos apontam para a mesma entidade no mundo. Em termos categoriais, ambas as expressões são de natureza substantiva. Por isso, a expressão é classificada como **aposto**.

Letra a.

025. (FGR/PREF.CABECEIRA GRANDE-MG/PROCURADOR/2018) Leia o trecho transcrito de uma obra de Monteiro Lobato e atente para sua pontuação.

“Pedrinho não podia compreender férias passadas em outro lugar que não fosse no Sítio do Picapau Amarelo, em companhia de Narizinho, do Marquês de Rabicó, do Visconde de Sabugosa e da Emília. E tinha de ser assim mesmo, porque Dona Benta era a melhor das vovós; Narizinho, a mais galante das primas; Emília, a mais maluquinha de todas as bonecas; o Marquês de Rabicó, o mais rabicó de todos os marqueses; e o Visconde de Sabugosa, o mais ‘cômodo’ de todos os viscondes. E havia ainda a tia Nastácia, a melhor quituteira deste e de todos os mundos que EXISTEM.”

Veja outras possibilidades de pontuação nas seguintes passagens.

I – E tinha de ser assim mesmo; porque Dona Benta era a melhor das vovós.

II – O Marquês de Rabicó; o mais rabicó de todos os marqueses.

III – Emília – a mais maluquinha de todas as bonecas.

IV – E havia ainda a tia Nastácia: a melhor quituteira deste e de todos os mundos que existem.

V – Marque a alternativa que apresenta as passagens onde a pontuação foi substituída

CORRETAMENTE.

a) I e III.

b) III e IV.

c) II e IV.

d) I e II.



As pontuações em (III) e em (IV) estão adequadas porque em ambos os casos o **aposto** está isolado por termos equivalentes a vírgulas (travessão e dois-pontos).

Nas demais reescrituras ((I) e (II)), a pontuação está inadequada porque o sinal ponto e vírgula é muito “forte” para separar orações coordenadas (em (I)) e aposto (em (II)).

Letra b.

026. (VUNESP/CÂM.COTIA-SP/CONTADOR/2017) Leia a charge:



O motivo pelo qual se separa entre vírgulas o termo “Baiano” também está presente na seguinte frase:

- a) Era um lugar estranho, ou melhor, onde coisas sem explicação aconteciam.
- b) Foi em Curitiba, capital do Paraná, que seu coração ganhou companhia.
- c) A jovem Veridiana, que estava em viagem, acabou sem saber da tragédia.
- d) Eu lhe disse, meu amigo, que esta cidade tem belezas e encantamentos.
- e) Ficava a pensar em coisas absurdas, por exemplo, nos sonhos das formigas.



A regra em análise é a de isolar **vocativo** (termo de **chamamento**) por vírgula. A única alternativa em que há um “chamamento” é a (d): “meu amigo”.

Letra d.

027. (CETREDE/EMATERCE/AGENTE/2018) “– Um doce, moça, compra um doce para mim.”

Sobre o sujeito dessa oração, marque a opção correta.

- a) Está representado pelo substantivo moça.
- b) Trata-se de um sujeito oculto.
- c) Classifica-se como indeterminado.
- d) É sujeito simples representado pelo pronome mim.
- e) É uma oração sem sujeito.



O sujeito da forma verbal “compra” é a segunda pessoa do singular (“com quem se fala”) do imperativo afirmativo. O termo “moça”, no trecho em análise, é um **vocativo**. Assim, o sujeito da forma verbal não está manifesto fonologicamente e só pode ser identificado

pela flexão (que indica segunda pessoa). Isso leva à classificação do sujeito como **oculto** (elíptico, desinencial).

Letra b.

028. (QUADRIX/CRP 2ª REGIÃO/PSICÓLOGO/2018)



No terceiro quadrinho, em “ele morreu aquecido e seguro”, as palavras “aquecido” e “seguro”, juntamente com a forma verbal “morreu”,

- a) causam ambiguidade.
- b) geram obscuridade.
- c) constituem um predicado verbal.
- d) constituem um predicado nominal.
- e) constituem um predicado verbo-nominal.



Primeiramente, não há ambiguidade ou obscuridade. Dito isso, podemos observar a classificação sintática dos termos. Ambos (“aquecido” e “seguro”) são **predicativos do sujeito**. Sendo predicativos do sujeito e havendo verbo lexical (“morreu”), estamos diante de um predicado verbo-nominal.

Letra e.

- 029.** (IADES/CORREIOS/TÉCNICO EM SEGURANÇA DO TRABALHO JÚNIOR/2017) A respeito das relações sintáticas que constituem o período “Bill, que tinha 20 anos de idade na época, lutava na II Guerra Mundial e redigiu a carta em janeiro de 1945.”, assinale a alternativa correta.
- a) O pronome “que”, utilizado para retomar o termo “Bill”, desempenha a função de sujeito da oração.
 - b) Por exigirem termos que lhes completem o sentido, todos os verbos classificam-se como transitivos.
 - c) Os termos “na época” e “em janeiro de 1945” indicam circunstâncias referentes às ações expressas, respectivamente, pelos verbos “tinha” e “redigiu”; portanto, funcionam como complementos verbais.
 - d) Os verbos “lutava” e “redigiu” referem-se a um sujeito indeterminado.
 - e) A função desempenhada pelo termo “a carta” seria mantida na seguinte redação: **A carta foi redigida em janeiro de 1945.**



Em (a), de fato o pronome relativo “que” exerce função sintática de sujeito (da forma verbal “ter”) e retoma o nome substantivo “Bill”.

Agora precisamos observar os erros de análise nas alternativas (b), (c), (d) e (e):

- b) o verbo “lutar” é intransitivo (no contexto de ocorrência), e por isso não exige complemento.
- c) Os termos “na época” e “em janeiro de 1945” indicam circunstâncias referentes às ações expressas, respectivamente, pelos verbos “tinha” e “redigiu” [ATÉ AQUI, TUDO CERTO!]. No entanto, contrariamente ao que se afirma no item, os termos destacados não são complementos verbais, mas sim **adjuntos**.

Letra a.

- 030.** (IBFC/PREF.ANDRADAS-MG/AGENTE/2017) Leia:

“Precisamos de melhores projetos de transporte, adequados para cada **realidade**, porque não adianta uma cidade querer colocar BRT e não ter passageiros suficientes pra isso” [...] Acerca do sujeito da oração destacada, pode-se dizer que:

- a) É desinencial (nós).
- b) É indeterminado.
- c) Não possui sujeito.
- d) É composto (nós).



O núcleo verbal da oração é “precisamos”. A flexão desse verbo indica que o sujeito é de primeira pessoa do plural (**Nós precisamos**). Na tradição gramatical, esse sujeito não manifesto fonologicamente é denominado desinencial (oculto ou elíptico).

Letra a.

031. (INSTITUTO AOCP/UFPB/ADMINISTRADOR/2019)

Mundo de mentira

Paulo Pestana

Tem muita gente que implica com mentira, esquecendo-se de que as melhores histórias do mundo nascem delas: algumas cabeludas, outras mais inocentes, sempre invenções da mente, fruto da criatividade — ou do aperto, dependendo da situação.

Ademais, se fosse tão ruim estaria na lista das pedras que Moisés recebeu aos pés do monte Sinai, entre as 10 coisas mais feias da humanidade, todas proibidas e que levam ao inferno; ficou de fora.

A mentira não está nem entre os pecados capitais, que aliás eram ofensas bem antes de Cristo nascer, formando um rol de virtudes avessas, para controlar os instintos básicos da patuleia. Eram leis. E é preciso lembrar também que ninguém colocou a mentira entre os pecados veniais; talvez, seja por isso que o mundo minta tanto, hoje em dia.

E tudo nasceu na forma mais poética possível, com os mitos — e não vamos falar de presidentes aqui — às lendas, narrativas fantásticas que serviam para educar ou entreter. Entre tantas notícias falsas, há muitas lendas que, inclusive, explicam por que fazemos tanta festa para o ano que começa.

Os japoneses, por exemplo, contam que um velhinho, na véspera do ano-novo, não conseguiu vender os chapéus que fabricava e colocou-os na cabeça de seis estátuas de pedra; chegou em casa coberto de neve e sem um tostão. No dia seguinte, recebeu comida farta e dinheiro das próprias estátuas, para mostrar que a bondade é sempre reconhecida e recompensada.

Os brasileiros vestem roupas brancas na passagem do ano, mas poucos sabem que esta é uma tradição recente, de pouco mais de 50 anos, e que veio do candomblé, mais precisamente da cultura Yorubá, com os *irúnmolés's funfun* — as divindades do branco. E atenção: para eles, o regente de 2019 é Ogum, o guerreiro, orixá associado às forças armadas, ao mesmo tempo impiedoso, impaciente e amável. Ogumê!

Mas na minha profunda ignorância eu não conhecia a lenda da Noite de São Silvestre, que marca a passagem do ano. E assim foi-me contada pelo Doutor João, culto advogado, entre suaves goles de vinho — um Quinta do Crasto Douro (sorry, periferia, diria o Ibrahim Sued).

Disse-me ele: ao ver a Virgem Maria desolada contemplando o Oceano Atlântico, São Silvestre se aproximou para consolá-la, quando ela disse que estava com saudades da Atlântida, o reino submerso por Deus, em resposta aos desafios e à soberba de seu soberano e dos pecados de seu povo.

As lágrimas da Virgem Maria — transformadas em pérolas — caíram no oceano; e uma delas deu origem à Ilha da Madeira — chamada Pérola do Atlântico, na modesta visão dos locais — ao mesmo tempo em que surgiram misteriosas luzes no céu, que se repetiriam por anos a fio; e é por isso que festejamos a chegada do ano-novo com fogos de artifício.

Aliás, agora inventaram fogo de artifício sem barulho para não incomodar os cachorros. A próxima jogada politicamente correta será lançar fogos sem luz para não perturbar as corujas buraqueiras. E isso está longe de ser lenda: é só um mundo mais chato.

Análise os trechos a seguir retirados do texto e assinale a alternativa que apresenta uma oração com sujeito oculto.

- a) “Os brasileiros vestem roupas brancas na passagem do ano [...]”.
- b) “Aliás, agora inventaram fogo de artifício sem barulho [...]”.
- c) “E isso está longe de ser lenda [...]”
- d) “[...] chegou em casa coberto de neve e sem um tostão.”.
- e) “E tudo nasceu na forma mais poética possível [...]”.



O sujeito oculto é também denominado “elíptico” ou “desinencial”. A propriedade central do sujeito oculto é a possibilidade de indicar o sujeito da expressão verbal na cadeia do discurso (ele pode ser retomado/identificado/determinado). Outro fato, mais simples, é o de que o sujeito oculto não está manifesto fonologicamente (ou na escrita).

Em (a), (d) e (e), os sujeitos estão expresso: “Os brasileiros”; “isso”; e “tudo”. Por isso, não são classificados como ocultos.

Em (b), não é possível indicar o sujeito da expressão verbal na cadeia do discurso. Não se sabe quem “inventaram” fogo de artifício sem barulho. Por isso, não pode ser oculto. Nesse caso, temos um sujeito indeterminado na forma de terceira pessoa do plural (sem referente anterior).

Em (d), é possível indicar o referente “um velhinho”, ainda que não esteja manifesto fonologicamente.

Letra d.

032. (FCC/DPE-AM/ANALISTA/2018) Será que lhes faltam **características**.

O segmento que exerce a mesma função sintática do destacado acima está também destacado em:

- a) As ideias estão **no ar**.
- b) A mimese adiciona **uma dimensão representativa** à imitação.
- c) que **as** reorganize em algo pessoal.
- d) Há **ecos, imitações, paráfrases** de Rossini.
- e) **A criatividade** envolve não só anos de preparação e treinamento.



A função sintática do termo em destaque é a de **sujeito** (“o que é que faltam a eles?” Resposta: “Características”). A dificuldade é o fato de esse termo estar após a forma verbal. Nas alternativas, a única expressão destacada que exerce função de sujeito é “a criatividade”.

Letra e.

033. (FCC/TRE-SP/ANALISTA JUDICIÁRIO/2017) As formas verbais estão adequadamente empregadas e há presença da voz passiva em:

- a) Os argumentos dos contendores, numa discussão, só serão aceitos caso se venha a considerá-los com isenção.
- b) Fossem sempre vencedores os argumentos de quem mais paixão demonstram, a irracionalidade acabará por imperar.
- c) Se não fizéssemos questão de demonstrar nossa arrogância, mais simplesmente poderá o outro conciliar-se conosco.
- d) São de se esperar que os melhores argumentos acabem por sobrepujar os mais fracos, para que a justiça acabe imperando.
- e) Quando for o caso de se fazerem confrontar argumentos inteiramente contrários, melhor seria se houvesse a ação de um bom mediador.



Em (b), (c) e (d), não há voz passiva. Em (e), há voz passiva, mas, sendo o sujeito oracional, o verbo deve estar no singular (“se fazer confrontar”).

Letra a.

034. (CETREDE/EMATERCE/AGENTE/2018) Em qual das opções a seguir temos um sujeito oracional?

- a) Havia poucos ingressos à venda.
- b) Era primavera.
- c) Roubaram minha carteira.
- d) Cumpre trabalharmos bastante.
- e) Mande-as entrar.



Para ser um termo oracional, é preciso que haja uma forma verbal como núcleo. Isso não ocorre em (a), (b) e (c). Em (e), o sujeito da forma verbal “mandar” é desinencial (flexão do imperativo afirmativo) – e por isso não se trata de sujeito oracional. Resta, portanto, a alternativa em (d): “trabalharmos bastante” é o sujeito da forma verbal “cumpre”.

Letra d.

035. (FCC/TRE-SP/TÉCNICO JUDICIÁRIO/2017)

Quando confrontada a duas teorias – uma simples e outra complexa – para explicar um problema, a maior parte das pessoas não hesita em favorecer a primeira, também qualificada como elegante. “Em muitos casos, porém, a complexa pode ser mais interessante”, lembra o filósofo Marco Zingano, da Universidade de São Paulo. Segundo ele, a escolha é natural na cultura ocidental contemporânea porque o pensamento dessas civilizações foi moldado por Aristóteles e Platão, os filósofos de maior destaque na Grécia Antiga, para quem a metafísica da unidade tinha como paradigma a simplicidade.

Levado ao pé da letra, o resgate puramente historiográfico das contribuições da Antiguidade pode parecer folclórico diante do conhecimento atual. Mas, mesmo que oculta, a influência de Aristóteles e de Platão está presente na forma como o pensamento governa os hábitos intelectuais da civilização atual.

Um dos problemas que ocuparam Platão e Aristóteles foi a acrasia, que leva uma pessoa a tomar uma atitude contrária à que sabe ser a correta. Se está claro, por exemplo, que uma moderada dose diária de exercícios é suficiente para prevenir uma série de doenças graves e trazer benefícios à saúde, por que alguém optaria por passar horas deitado no sofá e se locomover apenas de carro? Para Sócrates, a resposta era simples: guiado pela razão, o ser humano só deixa de fazer o que é melhor se lhe faltar o conhecimento.

Platão discordava, e resolveu o dilema dividindo a alma em três partes: um par de cavalos alados conduzidos por um cocheiro que representa uma delas, a razão. Um dos cavalos, arreado, só pode ser controlado a chicotadas e representa os apetites. O outro é a porção irascível da alma. É o impulso, em geral obediente à razão, mas que pode levar a decisões impetuosas em determinadas situações. “O que determina as ações seriam fontes distintas de motivação”, observa Zingano. Platão pensou o conflito como interno à alma, dando lugar à acrasia. Já Aristóteles dedicou um livro de sua Ética ao fenômeno.

Aristóteles e Platão tiveram um papel importante – e persistente – porque foram grandes sistematizadores do conhecimento. Eles procuraram domar conceitos diversos do Universo, do corpo e da mente, entender seu funcionamento e deixar registrado para uso futuro. Resgatar esses textos, explica Zingano, é uma busca da compreensão de como a cultura ocidental descreve o mundo e enxerga a si mesma ainda hoje.

revistapesquisa.fapesp.br

Um dos problemas que ocuparam Platão e Aristóteles foi **a acrasia**... (3º parágrafo)

O segmento destacado exerce, na frase acima, a mesma função sintática que o segmento também grifado em:

- a)... guiado pela razão, **o ser humano** só deixa de fazer o que é melhor se...
- b)... o pensamento dessas civilizações foi moldado **por Aristóteles e Platão**.
- c) Eles procuraram domar **conceitos diversos do Universo**...
- d)... conduzidos por um cocheiro que representa uma delas, **a razão**.
- e)... só pode ser controlado **a chicotadas** e representa os apetites...



A função sintática do termo em destaque é a de **sujeito** ("o que é que foi um dos problemas que ocuparam Platão e Aristóteles?" Resposta: "A acrasia"). A dificuldade é o fato de esse termo estar **após** a forma verbal.

Nas alternativas, a única expressão destacada que exerce função de sujeito é "o ser humano".

Letra a.

036. (CETREDE/EMATERCE/AGENTE/2018) Nas afirmativas a seguir, marque a opção cujo termo destacado funciona como objeto indireto.

- a) A sala está cheia **de gente**.
- b) A crença **em Deus** é necessária.
- c) O ministro disse **uma besteira**.
- d) O mundo é filho **da desobediência**.
- e) Edite desconfia **de tudo**.



Para ser objeto **indireto**, é necessário que: o termo seja complemento do verbo; seja preposicionado.

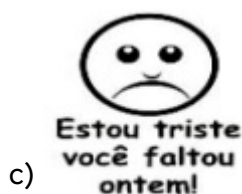
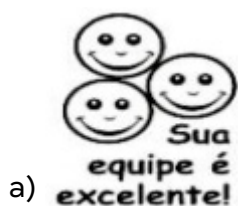
Nas alternativas, o termo destacado que atende essas exigências está em (e): é complemento do verbo "desconfiar" e é preposicionado (**de**).

Nas alternativas (a), (b) e (d), os termos preposicionados estão relacionados a nomes: "cheia", "crença" e "filho".

Em (c), o termo destacado é complemento do verbo "dizer", mas não é preposicionado.

Letra e.

037. (FGR/PREF.CABECEIRA GRANDE-MG/AUXILIAR/2018) Marque a alternativa abaixo cujo enunciado exemplifica uma frase nominal.



Em nossa aula, vimos que uma frase nominal é caracterizada por ser um enunciado que transmite informações **sem** um verbo flexionado. Por isso mesmo, a frase nominal é mais dependente do contexto.

Nas alternativas, temos as seguintes frases verbais (isto é, enunciados que se apoiam em verbo flexionado):

a) Sua equipe **É** excelente.

c) **ESTOU** triste você **faltou** ontem.

d) Você **É** brilhante.

A alternativa (b) não apresenta nenhuma forma verbal flexionada. Por isso, deve ser classificada como frase nominal (lembre-se: é frase porque é um enunciado que veicula informações).

Letra b.

038. (VUNESP/PC-SP/INVESTIGADOR/2018)

Derivada do latim, língua portuguesa é a sétima mais falada no mundo

O português é a língua oficial de nove países e tem mais de 260 milhões de falantes. De acordo com o instituto americano SIL International, há mais de 7000 idiomas no mundo, e o português é o sétimo mais falado.

Parte do grupo das línguas românicas, que inclui o espanhol e o italiano, entre outras, o português é derivado do latim – idioma que teve origem na Itália, na pequena região do Lácio, onde está Roma.

O latim disseminou-se na Europa juntamente com a expansão do domínio do Império Romano.

Foi com as tropas romanas que o latim chegou à face sul do continente europeu (onde hoje estão os territórios de Portugal e Espanha), entre os séculos 3º e 2º a.C.

Devido a ocupações anteriores, a Península Ibérica já tinha a presença de outros povos (e suas línguas, por consequência), como os celtas. Ao longo do tempo, o latim falado foi incorporando elementos linguísticos dessas e de outras populações.

Quando o Império Romano ruiu, no século 5º d.C., a Península Ibérica já estava totalmente latinizada, e o idioma manteve-se em uso por seus habitantes.

No século 15, com a expansão marítima de Portugal, a língua foi espalhada por suas colônias. O uso de outros idiomas ou dialetos locais era, muitas vezes, proibido.

Hoje há muito mais falantes de português fora de Portugal, que tem apenas 10 milhões de habitantes.

<https://www1.folha.uol.com.br>. Adaptado

O substantivo funciona como núcleo do sintagma em que ocorre. Esse sintagma pode ser nominal e, quando não preposicionado, desempenhar a função de sujeito, entre outras. (Maria Helena de Moura Neves, Gramática de usos do português. Adaptado)

No trecho do 4º parágrafo – Foi com as tropas romanas que o latim chegou à face sul do continente europeu... –, o termo que exemplifica a definição, sendo um substantivo como núcleo do sujeito da oração, é

- a) tropas.
- b) face.
- c) continente.
- d) latim.
- e) romanas.



O sujeito da oração em análise (Foi com as tropas romanas que o latim chegou à face sul do continente europeu...) é “o **latim**” (pergunte ao predicado: “quem chegou?”). O núcleo desse sujeito é “**latim**”. Simples assim: alternativa (d).

Letra d.

039. (IDECAN/IF-AM/ASSISTENTE/2019)

Grandes questões. Respostas indígenas.

Esta semana, no Rio de Janeiro, o povo Kuikuro do Alto Xingu vai dizer HEKITE KUATSANGE EGEI ENHÜGÜ (Seja bem-vindo!) para pesquisadores indígenas de todo o mundo. De Papua-Nova Guiné, Kiribati, Sudão, Dominica, Uganda, Índia, Quênia e Colômbia, assim como das comunidades Guarani-Kaiowá, Tuxa, Baniwa e Tupinambá do Brasil, povos indígenas se reúnem no Museu do Índio para refletir criticamente sobre como métodos indígenas de pesquisa são essenciais para entender os principais problemas que o mundo enfrenta no século XXI.

Seja para abordar os desafios da mudança climática ou o racismo, a sustentabilidade ambiental ou a violência de gênero, a seca ou patrimônios culturais ameaçados, os pesquisadores questionam como o conhecimento indígena pode ser ativado de forma efetiva como um recurso para desenvolvimento no futuro. Pesquisadores do Sudão mostram como o conhecimento tradicional núbio pode informar decisões sobre agricultura sustentável. Uma pesquisadora do povo Emberá-Chami demonstra a importância do conhecimento indígena para a resolução de questões de deslocamento forçado na Colômbia ao lado de um pesquisador Acholi, que examina soluções para a seca em Uganda.

Grandes questões. Respostas indígenas. Apesar de todos os impactos positivos dessas colaborações para pesquisas até agora, sabemos que o Brasil enfrenta questões urgentes relacionadas à sua herança indígena e seu futuro. Esse seminário é uma chance para que o povo Kuikuro peça aos colegas indígenas que reflitam juntos sobre como a pesquisa acadêmica pode proteger, preservar e promover o desenvolvimento sustentável para os povos indígenas do Brasil.

Pesquisadores foram convidados a vir ao país para perguntar e entender como esforços de pesquisa colaborativa podem promover a resiliência às atuais ameaças a identidades, terras, águas e culturas indígenas.

Precisamos de metodologias indígenas de pesquisa para compreender a relação entre o desmatamento, a mudança climática, os ciclos de colheita e os rituais dos calendários indígenas. Para resistir à municipalização da assistência médica indígena, é preciso haver pesquisas para examinar como manter um cuidadoso equilíbrio entre conhecimentos

indígenas e não indígenas. Já que os Kuikuro não podem mais beber a água do Rio Xingu, precisamos questionar: por quanto tempo seus peixes continuarão a alimentar as aldeias, à medida que toxinas agrícolas e industriais poluem seus afluentes ou o próprio rio é bloqueado por barragens hidrelétricas?

Os debates começam sob os milhares de estrelas do céu do Xingu, no Planetário do Rio, enquanto se contemplam as cosmologias indígenas nas constelações de cada um de nossos visitantes. Na sequência, haverá a busca de respostas para perguntas significativas. Como criar pesquisas equitativas, específicas a um contexto e sensíveis em termos históricos, culturais e linguísticos? Como a coprodução de conhecimento entre pesquisadores indígenas e não indígenas pode superar desequilíbrios de poder arraigados, sobre os quais nossos sistemas universitários de ensino e pesquisa são construídos?

Os conselhos de pesquisa do Reino Unido reuniram colaboradores de doze projetos conduzidos por acadêmicos britânicos em parceria com pesquisadores indígenas de várias partes do mundo para criar um novo conjunto de diretrizes para pesquisa em universidades britânicas. Financiado pelo Global Challenges Research Fund (GCRF) –um investimento de 1,5 bilhão de libras por parte do governo do Reino Unido para criar parcerias que apoiem pesquisas de ponta para lidar com os principais desafios enfrentados por países em desenvolvimento –, o seminário examina em que medida a pesquisa financiada pelo Reino Unido está sendo conduzida a partir do ponto de vista indígena e busca propor como as universidades podem garantir uma estrutura ética para pesquisas que tragam benefícios diretos a povos indígenas. Acima de tudo, vai questionar que tipo de pesquisa vale a pena conduzir e qual a melhor forma de realizá-la.

O povo Kuikuro e a Universidade Queen Mary de Londres colaboram em projetos de pesquisa financiados pelo GCRF desde 2016. Isso resultou em um programa de residências artísticas organizado pelo povo Kuikuro na Aldeia Ipatse no Alto Xingu, que reuniu mais de 20 artistas de Londres, Madri e Rio de Janeiro.

Em contrapartida, Takumã fez um documentário que oferece uma reflexão crítica sobre modelos britânicos de multiculturalismo, e os Kuikuro colaboraram com o Museu Horniman, em Londres, para criar uma experiência imersiva da cultura do Xingu com o uso de tecnologias de realidade virtual e aumentada.

Ao dar boas-vindas a nossos colegas de várias partes do mundo, vamos compartilhar muitas questões e esperamos ter algumas respostas. Vamos também contar histórias e refletir sobre como as narrativas que precisamos contar e ouvir estão cada vez mais ameaçadas de extinção. Estamos nos reunindo para criar e mobilizar conhecimentos.

(Takumã Kuikuro e Paul Heritage. Le Monde Diplomatique Brasil. 21 de março de 2019, com adaptações.)

Assinale a alternativa em que a inversão da ordem dos termos provoque alteração gramatical e semântica.

- a) principais problemas (linha 5) / problemas principais
- b) conhecimento tradicional (linha 9) / tradicional conhecimento
- c) atuais ameaças (linha 18) / ameaças atuais
- d) várias partes (linha 31) / partes várias
- e) experiência imersiva (linha 42) / imersiva experiência



Ao se inverter “várias partes” por “partes várias”, o sentido é distinto (bem como a classe gramatical). Em “várias partes”, “várias” é pronome indefinido plural e denota “vários, diversos, numerosos”. Em “partes várias”, “várias” é adjetivo e denota “pertencente a uma pluralidade de espécies; sortido”.

Letra d.

040. (FGV/SEPOG-RO/TÉCNICO/2017)

Temos uma notícia triste: o coração não é o órgão do amor! Ao contrário do que dizem, não é ali que moram os sentimentos. Puxa, para que serve ele, afinal? Calma, não jogue o coração para escanteio, ele é superimportante. “É um órgão vital. É dele a função de bombear sangue para todas as células de nosso corpo”, explica Sérgio Jardim, cardiologista do Hospital do Coração.

O coração é um músculo oco, por onde passa o sangue, e tem dois sistemas de bombeamento independentes. Com essas “bombas” ele recebe o sangue das veias e lança para as artérias. Para isso contrai e relaxa, diminuindo e aumentando de tamanho. E o que tem a ver com o amor? “Ele realmente bate mais rápido quando uma pessoa está apaixonada. O corpo libera adrenalina, aumentando os batimentos cardíacos e a pressão arterial”.

(O Estado de São Paulo, 09/06/2012, caderno suplementar, p. 6)

Assinale a opção que apresenta o segmento do texto cuja modificação na ordem dos termos **altera** o significado original.

- a) Puxa, para que ele serve, afinal? / Puxa, afinal, ele serve para quê?
- b)...ele recebe o sangue das veias e lança para as artérias / ele passa para as artérias o sangue que recebe das veias.
- c) O corpo libera adrenalina / a adrenalina é liberada pelo corpo.
- d)...aumentando os batimentos cardíacos e a pressão arterial / aumentando a pressão arterial e os batimentos cardíacos.
- e)...não é ali que moram os sentimentos / não são os sentimentos que moram ali.



Em (e), a alteração da ordem modifica o escopo da negação: primeiramente, nega-se o local da morada; na inversão, nega-se o que se mora.

Letra e.

QUESTÕES DO TIPO CERTO/ERRADO

041. (CEBRASPE/SEDUC-AL/PROFESSOR/2018)

1| Deixei-o nessa reticência, e fui descalçar as botas, que
estavam apertadas. Uma vez aliviado, respirei à larga, e
deitei-me a fio comprido, enquanto os pés, e todo eu atrás
4| deles, entrávamos numa relativa bem-aventurança. Então
considerarei que as botas apertadas são uma das maiores venturas
da Terra, porque, fazendo doer os pés, dão azo ao prazer de as
7|descalçar. Mortifica os pés, desgraçado, desmortifica-os
depois, e aí tens a felicidade barata, ao sabor dos sapateiros e
de Epicuro. (...) Daqui inferi eu que a vida é o mais engenhoso
10| dos fenômenos, porque só aguça a fome, com o fim de deparar
a ocasião de comer, e não inventou os calos, senão porque eles
aperfeiçoam a felicidade terrestre. Em verdade vos digo que
13| toda a sabedoria humana não vale um par de botas curtas.

Machado de Assis. Memórias póstumas de Brás Cubas. In: Obra Completa, v. 1, p. 555-6.

Dados os sentidos do texto, subentende-se que o agente da forma verbal “Mortifica” (l.7) é “botas” (l.5).



O primeiro ponto a ser notado: caso “botas” fosse sujeito do verbo “mortificar”, a concordância seria necessária (e então teríamos “as botas mortificam”).

Em segundo lugar, o verbo está no imperativo afirmativo e concorda com a segunda pessoa do singular.

Errado.

042. (CEBRASPE/STJ/TÉCNICO/2018)

10| Autores importantes do campo
da ciência política e da filosofia política e moral se debruçaram
intensamente em torno dessa Oao longo do século XX,

13| e chegaram a conclusões diversas uns dos outros. Embora a perspectiva analítica de cada um desses autores divirja entre si, eles estão preocupados em desenvolver formas de promoção de 16| situações de justiça social e têm hipóteses concretas para se chegar a esse estado de coisas.

O sujeito da forma verbal “têm” (l.16) está elíptico e retoma “cada um desses autores” (l.14).



A forma verbal “têm” retoma o pronome “eles”, da linha 15.

Errado.

043. (CEBRASPE/SEFAZ-RS/AUDITOR/2018)

26| Por outro lado, a substituição dos tributos indiretos, que atingem o fluxo econômico, por tributos que incidam 28| sobre o estoque da riqueza tem o mérito de criar maior desenvolvimento econômico, pois gera mais consumo, produção e lucros que compensam a tributação sobre a riqueza.

O sujeito da forma verbal “incidam”, na linha 27 do texto é corretamente classificado como simples.



O sujeito da forma verbal “incidam” é o pronome relativo “que”, cujo referente é “tributos”. Assim, a pluralidade do referente desencadeia a concordância na forma verbal. O sujeito é classificado, portanto, como simples.

Certo.

044. (CEBRASPE/TRE-BA/TÉCNICO/2017)

1| Em sua definição, o voto em branco é aquele que não se dirige a nenhum candidato entre os que disputam as eleições. São considerados, portanto, votos estéreis, porque 4| não produzem frutos. Os votos nulos, por sua vez, são aqueles que, somados aos votos em branco, compõem a categoria dos votos estéreis, inválidos ou, como denominou o Tribunal 7| Superior Eleitoral, votos apolíticos. Logo, os votos em branco e os nulos são votos que, a princípio, não produzem resultado nem influenciam no resultado do pleito.

10| Ao comparecer às urnas no dia das eleições, o eleitor

que apresentar voto em branco ou nulo pode fazê-lo por diversas razões. Esses motivos podem embasar tanto a postura
13| dos que votam em branco quanto a dos que votam nulo, pois o resultado final é o mesmo: invalidar o voto. Assim sendo, não é razoável diferenciar o voto em branco do voto nulo.

16| Deve-se considerar a essência do ato, a sua real motivação, que é a invalidação. É evidente que não se sabe, ao certo, a razão que motiva cada eleitor a votar em branco ou nulo; entretanto,
19| em ambos os casos, não há dúvida quanto à invalidade do voto por ele dado.

Renata Dias. Os votos brancos e nulos no estado democrático de direito: a legitimidade das eleições majoritárias no Brasil. In: Estudos eleitorais, v. 8, n. 1, jan./abr. 2013, p. 36-8 (com adaptações).

O termo “o Tribunal Superior Eleitoral” (l.6 e 7) desempenha a mesma função sintática que “a razão” (l.17).



O termo “o Tribunal Superior Eleitoral” é sujeito posposto da forma verbal “denominou”, na mesma linha. O termo “a razão” é sujeito da forma passiva sintética “se sabe”.

Certo.

045. (CEBRASPE/TRT 21ª REGIÃO/ANALISTA/2017)

Vejo pela manhã os escolares caminhando rumo aos estabelecimentos de ensino. Uma boa percentagem carrega o malote nas costas, preso pelas correias passando pelos ombros. Assim usam meus netos. Meus filhos imitaram os pais, conduzindo os livros numa bolsa, levada na mão esquerda. A recomendação clássica é ter sempre a mão direita livre, desocupada, pronta para a defesa.

Esse transporte da bolsa estudantil parece pormenor sem importância. Mesmo assim foi anotado há mais de vinte séculos em versos latinos. O poeta Quinto Horácio Flaco faleceu oito anos antes de Jesus Cristo nascer. No primeiro livro das Sátiras, a sexta inclui essa referência, recordação do menino Horácio, filho de liberto, indo para a aula do brutal Orbílio Pupilo, ex-soldado em Benavente: *Laevo suspensi locutos tabulamque lacerto*. Antônio Luís Seabra (1799-1895), tradutor de Horácio, divulgou o “No braço esquerdo com tabela e bolsa”. Essas “tabelas” eram as placas de madeira encerada onde escreviam. Valiam os livros contemporâneos. A figura do escolar atravessando as ruas da tumultuosa Roma no ano 55 e que seria o eternamente vivo Horácio, volta aos meus olhos, nessa janela provinciana e brasileira, aos seis graus ao sul da Equinocial.

(CASCUDO, Câmara, “Indo para a Escola”, em História dos Nossos Gestos. Edição digital. Rio de Janeiro: Global, 2012)

O segmento destacado em “Assim usam **meus netos**” (1º parágrafo) exerce, no contexto, a mesma função sintática que o termo destacado em “**Uma boa percentagem** carrega o malote nas costas...” (1º parágrafo).



Ambas as formas exercem função de sujeito sintático de seus respectivos predicados. Em “assim usam meus netos”, “meus netos” é sujeito posposto de “usam”.

Certo.

046. (CEBRASPE/TJ-AM/ANALISTA/2019) Texto CB1A1-I:

16| compre um automóvel com um
crédito bancário, mas deixe de pagar suas prestações. Uma
manhã, introduz sua chave digital no veículo, e a porta não
19| abre. Foi bloqueada por falta de cumprimento do contrato.
Minutos depois, chega o funcionário do banco com outra chave
digital. Abre a porta, liga o motor e parte com o veículo.
22| O contrato inteligente bloqueou, de maneira automática, o uso
do dispositivo digital por Alice, porque ela não cumpriu o
contrato. O banco recupera o veículo, sem perder tempo com
25| advogados.

*Federico Ast. Como faremos justiça? – A chegada dos contratos inteligentes. In: ÉPOCA negócios.
9/12/2018. Internet: <<https://epocanegocios.globo.com>> (com adaptações).*

No trecho “Abre a porta, liga o motor e parte com o veículo” (l.21), o termo “o veículo” é sujeito das formas verbais “Abre”, “liga” e “parte”.



O referente das formas verbais destacadas é “o funcionário do banco”, expresso no período anterior. Veja que os verbos possuem sujeito elíptico na terceira pessoa do singular (compatível com o referente no período anterior, o qual também é de terceira pessoa do singular).

Errado.

047. (CEBRASPE/IHBASE/MÉDICO/2018) Texto CG1A1AAA:

1| Nasci no Brás, durante a Segunda Guerra. Da rua
em que morávamos até a Praça da Sé, são vinte minutos
de caminhada.
4| Quando estava com sete anos, acordei com
os olhos inchados, e meu pai me levou ao pediatra.

Ao voltarmos, o futebol ininterrupto que jogávamos com
7| bola de borracha na porta da fábrica em frente parou e
a molecada correu até nós. Queriam saber se era verdade que
os médicos davam injeções enormes na bunda das crianças.

10| Nenhum daqueles filhos de operários, meus irmãos
ou eu havia ido ao pediatra; só os fortes sobreviviam, a morte
de crianças era aceita com resignação. Em várias regiões

13| do país, a mortalidade infantil ultrapassava uma centena
para cada mil nascidos.

Se a assistência médica não chegava efetivamente

16| ao Brás fabril, o primeiro bairro da zona leste, encostado
no centro da cidade que mais crescia na América Latina,
que cuidados recebiam aqueles da zona rural, que constituíam
19| mais de 70% da população?

Sarampo, caxumba, catapora, difteria e tosse
comprida eram doenças da infância, tão inevitáveis quanto
22| a noite e o dia. Qualquer episódio de febre que deixasse
a criança apática enlouquecia as mães, apavoradas pelo
fantasma onipresente da poliomielite. O som metálico das
25| próteses que acompanhava os passos de meninas e meninos
era ouvido em toda parte

No pronto-socorro de pediatria, os bebês com
28| diarreia e desidratação eram atendidos em uma sala com
trinta berços, ao lado dos quais as mães passavam os dias
e as noites em vigília. Morriam quatro ou cinco em cada
31| plantão de 12 horas.

Em 1988, o SUS passou a fazer parte da
Constituição Federal. Nós nos tornamos o único país com
34| mais de 100 milhões de habitantes que ousou oferecer
saúde para todos. Apesar de termos nos esquecido de onde
sairiam os recursos para tamanho desafio, dos descasos,
37| das interferências políticas, hoje são raras as crianças sem
acesso a pediatria.

Em contraste com as imagens de unidades de saúde
40| caindo aos pedaços e prontos-socorros com doentes no chão,
as equipes do Saúde da Família atendem, de casa em casa,
a maior parte do país continental. Temos o maior programa

43| gratuito de vacinações e de transplante de órgãos do mundo.

A distribuição universal de medicamentos contra HIV

não só impediu que a epidemia se transformasse em catástrofe

46| nacional, como serviu de base para o combate em países

da África e da Ásia.

Se pensarmos que, nos tempos desassistidos de

49| minha infância, o Brasil tinha 50 milhões de habitantes,

enquanto hoje somos 200 milhões, a assistência médica deu

um salto quantitativo e de qualidade muito superior ao de

52| outras áreas sociais, apesar de todas as deficiências gerenciais.

Drauzio Varella. Os visionários do SUS. 14/12/2015. Internet: <<https://drauziovarella.com.br>> (com adaptações)

O sujeito da forma verbal “parou” (l.7) é “fábrica” (l.7).



O sujeito da forma verbal “parou” é “futebol” (l.6).

Errado.

048. (CEBRASPE/PGE-PE/ANALISTA/2019)

1| A própria palavra “crise” é bem mais a expressão de

um movimento do espírito que de um juízo fundado em

argumentos extraídos da razão ou da experiência. Não há

4| período histórico que não tenha sido julgado, de uma parte ou

de outra, como um período em crise. Ouvi falar de crise em

todas as fases da minha vida: depois da Primeira Guerra

7| Mundial, durante o fascismo e o nazismo, durante a Segunda

Guerra Mundial, no pós-guerra, bem como naqueles que foram

chamados de anos de chumbo. Sempre duvidei que o conceito

10| de crise tivesse qualquer utilidade para definir uma sociedade

ou uma época.

Que fique claro: não tenho nenhuma intenção de

13| difamar ou condenar o passado para absolver o presente, nem

de deplorar o presente para louvar os bons tempos antigos.

Desejo apenas ajudar a que se compreenda que todo juízo

16| excessivamente resoluto nesse campo corre o risco de parecer

leviano. Certamente, existem épocas mais turbulentas e outras

menos. Mas é difícil dizer se a maior turbulência depende de

19| uma crise moral (de uma diminuição da crença em princípios fundamentais) ou de outras causas, econômicas, sociais, políticas, culturais ou até mesmo biológicas.

Norberto Bobbio. Elogio da serenidade e outros escritos morais. Trad. Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Editora UNESP, 2002, p. 160-1 (com adaptações).

Todo o trecho subsequente ao termo “difícil” (l.18) funciona como complemento desse termo.



A estrutura “é difícil” é um predicado cujo sujeito é a estrutura oracional “dizer se a maior turbulência depende de uma crise moral”. A ordem direta é esta: “dizer se a maior turbulência depende de uma crise moral é difícil”.

Errado.

049. (CEBRASPE/PRF/POLICIAL/2019)

Se prestarmos atenção à nossa volta, perceberemos que quase tudo que vemos existe em razão de atividades do
10| trabalho humano. Os processos de produção dos objetos que nos cercam movimentam relações diversas entre os indivíduos, assim como a organização do trabalho
13| alterou-se bastante entre diferentes sociedades e momentos da história.

Thiago de Mello. Trabalho. Internet: <educacao.globo.com> (com adaptações).

No trecho “Os processos de produção dos objetos que nos cercam movimentam relações diversas entre os indivíduos” (l.10 a 12), o sujeito da forma verbal “cercam” é “Os processos de produção dos objetos”.



O sujeito da forma verbal “cercam” é o pronome relativo “que”, o qual tem como referente “objetos”.

Errado.

050. (CEBRASPE/PC-SE/DELEGADO/2018)

10| Para que a atuação policial ocorra dentro dos parâmetros democráticos, é essencial que haja a implementação de um modelo de policiamento que
13| corresponda aos preceitos constitucionais, promovendo-se o equilíbrio entre os pressupostos de liberdade e segurança.

Almir de Oliveira Junior (Org.) Instituições participativas no âmbito da segurança pública: programas impulsionados por instituições policiais. Rio de Janeiro: IPEA, 2016, p. 13 (com adaptações)

A oração “que haja a implementação de um modelo de policiamento” (l.11 e 12) tem a função de qualificar o adjetivo que a antecede: “essencial” (l.11).



É preciso perguntar ao predicado “é essencial”: o que é essencial? A resposta que temos é: “que haja a implementação de um modelo de policiamento”. É por isso que estamos diante de uma oração subordinada substantiva (subjativa), não adjetiva.

Errado.

051. (CEBRASPE/PC-SE/DELEGADO/2018) Texto CB1A4-I:

1| — Tinha vinte e cinco anos, era pobre, e acabava de
ser nomeado alferes da Guarda Nacional. Não imaginam o
acontecimento que isto foi em nossa casa. Minha mãe ficou tão
4| orgulhosa! Vai então uma das minhas tias, D. Marcolina, que
morava a muitas léguas da vila, num sítio escuso e solitário,
desejou ver-me, e pediu que fosse ter com ela e levasse a farda.
7| Chamava-me também o seu alferes. E sempre alferes; era
alferes para cá, alferes para lá, alferes a toda a hora. Na mesa
tinha eu o melhor lugar, e era o primeiro servido. Não
10| imaginam. Se lhes disser que o entusiasmo da tia Marcolina
chegou ao ponto de mandar pôr no meu quarto um grande
espelho, naturalmente muito velho; mas via-se-lhe ainda
13| o ouro.

— Espelho grande?

— Grande. E foi, como digo, uma enorme fineza,

16| porque o espelho estava na sala; era a melhor peça da casa.
Mas não houve forças que a demovessem do propósito;
respondia que não fazia falta, que era só por algumas semanas,
19| e finalmente que o “senhor alferes” merecia muito mais. O
certo é que todas essas coisas, carinhos, atenções, obséquios,
fizeram em mim uma transformação, que o natural sentimento
22| da mocidade ajudou e completou. Imaginam, creio eu?

— Não.

— O alferes eliminou o homem. Durante alguns dias

25| as duas naturezas equilibraram-se; mas não tardou que a
primitiva cedesse à outra; ficou-me uma parte mínima de
humanidade. Aconteceu então que a alma exterior, que era

28| dantes o sol, o ar, o campo, os olhos das moças, mudou de natureza, e passou a ser a cortesia e os rapapés da casa, tudo o que me falava do posto, nada do que me falava do homem. A
31| única parte do cidadão que ficou comigo foi aquela que entendia com o exercício da patente; a outra dispersou-se no ar e no passado. Vamos aos fatos. Vamos ver como, ao tempo em
34| que a consciência do homem se obliterava, a do alferes tornava-se viva e intensa. No fim de três semanas, era outro, totalmente outro.

Machado de Assis. O espelho. In: John Gladson (Org.). 50 contos de Machado de Assis. Cia. das Letras. Edição eletrônica. Internet: <<https://lelivros.org>> (com adaptações).

Na linha 18, os sujeitos das formas verbais “respondia” e “fazia” estão elípticos e referem-se, respectivamente, a “tia Marcolina” e “espelho”, mencionados anteriormente no texto.



Ambas as formas verbais possuem sujeitos elípticos (expressos apenas na flexão verbal). Os referentes dessas elipses são, como corretamente indicado pelo item: “tia Marcolina” e “espelho”.

Certo.

052. (CEBRASPE/MPE-PI/NÍVEL SUPERIOR/2018) Texto CB1A1-I:

1| Escrita, secreta e submetida, para construir as suas provas, a regras rigorosas, a investigação penal é uma máquina que pode produzir a verdade na ausência do réu.
4| E, por isso mesmo, esse procedimento tende necessariamente para a confissão, embora em direito estrito não a exija. Por duas razões: em primeiro lugar, porque constitui uma
7| prova tão forte que não há necessidade de acrescentar outras, nem de entrar na difícil e duvidosa combinatória dos indícios; a confissão, desde que seja devidamente feita, quase
10| exime o acusador de fornecer outras provas (em todo o caso, as mais difíceis); em segundo, a única maneira para que esse procedimento perca toda a sua autoridade unívoca
13| e para que se torne uma vitória efetivamente obtida sobre o acusado, a única maneira para que a verdade exerça todo o seu poder, é que o criminoso assuma o seu próprio
16| crime e assine aquilo que foi sábia e obscuramente

construído pela investigação.

No interior do crime reconstituído por escrito,

19| o criminoso confessa desempenha o papel de verdade viva.

Ato do sujeito criminoso, responsável e falante, a confissão

é a peça complementar de uma investigação escrita e secreta.

22| Daí a importância que todo processo de tipo inquisitorial

atribui à confissão. Por um lado, tenta-se fazê-la entrar no cálculo geral

25| das provas, como se fosse apenas mais uma: não é a *evidentia*

rei; tal como a mais forte das provas, não pode por si só

implicar a condenação e tem de ser acompanhada por indícios

28| anexos e presunções, pois já houve acusados que se declararam

culpados de crimes que não cometeram; se não tiver em sua

posse mais do que a confissão regular do culpado, o juiz deverá

31| então fazer investigações complementares. Mas, por outro lado,

a confissão triunfa sobre quaisquer outras provas. Até certo

ponto, transcende-as; elemento no cálculo da verdade, a

34| confissão é também o ato pelo qual o réu aceita a acusação e

reconhece os seus bons fundamentos; transforma uma

investigação feita sem a sua participação em uma afirmação

37| voluntária.

Michel Foucault. Vigiar e punir – nascimento da prisão. Trad. Pedro Elói Duarte. Ed. 70: 2013 (com adaptações).

O sujeito da forma verbal “cometeram” (l.29) é indeterminado.



A forma verbal “comentaram” possui sujeito ELÍPTICO, já que há referente claro: “acusados” (l.28), de terceira pessoa do plural.

Errado.

053. (CEBRASPE/INSTITUTO RIO BRANCO/DIPLOMATA/2018) Texto XI:

1| Até meados do século XIX, a classe que trafica

adquire bens para convertê-los em lucro e benefício. Daí em

diante, ela será outra. Um traço para distinguir as duas fases já

4| foi lembrado: o despertar do entorpecimento que lhe causava

a predominância social da classe proprietária, por sua vez, na

cúpula, recoberta pelo estamento dos que mandam, governam

7| e dirigem a política. Mas que não haja equívoco: o arrastar na

sombra denunciava-lhe prestígio negativo, oriundo da composição de estrangeiros entre seus membros e do tipo de 10| negócios a que se dedicava, sobretudo no comércio negreiro. Não que vivesse alheia à importância econômica ou à eficiência no trato do sistema. Era ela a categoria dinâmica da 13| economia, a que lhe dava impulso à energia, financiando a produção, com o fornecimento de crédito e escravos. Sobretudo, armava o elo que ligava o café ao comércio 16| mundial, polo diretor, em última instância, da economia nacional, dependente de flutuação de centros de decisões fora do país. De outro lado, comunicava às cidades e ao campo a 19| modernização, de nível europeu, de mercadorias, e, por via delas, de costumes, modas e hábitos de consumo. Estava na sombra, mas não lhe faltava atividade, vibração nervosa e 22| energia. Por via desse subterrâneo pulsar, ligava-se ao estrato dirigente, o estamento, com repulsa e, não raro, em oposição de estilos de vida, mas em íntima compreensão, além da zona 25| dos salões e dos palácios, aos interesses materiais. Assim é que, antes de 1850, a arquitetura política, caracterizada no centralismo, servia mais ao grupo dos negociantes, 28| comissários, traficantes de escravos, importadores e exportadores, do que aos isolados produtores e fazendeiros. Servia-a, também, a estabilidade monetária, quebrada de 31| maneira grave com a agitação de fazendeiros e especuladores industriais no fim do império. Houve um momento em que ela — a classe lucrativa — se emancipou, passou a viver de seu 34| próprio impulso, sem se disfarçar ou mascarar-se em traços secundários de outra classe, detentora de maior expressão social, ou do estrato monopolizador do prestígio político. Sobe 37| uma classe e dentro dela elevam-se muitos aspirantes a essa camada. Individualmente, é o momento da crise — o homem escolhe o seu caminho, desdenhando o curso batido e 40| frequentado. Socialmente, toda uma camada quer os bens da vida, materiais e ideais, sem arrimos ou auxílios, agora vistos como ilegítimos. O empresário faz-se na cidade, conquista 43| títulos de nobreza e cadeiras no parlamento. Foi neste momento que a surpreendeu Machado de Assis, mal inclinado

a ela por força de seu preconceito, nutrido de tradição. No seu
46| sarcasmo, ferindo-a de zombarias e riso, ele vê um mundo que
cresce a sua frente, transformando a sociedade — ele tudo vê,
com escândalo, repugnância e indignação. O dinheiro,
49| avassalando os negócios, invade as consciências,
infundindo torpeza em toda parte, na queda de escrúpulos,
virtudes e valores.

Raymundo Faoro. Lucro e negócios — classe lucrativa. In: Machado de Assis — a pirâmide e o trapézio. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974. p. 226 (com adaptações).

No período “Sobe uma classe e dentro dela elevam-se muitos aspirantes a essa camada” (l.36 a 38), os termos “uma classe” e “muitos aspirantes a essa camada” exercem função de sujeito nas orações em que se inserem.



No primeiro caso, “uma classe” é sujeito posposto da forma verbal “sobe”. Lembre-se: basta perguntar “quem é quê?” para o verbo. Na segunda estrutura, temos uma passiva verbal sintética (com partícula apassivadora “se”) com sujeito simples “muitos aspirantes a essa camada”.

Certo.

054. (CEBRASPE/IPHAN/NÍVEL MÉDIO/2018) Texto CB2A1AAA:

10| Certa produção historiográfica e sociológica, em
debate pelo menos desde os anos 70 do século passado e já
clássica na atualidade, trouxe novos ingredientes para a
13| reflexão sobre essa ambiguidade do papel do historiador e
do intelectual de um modo geral. Essa literatura aponta os
numerosos constrangimentos a que estavam submetidos, na
16| sua produção intelectual, em função de um processo de
formação, enquadramento e disciplinarização que
delineava um lugar de fala, limitado por regras de diversas
19| naturezas. Dentre elas, podem ser destacadas as de
financiamento de estudos, postos a julgamentos sobre suas
finalidades e objetivos por comissões de alto nível, bem
22| como as regras que regem a oferta de trabalho. O perfil e a
política das instituições em que estão inseridos, entre
outros aspectos, impõem a agenda dos estudos do
25| momento.

Márcia Chuva. História e patrimônio. In: Revista do patrimônio histórico e artístico nacional, n. 34, 2012, p. 11 (com adaptações).

O sujeito da locução verbal “estavam submetidos” (l.15) está elíptico e se refere a “historiador” (l.13) e “intelectual de um modo geral” (l.14).



Se perguntarmos à forma verbal “quem é quê?”, teremos a clara resposta: “o historiador” e “o intelectual de um modo geral”. Como se tratam de um par [REFERENTE 1] e [REFERENTE 2], a concordância deve ser relativa a uma terceira pessoa do PLURAL, exatamente como vemos em “estavam”.

Certo.

055. (CEBRASPE/EMAP/NÍVEL MÉDIO/2018)

1| A crescente internacionalização da economia,
decorrente, principalmente, da redução de barreiras ao
comércio mundial, da maior velocidade das inovações
4| tecnológicas e dos grandes avanços nas comunicações,
tem exigido mudanças efetivas na atuação do comércio
internacional.

7| A abordagem desse tipo de comércio, inevitavelmente,
passa pela concorrência, visto que é por meio da garantia
e da possibilidade de entrar no mercado internacional,
10| de estabelecer permanência ou de engendrar saída, que
se consubstancia a plena expansão das atividades comerciais
e se alcança o resultado último dessa interatuação: o preço
13| eficiente dos bens e serviços.

Defesa da concorrência e defesa comercial são
instrumentos à disposição dos Estados para lidar com distintos
16| cenários que afetem a economia. Destaca-se como a principal
diferença o efeito que cada instrumento busca neutralizar.

A política de defesa da concorrência busca
19| preservar o ambiente competitivo e coibir condutas desleais
advindas do exercício de poder de mercado. A política
de defesa comercial busca proteger a indústria nacional
22| de práticas desleais de comércio internacional.

Elaine Maria Octaviano Martins Curso de direito marítimo Barueri: Manoele, v 1, 2013, p 65 (com adaptações)

Acerca de aspectos linguísticos do texto precedente e das ideias nele contidas, julgue o item a seguir.

O sujeito da oração iniciada por “Destaca-se” (l.16) é indeterminado, portanto não está expresso.



A forma “destaca-se” é uma passiva sintética cujo sujeito, posposto, é “o efeito que cada instrumento busca neutralizar”.

Errado.

056. (CEBRASPE/EBSERH/NÍVEL SUPERIOR/2018) Texto CB1A1AAA:

1| Já houve quem dissesse por aí que o Rio de Janeiro é
a cidade das explosões. Na verdade, não há semana em que os
jornais não registrem uma aqui e ali, na parte rural.

A ideia que se faz do Rio é a de que é ele um vasto
paiol, e que vivemos sempre ameaçados de ir pelos ares, como
se estivéssemos a bordo de um navio de guerra, ou habitando
7| uma fortaleza cheia de explosivos terríveis.

Certamente que essa pólvora terá toda ela emprego
útil; mas, se ela é indispensável para certos fins industriais,
10| convinha que se averiguassem bem as causas das explosões,
se são acidentais ou propositais, a fim de que fossem removidas
na medida do possível. Isso, porém, é que não se tem dado e
13| creio que até hoje não têm as autoridades chegado a resultados
positivos.

Entretanto, é sabido que certas pólvoras, submetidas
16| a dadas condições, explodem espontaneamente, e tem sido essa
a explicação para uma série de acidentes bastante dolorosos, a
começar pelo do Maine, na baía de Havana, sem esquecer
19| também o do Aquidabã.

Noticiam os jornais que o governo vende, quando
avariada, grande quantidade dessas pólvoras.

22| Tudo indica que o primeiro cuidado do governo devia
ser não entregar a particulares tão perigosas pólvoras, que
explodem assim sem mais nem menos, pondo pacíficas vida
25| sem constante perigo.

Creio que o governo não é assim um negociante
ganancioso que vende gêneros que possam trazer a destruição
28| de vidas preciosas; e creio que não é, porquanto anda sempre zangado com os
farmacêuticos que vendem cocaína aos
suicidas. Há sempre no Estado curiosas contradições.

Lima Barreto Pólvora e cocaína In: Vida urbana, 5/1/1915 Internet: <www.dominiopublico.gov.br> (com adaptações)

No que se refere às estruturas linguísticas do texto CB1A1AAA, julgue o item seguinte.
O sujeito elíptico da forma verbal “anda” (l.28) retoma a expressão “um negociante ganancioso” (l. 26 e 27)



O referente da forma verbal “anda” é “o governo” (l.26).

Errado.

057. (CEBRASPE/SEDF/PROFESSOR/2017)

1| Quando indaguei a alguns escritores de sucesso que
manuais de estilo tinham consultado durante seu aprendizado,
a resposta mais comum foi “nenhum”. Disseram que escrever,
4| para eles, aconteceu naturalmente.

Eu seria o último dos mortais a duvidar que os bons
escritores foram abençoados com uma dose inata de fluência
7| mais sintaxe e memória para as palavras. Ninguém nasceu com
competência para redigir. Essa competência pode não se ter
originado nos manuais de estilo, mas deve ter vindo de algum
10| lugar.

O sentido original da oração “Essa competência pode não se ter originado nos manuais de estilo” (l.8 e 9) seria alterado caso a palavra “não” fosse deslocada para antes da forma verbal “pode”.



Aqui a interpretação é fundamental! Qual é a diferença entre as sequências “Essa competência NÃO pode se ter originado” e “Essa competência pode NÃO ter se originado”? Basicamente, a palavra “não”, caso fosse deslocada para antes da forma verbal “pode”, negaria a possibilidade. Quando a palavra “não” está após a forma verbal “pode”, a negação é apenas em relação à origem da competência (se nos manuais de estilo ou não).

Certo.

058. (CEBRASPE/SEDF/PROFESSOR/2017) O sujeito da oração iniciada pela forma verbal “Disseram” (l.3) é indeterminado.



O sujeito da forma verbal “disseram” pode ser identificado no período anterior: “escritores de sucesso”. A questão, ao contrário, diz que essa forma verbal possui sujeito indeterminado.

Veja como é importante conhecer o modo como os períodos se relacionam ao longo do parágrafo (e entre os parágrafos).

Errado.

059. (CEBRASPE/SEDF/PROFESSOR/2017) Em “Disseram que escrever, para eles, aconteceu naturalmente” (l.3 e 4), a supressão das vírgulas preservaria a correção gramatical do período, mas prejudicaria seu sentido original.



Interpretação outra vez! Para resolver a questão, contraste as duas frases:

(i) Disseram que escrever, para eles, aconteceu naturalmente.

(ii) Disseram que escrever para eles aconteceu naturalmente.

Os sentidos são diferentes, não é? Em (i), a forma “para eles” está deslocada, sendo a posição natural a final: Disseram que escrever aconteceu naturalmente “para eles” (ou “para eles naturalmente”). Em (ii), diferentemente, a ideia é a de que alguém escreve para eles (um admirador escreve cartas para os escritores) ou de que eles (os escritores) escrevem para alguém (para os fãs).

A correção gramatical se mantém porque há a possibilidade de estruturação sintática indicada em (ii), mas com sentido distinto do original.

Certo.

060. (CEBRASPE/TRF 1ª REGIÃO/ANALISTA/2017) Texto 4A4AAA:

1| A linguagem — seja ela oral ou escrita, seja mímica ou semafórica — é um sistema de símbolos, signos ou signos-símbolos, voluntariamente produzidos e

4| convencionalmente aceitos, mediante o qual o ser humano se comunica com seus semelhantes, expressando suas ideias, sentimentos ou desejos.

7| A linguagem ideal seria aquela em que cada palavra designasse apenas uma coisa, correspondesse a uma só ideia ou conceito, tivesse um só sentido. Como tal não ocorre em

10| nenhuma língua conhecida, as palavras são, por natureza, enganosas, porque polissêmicas ou plurivalentes.

Isoladas de contexto ou situação, as palavras quase

13| nada significam de maneira precisa, inequívoca (Ogden e Richards são radicais: “as palavras nada significam por si

mesmas”): “...o que determina o valor da palavra é o contexto,
16| o qual, a despeito da variedade de sentidos de que a palavra
seja suscetível, lhe impõe um valor ‘singular’; é o contexto
também que a liberta de todas as representações passadas, nela
19| acumuladas pela memória, e que lhe atribui um valor ‘atual’”.
Assim, por mais condicionada que esteja a significação de uma
palavra ao seu contexto, sempre subsiste nela, palavra, um
22| núcleo significativo mais ou menos estável e constante, além de
outros traços semânticos potenciais em condições de se
evidenciarem nos contextos em que ela apareça. Se, como
25| entendem Ogden e Richards, as palavras por si mesmas nada
significassem, a cada novo contexto elas adquiririam
significação diferente, o que tornaria praticamente impossível
28| a própria intercomunicação linguística.

Othon M. Garcia. Comunicação em Prosa Moderna. 21.ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002, p. 175-6 (com adaptações).

Na linha 21, o termo “palavra”, entre vírgulas, foi empregado para deixar claro o referente do vocábulo “nela”, evitando-se, assim, uma interpretação ambígua do período.



A possível ambiguidade está na possibilidade de o termo “nela” (l.21) fazer referência tanto a “palavra” (l.21) quanto a “significação” (l.20). Para dissolver essa dupla possibilidade de referência, o autor emprega o termo “palavra” para informar exatamente o referente do pronome presente em “nela”.

Certo.

REFERÊNCIAS

- AZEREDO, J. *Iniciação à sintaxe do português*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- BECHARA, E. *Lições de português pela análise sintática*. São Paulo, SP: Padrão, 1988.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: YHL, 1999.
- CAMARA Jr., J. M. *Dicionário de linguística e gramática*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2008.
- GARCIA, O. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2010.
- HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Editora Objetiva, 2009.
- KURY, Adriano da Gama. *Lições de análise sintática: Teoria e prática, com mais de 60 modelos, 250 períodos para exercícios e sua solução*. 5. ed. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1970.
- LIMA, Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

Abra



caminhos



crie

futuros

gran.com.br

